

# **MARIA INÊZ NUNES KASAI**

## **COR, POBREZA E AÇÃO AFIRMATIVA** **O PROJETO GERAÇÃO XXI ( SP, 1999 / 2006)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, como requisito para obtenção do grau de Mestre em História Social.

Orientador : Professor Doutor Marcos A. Silva

FFLCH-USP 2006



## **Tomé Nunes Viana (1908 - 1986)**

*Para você, meu pai, que veio a esse mundo com a indisfarçável cor Negra e que foi colocado inúmeras vezes "no seu devido lugar"\*.*

*Não tendo condições de abrir "portas"; abriu "janelas", para que seus oito filhos pudessem construir e trilhar seus próprios caminhos.*

*Nosso Muito Obrigado!*

*José (in memoriam)*

*Sebastião*

*Gabriela*

*Levy*

*Umbelina*

*Neuza*

*Cleusa*

*Maria Inêz.*

\* no seu devido lugar = lugar de negro.

*Á TODOS QUE EU AMO E QUE ME AMAM, A QUEM DEVO TUDO QUE TENHO E  
TUDO QUE SOU.*

## Agradecimentos

Foram tantos os amigos que estiveram ao meu lado durante esse longo processo de aprendizado que seria injusto se algum fosse esquecido, portanto deixo aqui apenas uns poucos agradecimentos, em nome de todos:

Ao meu amigo Aldo Yassussi Kasai, que sempre foi a minha fortaleza nos sucessos e principalmente nos insucessos.

Ao meu orientador Marcos A. Silva, que com sua contribuição valiosa norteou este meu trabalho.

Aos meus filhos Alexandre e Danilo Nunes Kasai, cujas existências me transformou em uma pessoa melhor.

Para a amiga Andréa Nakamura, que emprestou sua inteligência para clarear minhas reflexões.

Agradecimentos especiais à Presidenta Solimar Carneiro e a todos os colaboradores do Geledés - Instituto da Mulher Negra.

Á Rosângela Costa Araújo, Coordenadora do Projeto Geração XXI e Francisco B. da Silva Júnior, orientador Educacional do Projeto GXXI.

À minha mãe Rosaria Gomes e meu irmão José Nunes Pereira, que me incentivaram a terminar essa pesquisa e que já não se encontram mais ao meu lado, a minha saudade.

## RESUMO

O processo de desenvolvimento intelectual e moral do ser humano como instrumento básico para a inclusão de jovens negros na sociedade paulistana e o impacto do Projeto Geração XXI na vida de vinte um (21) deles, constituem o tema desta Dissertação.

E tem como meta retratar, analisar e historicizar o Projeto Geração XXI, da Ong Geledés – Instituto da Mulher Negra. Levanto a discussão relacionada a não existência de racismo contra o afro-descendente no Brasil. Defino em seguida alguns conceitos mais conhecidos acerca do racismo, discriminação e preconceito, enfocando as discussões sobre o tema com historiadores, antropólogos e sociólogos (contemporâneos ou não). Coloco em destaque os vinte um (21) jovens negros, participantes do Projeto Geração XXI, este que reconstrói a realidade desses indivíduos através da Educação e aponto os resultados, que até o presente momento se mostraram positivos. Faço uma discussão acerca do aproveitamento escolar desses jovens desde o início do Projeto em 1999 até o segundo semestre de 2005. Coloco uma discussão acerca das cotas para afro-descendentes. Acrescento as falas de alguns participantes do Projeto Família XXI e da Coordenadora do Projeto Geração XXI, fazendo uso da História Oral. Essa oralidade tem por finalidade reafirmar a inclusão dos jovens após sua inserção no Projeto. Busco fazer uma comparação da situação desses jovens supra citados, dentro da sociedade, antes e depois de sua participações no Projeto Geração XXI. Explico a escolha do tema. A Dissertação apresentada na USP é uma espécie de vitrine e tem por intuito propagar esse projeto, para que outras Ongs possam nele se espelhar, o Estado possa copiar e a Academia possa apoiar e com o passar do tempo, ver encerrada a exclusão sofrida pelo afro-descendente no Brasil.

Palavras chave: Processo de desenvolvimento intelectual e moral. Racismo. Inclusão. Exclusão. Afro-descendente. Negros. Geledés. Projeto Geração XXI.

## ABSTRACT

The process of intellectual and moral development of the human being as basic instrument for the inclusion of young blacks in the paulistana society and the impact of the Project Generation XXI in the life of 21 of them, constitutes the subject of this dissertation. Has as goal to portray, to analyze and to historicizar the Project Generation XXI, of the Ong Geledés - Instituto of the Negra. Levanto Woman the related quarrel not the existence of racism against the afro-descendant in Brazil. I more define after that some concepts known concerning racism, discrimination and preconception, focusing the quarrels on the subject with historians, anthropologists and sociologists (contemporaries or not). I place in prominence twenty one (21) young blacks, participants of the Project Generation XXI, this that the reality of these individuals through the Education reconstructs and points the results, that until the present moment if had shown positivos. Make a quarrel concerning the pertaining to school exploitation of these young since the beginning of the Project in 1999 until as the semester of 2005. I place a quarrel concerning the share for afro-descendants. I add you also say to some participants of the Project Family XXI, and the coordinators of the Project Generation XXI, making use of Verbal History. This orality has for purpose to reaffirm the inclusion of those young after its insertion in the Projeto. I search to make a comparison of the situation of these young supplies cited inside of the society, before and after its participation in the Project Generation XXI. Explain the choice of tema. The dissertation presented in the USP it is a species of show window and it has for intention to propagate this project, so that other Ongs can in it if mirrored, the State can copy and the Academy can support and with passing of the time, to see locked up the exclusion suffered for the afro-descendant in Brazil.

Words key: Process of intellectual and moral development. Racism. Inclusion. Exclusion. Education. Afro-descendant. Blacks. Geledés. Project Generation XXI.

## **LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS**

- AA – Ações Afirmativas
- ABONG – Associação Brasileira de Organizações Não Governamentais
- ALFASOL – Alfabetização Solidária
- AMCHAM/Brasil – Câmara Americana de Comércio
- BANKBOSTON – Fundação Banco de Boston
- CEPEUSP – Centro de Práticas Esportivas da Universidade de São Paulo
- CEERT – Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades
- CF – Constituição Federal do Brasil
- CNMB – Conselho Nacional das Mulheres do Brasil
- CONDEPE – Conselho Estadual de Defesa dos Direitos da Pessoa Humana
- CONE – Coordenadoria do Negro
- DIEESE – Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Sócio-Econômicos
- EDUSP – Editora Universidade de São Paulo
- ETHOS – Instituto Ethos - Empresas e Responsabilidade Social
- FALA PRETA – Organização de Mulheres Negras
- FEBEM – Fundação Estadual para o Bem-Estar do Menor
- FE-USP – Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo
- FFLCH-USP – Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo
- FMU – Faculdade Metropolitanas Unidas
- FSM – Faculdade Santa Marcelina
- GELEDÉS – Instituto da Mulher Negra
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
- IBASE – Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas
- IDEC – Instituto de Defesa do Consumidor
- IDH – Índice de Desenvolvimento Humano
- INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
- IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
- IQE – Instituto Qualidade no Ensino
- GXXI – Projeto Geração XXI
- GTI – Grupo de Trabalho Interministerial para Valorização da População Negra

MACKENZIE – Universidade Presbiteriana Mackenzie  
MAM – Museu de Arte Moderna de São Paulo  
MAUÁ – Escola de Engenharia Mauá  
MEC – Ministério da Educação  
NCN-USP – Núcleo de Consciência Negra da Universidade de São Paulo  
OAB –SP – Ordem dos Advogados do Brasil – São Paulo  
OEA – Organização dos Estados Americanos  
ONG – Organização Não Governamental  
PALMARES – Fundação Cultural Palmares  
PCNs – Parâmetros Curriculares Nacionais  
PENESB – Programa de Educação Sobre o Negro na Sociedade Brasileira  
PLP – Promotores Legais Populares  
PLURAL – Instituto de Pesquisas e Projetos de Pluralidade Cultural  
PNAD – Pesquisa por Amostra de Domicílios  
Pnud – Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento  
PUC – Pontifica Universidade Católica  
SARESP – Sistema de Avaliação de Rendimento Escolar do Estado de São Paulo  
SEADE – Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados  
Seppir – Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial  
UAM – Universidade Anhemi Morumbi  
UFBA – Universidade Federal da Bahia  
UFF – Universidade Federal Fluminense  
UFMA – Universidade Federal do Maranhão  
UFPR – Universidade Federal do Paraná  
UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro  
UMSP – Universidade Metodista de São Paulo  
UnB – Universidade de Brasília  
UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura  
UNICSUL – Universidade Cruzeiro do Sul  
UNIFEM – Fundo de Desenvolvimento das Nações Unidas para a Mulher  
UNIP – Universidade Paulista  
USP – Universidade de São Paulo  
TOP SOCIAL 99 da ADVB – Prêmio Top Social da Associação dos Dirigentes de Vendas do Brasil.

## ILUSTRAÇÕES, GRÁFICOS E QUADROS

1. Os 21 Jovens do Projeto Geração XXI. (1999);
2. Prêmio ADVB de Direitos Humanos para Sueli Carneiro;
3. Café Cultural;
4. Previsão de Conclusão de Curso;
5. Instituições e Cursos onde ingressaram os 21 Jovens do Projeto Geração XXI;
6. Trajetória Acadêmica dos 21 Jovens do Projeto Geração XXI;
7. Geledés 11 Anos;
8. Geledés 12 Anos;
9. Primeira Mostra de Cinema Africano – Geledés;
10. Beijing +5
11. Geração XXI – Pesquisa do Buscador Google;
12. Roteiro para elaboração do Plano Individual – Projeto Geração XXI;
13. Reportagem do Jornal da USP – Reitora Suely Vilela

# SUMÁRIO

<b>RESUMO</b>	<b>05</b>
<b>LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS</b>	<b>07</b>
<b>LISTA DE ILUSTRAÇÕES, GRÁFICOS E QUADROS</b>	<b>09</b>
<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>11</b>
<b>TRAJETÓRIA PESSOAL</b>	<b>14</b>
<b>CAPÍTULO 1 – O AFRO-DESCENDENTE NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO</b>	<b>18</b>
<b>CAPÍTULO 2 – GELEDÉS – INSTITUTO DA MULHER NEGRA</b>	<b>31</b>
2.1 GELEDÉS E SEUS PROJETOS DE AA	34
2.2 PROJETO GERAÇÃO XXI	38
2.3 MARIA APARECIDA DA SILVA – CIDINHA DA SILVA. A HISTORIADORA QUE MUDOU A HISTÓRIA	78
2.4 PROJETO GERAÇÃO XXI GANHA PRÊMIOS	80
2.5 FONTES CONSULTADAS	82
<b>CAPÍTULO 3 – AÇÕES AFIRMATIVAS</b>	<b>84</b>
3.1 DIVERSOS AUTORES VÊM TRABALHANDO COM O TEMA DE AA PARA O SEGMENTO AFRO-DESCENDENTE	85
<b>CAPÍTULO 4 – PRECONCEITO RACIAL</b>	<b>95</b>
4.1 RACISMOS ATRAVÉS DA HISTÓRIA	96
4.2 PERMANÊNCIAS DO RACISMO NO BRASIL	100
4.3 TEORIAS, TEÓRICOS E DISCURSOS SOBRE O RACISMO	113
<b>CONCLUSÃO</b>	<b>129</b>
<b>BIBLIOGRAFIA</b>	<b>141</b>

## INTRODUÇÃO

"... O importante não são as diferenças físicas, grosseiras, da cor, cabelos, ossos, mas as diferenças mais sutis, delicadas, que separam os homens em grupos. As diferenças mais profundas são espirituais e psíquicas".<sup>1</sup>

O desenvolvimento de minhas leituras tem me colocado constantemente defronte a uma diversificada bibliografia que discute o racismo e a educação, e foi um desafio escolher um único viés com o qual trabalhar.

Busco colocar em foco a situação social de determinado grupo de afro-descendentes, que hoje vive nas cercanias da cidade de São Paulo.

Sinto uma premente necessidade de detectar, salientar e buscar soluções para essa gama enorme de preconceitos por que passa quase diariamente cada cidadão brasileiro de origem negra.

A superação da maioria desses problemas se encontra nas mãos do Estado, de postura neoliberal, que necessita ser constantemente cobrado, para que uns poucos resultados apareçam. Esse Estado, de acordo com a Constituição Brasileira, tem obrigação de se tornar o instrumento de garantia do ingresso à uma vida digna e à verdadeira cidadania de todos os cidadãos brasileiros, sejam eles brancos ou negros.

A maior parte desses indivíduos não têm acesso aos instrumentais que permitam sua defesa e ou proteção.

Infelizmente, no Brasil, os Afros-descendentes estão alienados nas áreas mais pobres da cidade. Vivem amontoados em moradias desumanas, inseguros e ameaçados por fome, miséria, drogas e até por aqueles que os devia proteger.

Dentro deste contexto, é claro que criar representações, lutar por seus direitos, ser reconhecido como cidadão é uma situação quase surreal.

Ainda existe, nos subterrâneos da sociedade, a discussão de quem é negro, de quem é branco no Brasil. Porque admitir ser negro significa estar em minoria e ser discriminado. Somente há pouco tempo, admitir ser negro no Brasil acabou se tornando um caminho para se conseguir uma vaga em universidades públicas (em algumas).

---

<sup>1</sup> W.E.B. Dubois (1868-1963)

A grande solução para o acesso a formas de igualdade do segmento negro, a meu ver, são as Organizações Não Governamentais (Ongs), centradas nesse foco.

Elas já existem em quantidade, mas suas vozes ainda são pouco ouvidas, é necessário que estas cheguem a todos. As associações que trabalham em prol desses excluídos, oferecendo possibilidades para se abrirem discussões sobre o racismo, a falta de boas escolas públicas e o fantasma do desemprego. E essas Ongs têm possibilidades de consolidarem uma integração dos mesmos na sociedade.

Dão origem a programas de Ação Afirmativa (AA) para jovens e adultos que estejam em situação desfavorável em relação aos múltiplos segmentos sociais e propõem alternativas concretas visando a não reprodução das desigualdades.

Visto que a Constituição da República Federativa do Brasil, promulgada em 05 de outubro 1988, declara que: “Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade (...)”<sup>2</sup>. Os órgãos governamentais responsáveis por essa área parecem entender que , sendo assim, não há necessidade de criar políticas específicas visando a proteção dos afro-descendentes.

Porque, supostamente, a Lei é para todos e também “supostamente” todos são tratados de forma igual; sendo assim, tudo continua como estava há trezentos (300) anos. Essa confusão na interpretação não permite a geração dos benefícios necessários para toda essa população.

O racismo no Brasil contra os Afro-descendentes é camuflado, se mantém sutilmente, não temos visíveis conflitos raciais, como é comum acontecer em países como Estados Unidos da América e, atualmente, na Europa, e aparentemente, não haveria necessidade de combater algo inexistente. Porém, se a sociedade e o governo estabelecido não se unirem para mudar esse cinismo e controlar esse aumento da miséria com seus conseqüentes agravamentos, veremos aumentar a cada dia toda sorte de violências.

---

<sup>2</sup> Constituição Federal de 1988

É essencial a tomada de consciência da população, principalmente acadêmica para o desmonte dessa ideologia excludente contra o negro que persiste em toda sociedade, particularmente em São Paulo.

O ano de 2001 foi denominado pela Organização das Nações Unidas (ONU), como o Ano Internacional da Mobilização Contra o Racismo, Discriminação Racial, Xenofobia e Intolerância. Neste mesmo ano a Secretaria Estadual de Combate ao Racismo do Partido dos Trabalhadores de São Paulo encaminhou o Projeto de Lei que institui Feriado no dia 20 de Novembro, em homenagem ao Dia Internacional da Consciência Negra, data da morte do líder e herói negro, Zumbi dos Palmares , em fevereiro de 1685, na Serra da Barriga, Pernambuco.

Já é um começo, mas ainda não é o bastante.

## RELATO DE TRAJETÓRIA PESSOAL

### **\*\* DE COMO CHEGUEI A ME INTERESSAR PELO TEMA RACISMO \*\***

Sou afro-descendente.

É considerado Negro (ou afro-descendente) aquele que se auto-declara. Este é um critério de identificação utilizado pelo governo brasileiro, e o mesmo recomendado pela ONU.

Meu interesse pelo tema vem de longa data, visto que, desde a minha infância, detectei um racismo sutil dentro do meu próprio círculo familiar.

Devo sublinhar que essa percepção de que eu sou afro-descendente e de que acontecia uma situação de discriminação entre os meus familiares só se deu quando me tornei universitária e comecei a adquirir um certo senso crítico.

Tenho necessidade também de esclarecer que só cheguei aos bancos universitários em idade madura, muito mal preparada, originada de um curso do ensino médio de pouca qualidade e sem passar por um cursinho. Este que prepara o aluno para enfrentar um mundo completamente diverso do que se está acostumado e a superar as muitas dificuldades advindas da má-formação escolar; situação muito mais comum no país do que eu gostaria de admitir.

Confesso que a pequena bagagem cultural que eu trouxe para a universidade tinha apenas de positivo um grande interesse por leituras de toda espécie, particularmente de obras literárias, e força de vontade.

Durante a Graduação em História e também na Licenciatura, que se deu de 1999 a 2002, cursei disciplinas ministradas pelos professores Wilson Nascimento Barbosa, Leila Leite Hernandez, Kabengele Munanga e posteriormente, pela professora Marina Mello e Sousa; foi neste contexto que se manifestou meu interesse pela causa dos afro-descendentes.

Priorizei o interesse na cidade de São Paulo, visto que o Geledés - Instituto da Mulher Negra, ponto cardeal desta minha pesquisa, tem sua sede nesta cidade.

Tomei conhecimento da existência desta Ong chamada Geledés – Instituto da Mulher Negra, através da professora Leila Hernandez, que havia assistido a uma palestra a respeito de alguns projetos para os jovens negros, na sede do Bank Boston, no centro velho de São Paulo.

A partir desse momento eu venho contatando esse grupo, que me recebeu particularmente bem, principalmente por saber que sou da comunidade USP e pelo fato desse projeto ainda não ter sido incluído em nenhuma Dissertação ou Tese universitária.

No decurso da Licenciatura em História da Faculdade de Educação da USP, tive oportunidade de estagiar na Escola de Aplicação da Usp, com duas classes de trinta (30) alunos cada, da sexta série do ensino fundamental, por dois semestres completos.

O tema escolhido para as aulas que eu ministrei foi: Resistências e Permanências da Cultura Negra no Brasil.

Meu maior interesse foi abordar os vários tipos de racismos que os negros sofreram no Brasil desde o período da escravidão até os dias de hoje.

Articulei o tema racismo à cultura trazida pelos africanos para o Brasil, escolhendo também os personagens negros que se destacaram em diversas áreas da sociedade brasileira, que são aqueles raros indivíduos negros que estão “incluídos” na memória nacional.

Trabalhamos com a música de origem negra, usando como referencial a cantora Clementina de Jesus.

Quando abordei o tema da capoeira, a maioria dos alunos se mostrou bastante entusiasmada. Esse esporte gerou várias e proveitosas discussões, nos levando de volta às resistências do povo negro.

Recebemos orientação valiosa do professor Gladson de Oliveira Silva, autor da obra intitulada “Capoeira do engenho à universidade”. Portador de personalidade bastante carismática, mestre de capoeira do Cepeusp. Este reuniu os alunos em círculo e explicou com riqueza de detalhes a origem da capoeira, falou sobre os instrumentos usados durante a roda, contou fatos ocorridos com alguns Mestres, famosos como Bimba. Nascido na Bahia em vinte três (23) de novembro de 1899, Manoel dos Reis Machado, que desde o nascimento recebeu o apelido de Bimba, que o acompanhou por toda a vida.

Deixou claro aos pequenos alunos que esse esporte visa a inculcar nos praticantes a cultura, disciplina e atividade física e não é uma forma gratuita de agressão. No final da aula, todos participaram de uma roda de capoeira cantando, dançando e tocando instrumentos relativos ao esporte, como o berimbau e uma série de pandeiros e tambores.

Discutimos política, arte barroca através das obras de Aleijadinho, Castro Alves e a sua poesia Navio Negreiro, até um pouco do sincretismo religioso que existe no Brasil, e alguns instrumentos musicais de origem africana.

Foram acrescentadas discussões acerca de músicas relacionadas à cultura africana, como o Blues, Rock, Jazz, Hip Hop, Rap e até sobre o movimento dos Rastafaris.

O resultado desses dois semestres foi muito positivo, pois os estudantes das duas sextas séries usaram o conhecimento adquirido para ministrarem “aulas” aos alunos das quartas séries do ensino fundamental, devidamente monitorados por seus professores.

E os alunos do ensino médio montaram um teatro como trabalho de final de curso, usando luzes, sons, instrumentos, danças, capoeira e ambientações tipicamente africanas.

Tudo isso traduzido do material gerado pelo meu estágio, surgindo daí um excelente material que ficou, como os outros supra citados, como material de apoio e pesquisa da Escola de Aplicação da Usp.

Paralelamente, foi feita uma exposição em torno do tema, de trabalhos que os alunos produziram durante o curso no espaço cedido pela Biblioteca da Aplicação.

Esta mostra, que teve a duração de algumas semanas, foi aberta aos pais, professores e alunos de outras séries.

Organizada por mim e pelos alunos sob minha responsabilidade. Constou dos diários de bordo, desenhos de réplicas dos navios negreiros, cartazes de obras sobre a escravidão e suas resistências. Gerando a conseqüente reserva de um espaço, definitivo, na supra citada Biblioteca, para comportar tais obras; que a partir daquele momento estão colocadas à disposição de todos que a freqüentam.

Devo salientar que essa Biblioteca da Escola de Aplicação, cuja bibliotecária é Elaine Cristina (a Cris), é de excelente qualidade, tanto com referência às obras ali encontradas, como com relação ao atendimento desta dedicada e simpática funcionária.

Partindo da pesquisa feita pelos alunos, das personagens “incluídas”, que são os negros e mulatos (afro-descendentes) que se destacaram na sociedade e conseguiram o ineditismo de se incluírem nesta sociedade dita “cordial”, comecei a pensar em escrever um livro, dirigido às crianças, contando a história de cada um desses negros brasileiros, que, vencendo todos os preconceitos, conseguiram chegar ao topo de uma sociedade racista.

O objetivo é fazer uso da experiência destes cidadãos, visando principalmente a auto-estima das crianças negras.

Visto que a literatura infantil está pouco suprida de obras com informações culturais positivas acerca do negro na história brasileira, a cultura negra também estará presente nos capítulos desse pequeno livro, que ainda está no plano das idéias, porém será feito.

Voltando à minha trajetória pessoal, devo dizer que, dos meus sete irmãos (hoje seis), apenas dois deles conseguiram concluir um curso universitário, quadro justificado pelas condições econômicas e sociais em que crescemos.

As discriminações percebidas por mim nada tinham de proposital porque nem sequer se conhecia a palavra racismo nesse meu meio.

Minha mãe, filha de pais de ascendência européia, casada com meu pai também de ascendência européia por parte de pai, chamado carinhosamente de “alemão”, porém, cuja mãe (minha avó) era negra, filha de escravos do sul de Minas Gerais.

Eu e meus irmãos nascemos com a falsa aparência de brancos, portanto pouco ou nada sofremos de discriminação racial. Porém meu pai trazia na cor da pele a indisfarçável cor negra e, conseqüentemente, era o “diferente” e, portanto o “inferior” do grupo familiar.

Tendo sido transformado, sem querer e sem saber em mais uma vítima da cultura racista existente no Brasil, e, todos os problemas que nos atingiam recaía diretamente no fato dele não ser branco.

Seus irmãos (negros e outros mulatos) não tiveram uma convivência familiar conosco, apenas as irmãs e os irmãos de minha mãe (brancos).

Enfim, ele se tornou o único afro-descendente visível na grande família e eu percebi essa discriminação, as vezes subliminar, e ainda vejo pessoas, sem condições de defesa serem “colocadas no seu devido lugar”.

Por causa dessa situação, que não me é mais permitido modificar, estou me propondo a mostrar essa obra de caráter positivo do Geledés - Instituto da Mulher Negra, que trabalha a inclusão dos negros na sociedade paulista, utilizando como principal ferramenta a Educação.

“A educação é um meio privilegiado para a correção das desigualdades sociais e raciais, por isso merece uma ação específica para que sejam reduzidas anomalias entre os diversos grupos”<sup>3</sup>

---

## CAPÍTULO I

### O AFRO-DESCENDENTE NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO

A integração do afro-descendente, que está excluído do processo de igualdade, concorrência e oportunidades, se fará em longo prazo, através do seu acesso à Educação, desde a Pré-Escola até a Universidade; passando por escolas públicas em quantidade e de qualidade, que favoreçam o desenvolvimento de todos de forma igualitária. E, como complemento dessa inclusão se faz necessário o combate às doenças comuns a esse grupo, como a hipertensão arterial, a anemia falciforme, o glaucoma e câncer de próstata. Sem nos esquecermos da Aids, do combate aos problemas de dependência química e alcoolismo, também da garantia de moradia e alimentação dignas.

Pelos caminhos da Educação, se torna possível à formação de lideranças negras em todos os setores da sociedade, capazes de gerar mobilidades através da formação de movimentos políticos, ideológicos, culturais, filosóficos, sociais e até econômicos.

Existe uma grande desvantagem na área de educacional para o afro-descendente no Brasil. Dados oficiais do IPEA, publicados em jornais de grande circulação, confirmam esse fato, e teóricos nacionais e estrangeiros, de relevância comprovada, nos alertam para urgência de busca soluções.

“Assimilacionismo e Multiculturalidade.

Este procedimento de humilhação, esta recusa a ouvir o que o outro tem a dizer, com a insistência em passar-lhe diagnósticos e receitas; expressa a relação conflitual permanente, a impossibilidade de cooperação e diálogo verdadeiro. O comportamento da dominação apresenta, pois, componente neurótico profundo.

Nessas condições, a exclusão que lança para o degrau último da sociedade todas as realidades étnico-culturais consideradas adversas é uma exclusão que pode gerar uma série interminável de outras, dada a premissa necessária de reprodução do sistema no país. Esta sucessão de exclusões não pode passar despercebida. Tampouco se pode ideá-la como capaz de oferecer alguma janela ou patamar societário de negociação: as coisas por esta via colocam-se simplesmente no campo do extermínio mútuo, uma relação dramática que a todos concerne evitar”.<sup>4</sup>

---

<sup>4</sup> W.N.Barbosa, Cultura Negra e Dominação, 2002, p.39

Meu objetivo é demonstrar nesta Dissertação que o Projeto Geração XXI, trabalhando na Educação de vinte um (21) jovens afro-descendentes, pode se transformar no motor de um novo modelo de desenvolvimento intelectual, moral e social no Brasil.

Conhecer mais a cultura africana ajudará a criança a formar uma consciência crítica a respeito do racismo e suas conseqüências danosas e não permitindo no futuro, que aquela cultura continue sendo vista apenas como “folclore” ou um debate de pequena relevância. A Lei Federal 10.639, em vigor desde janeiro de 2003, decretada pelo Presidente da República Luis Inácio “Lula” da Silva, que torna obrigatório o ensino de história e cultura do afro-descendente nas escolas brasileiras, é um passo de gigante na direção de apontar caminhos para a desconstrução do racismo.

Levar esse segmento a refletir sobre seus verdadeiros valores é um instrumento concreto de valorização da diversidade étnica e cultural no país.

Segundo o professor Munanga do departamento de Antropologia da FFLC-USP, a aprovação dessa lei “ajuda a desconstruir o mito da democracia racial no Brasil”.

Porque somente se pode fazer vigorar esse tipo de Leis e quaisquer outras AAs, quando assumirmos que existe racismo no país.

Aqueles que se interessam pela promoção da igualdade entre os brasileiros devem estar atentos para a efetivação e posterior aplicação do referido decreto, e para a qualificação de professores, que por seu turno qualificarão outros professores capazes de aplicarem o decreto.

O Brasil ainda apresenta padrões de qualidade inferiores na área educacional, o currículo escolar ignora e desqualifica a contribuição da população afro-descendente na formação da sociedade brasileira; e no país que detém quarenta e quatro (44%) por cento dessa população, foi preciso um decreto, uma “coerção” para que a cultura e história destes fossem aplicadas nas escolas.

Essa é a realidade das escolas públicas brasileiras – caso dos vinte um (21) jovens.

- a maioria dos conteúdos do ensino fundamental, não foram trabalhados com os

alunos nas salas de aula;

- eles desconhecem a maior parte do conteúdo programático de Matemática da etapa escolar que estão concluindo;

- seria necessário que fosse introduzido o programa de quatro (4) anos em um (1) ano, para que os jovens pudessem acompanhar os colegas do mesmo nível escolar;

- é preciso tempo para que o aluno aprenda cada fase do ensino de matemática, e se possa dar continuidade ao programa;

- o desenvolvimento da aprendizagem muito acelerada fica defasado, visto que não haverá tempo para a retirada de dúvidas e a prática de exercícios dados em sala de aula;

- o déficit de conhecimento não poderá ser suprido em um ou dois anos, havendo necessidade de um trabalho continuado de suplementação escolar;

- a evasão escolar se inicia com os estudantes ainda no ensino fundamental; muitos se direcionando para o mercado de trabalho.

A Educação é o núcleo da formação de uma criança; confinar setores da população nas piores escolas, sem estruturas (lembrando as escolas de latinhas, em São Paulo, existentes até o final do ano de 2005), que estão localizadas nas periferias da cidade de São Paulo, torna o desempenho escolar abaixo do esperado. A qualidade da escola pública deveria ser a primeira prioridade dos governantes realmente preocupados com a melhoria da cultura dos brasileiros.

Quando a criança frequenta a escola “certa” se produz um desenvolvimento dela em todas as áreas de aprendizado. A Escola de Aplicação, localizada dentro da Universidade de São Paulo, é uma escola modelo, onde estudam alunos “privilegiados” moradores da periferia da USP e filhos de funcionários e professores da mesma, onde eu tive o prazer de estagiar pelo período de um (1) ano. Esse modelo de escola pública deveria ser copiado literalmente por outras.

Durante meu estágio, na Escola de Aplicação, quando a grande porcentagem dos alunos era afro-descendente, trabalhei para incutir neles o respeito pelo outro, pelo diferente.

Tive oportunidade de explicar-lhes que a civilização egípcia mais antiga e mais poderosa era negra, e que cada cultura tem suas invenções, obras e conquistas; motivo pelo qual devemos a diversidade dos povos, o extraordinário progresso material e cultural da humanidade.

E principalmente mostrar-lhes que nós somos devedores em potencial desses africanos e seus descendentes na construção do Brasil. Lugar onde o afro-descendente ainda é visto freqüentemente como ex-escravo, que teria parado no tempo e não progredido cultural ou emocionalmente, um indivíduo considerado de segunda categoria, sem ter seu lugar de direito, em praticamente todos os setores da sociedade.

O objetivo principal do meu estágio foi alcançado, porque consegui mostrar aos meus jovens alunos que o Brasil só chegou a ter a importância que tem hoje no cenário internacional graças à participação do negro, antes compulsória, hoje, nem tanto.

Uma escola apropriada tem como dever oferecer atividades extracurriculares que impeçam seus alunos de terem longos períodos de desocupação, enfrentando diferentes riscos.

A criação de um ambiente amistoso dentro da escola pública, com a manutenção de professores que ajudem nas tarefas escolares, atividades culturais, cursos diversos, que tenha disponibilidade de lanches e segurança para os alunos, aumentaria o desempenho escolar e a tranqüilidade dos pais. A verba necessária para essa reforma na escola pública é bem pequena se comparada à manutenção de marginais jovens ou não em instituições “correcionais”, também públicas. Um indivíduo encarcerado em regime de prisão de segurança máxima, dá ao Estado uma despesa mensal de trinta (30) mil reais, segundo noticiário radiofônico do dia vinte oito (28) de março de 2006.

Escolas públicas consideradas “boas” têm alto índice de procura por vagas, fazendo pais passarem a noite em filas para inscreverem seus filhos. Os alunos que conseguem tais vagas ficam mais motivados e têm maior probabilidade de se formarem e darem continuidade

aos estudos, diferentemente daqueles que cursam as “outras” escolas.

A maior parte deles chegam ao ensino médio despreparados em relação à capacidade de aprender como utilizar essas disciplinas na sua vida cotidiana.

Essa é uma das razões do desinteresse e abandono da escola por jovens pobres, que também são empurrados para o trabalho pela pobreza e partem para o mercado de trabalho muito cedo. No ponto de vista deles, ganhar seu próprio sustento é mais interessante que aprender matérias difíceis e sem nenhum valor prático.

Essa grande defasagem no aprendizado deve ser corrigida antes do aluno ingressar ou tentar o ensino superior. Isto daria a ele uma chance maior de concorrer no vestibular.

Dados do governo que ajudam a comprovar essa questão de abandono da educação pública (IPEA de 1999) demonstram que o índice de aproveitamento escolar dos afro-descendentes brasileiros estão abaixo dos índices de escolaridade dos estudantes da África do Sul.

Dados de 2002 do IBGE mostram que existe uma diferença da escolaridade média entre brancos e negros, de dois (2) anos ou mais; o analfabetismo é três (3) vezes maior entre negros de quinze a vinte cinco (15 a 25) anos, do que brancos da mesma idade; três (3%) por cento da população negra de vinte cinco (25) anos tem onze (11) anos de estudo contra treze (13) de brancos. E segundo os dados do “provão”, apenas dois ponto dois (2,2%) por cento dos universitários brasileiros são afro-descendentes. E no curso de pós-graduação os alunos brancos representam oitenta e um ponto cinco (81,5%) por cento enquanto negros e pardos chegam a dezessete ponto seis (17,6%) por cento.<sup>5</sup>

Com base nessa imensa discrepância, chega-se à conclusão que esses jovens só conseguirão se equiparar aos brancos quando forem integrados em políticas de AA para pessoas marginalizadas e ou excluídas.

Essas AA devem ter por objetivo a permanência desses estudantes dentro do sistema educacional.

---

<sup>5</sup> Fonte: Inep- Instituto Nacional de Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2002.

Essa extraordinária oportunidade foi dada aos vinte um (21) jovens afro-descendentes, oriundos dos bairros periféricos de São Paulo, que participam do Projeto Geração XXI, dirigido pelo Geledés – Instituto da Mulher Negra.

A correlação entre as circunstâncias familiares da vida de uma criança e seu desempenho escolar é evidente.

Existe uma enorme diferença entre a renda dos adultos negros e os brancos; os primeiros ganham menos, mesmo que tenham a mesma escolaridade dos segundos. A baixa renda, aliada à baixa instrução, gera ausência de promoções no trabalho e a conseqüente impossibilidade da mobilidade social.

Os estudantes pertencentes a esse grupo sofrem de desestímulo e não se empenham em investir tempo ou dinheiro na melhoria da sua escolaridade, à medida que avançam do ensino fundamental ao ensino médio as notas dos afro-descendentes vão ficando abaixo da dos alunos brancos, que na maioria têm mais condições econômicas e ou oportunidades para cumprirem suas tarefas diárias e consumirem os materiais (livros, cadernos e afins) necessários ao bom aproveitamento escolar.

Aqueles que terminam o ensino médio, quase sempre estão despreparados para concorrerem aos vestibulares das universidades públicas, estas que recebem todos os anos centenas de jovens procedentes de cursinhos preparatórios da melhor qualidade, proibitivos para a maioria dos afro-descendentes, de famílias economicamente inviabilizadas.

Tudo isso porque a escola pública freqüentada por esses jovens não preencheu as lacunas de conhecimento exigidas pelos vestibulares, que não é a mesma que freqüentaram os jovens que não moram na periferia. Os primeiros dificilmente conseguirão estudarem sozinhos, pois se isto fosse possível, seriam desnecessários cursos pré-vestibulares, aulas de reforço em todas as disciplinas.

Dados sobre educação fornecidos pelo PNAD, constatam que a estrutura da educação no Brasil não é favorável ao afro-descendente, demonstrando seu atraso escolar, sua repetência e conseqüente evasão da escola.

Os jovens do Projeto Geração XXI recebem exatamente esse apoio no aprendizado, curso de línguas, computação, acesso às atividades culturais da cidade e apoio pedagógico e

psicológico, estendido a suas famílias.

O exemplo dado por essa Ong deve ser copiado e implantado nos programas do MEC em regime de urgência, posto que já se passaram trezentos (300) anos de abandono dessa comunidade.

A partir dos anos noventa (90) a discussão acerca de ações afirmativas para o grupo afro-descendente no Brasil se amplia, com o surgimento de programas que têm o intuito de compensar esses grupos historicamente discriminados e promover oportunidades.

Uma opção para os negros em nível universitário, foi a criação do Núcleo de Consciência Negra na Universidade de São Paulo. Ele faz parte das políticas de ação afirmativa na área da educação, visando à inclusão de afro-descendentes nas universidades públicas. Atende preferencialmente a população afro-descendente carente para seu cursinho preparatório ao vestibular.

As maiorias dos professores são originários da USP, somando-se aos professores voluntários, que também são graduados ou pós-graduados pela mesma instituição.

Desde seu início até o ano de 2002, foi constatado que uma média entre vinte a quarenta (20 a 40) por cento dos alunos advindos do NCN-USP, foram aprovados nos vestibulares de universidades públicas e isso sem considerar os aprovados nas universidades privadas.

Não estou afirmando que apenas os jovens afro-descendentes padecem com a qualidade do ensino nas escolas públicas, mas está mais que comprovado que pobreza, abandono, baixo salário, falta de moradia e trabalho, atingem preferencialmente esses indivíduos, na sociedade brasileira.

Ao procurar escrever acerca da Educação e o afro-descendente deparei-me com uma enormidade de contribuições de autores renomados, que mereceriam ser citados, porém selecionei apenas alguns cujas características se aproximam da minha discussão sobre o tema.

José Jorge de Carvalho, antropólogo da Unb, no artigo denominado “Exclusão Racial na Universidade Brasileira: um caso de ação negativa”, in: Cadernos PENESB relata que poucos negros que trabalharam com a questão negra no Brasil conseguiram se inserir nos

quadros de professores universitários.

Guerreiro Ramos, sociólogo e pensador da condição nacional brasileira foi vítima de perseguições raciais e políticas, acabando por ser excluído da universidade onde se formou (UFBA).

Edson Carneiro, mulato, pesquisador e escritor, importante estudioso das religiosidades afro-brasileiras e da cultura popular da UFRJ é hoje para os afros-descendentes apenas um desconhecido, graças à falta de oportunidade para desenvolver e mostrar seus trabalhos.

Clovis Moura, ilustre intelectual que viveu em prol do estudo da história do negro brasileiro, não teve oportunidade de passar todo esse conhecimento em nenhuma instituição universitária de renome. Ele também era negro.

Eles e muitos outros estudaram e escreveram sobre a exclusão e foram as primeiras vítimas da mesma.

A quase ausência de mestres e doutores afro-descendentes no papel de docentes nas universidades brasileiras nos deixa espaço para refletir sobre a ausência de uma política racial efetiva que permita a integração desses docentes não só nos quadros universitários, como nos outros quadros sociais e econômicos de destaque do país.

Esse panorama de exclusão se estende desde os docentes até os alunos nas universidades públicas, que, desde a sua fundação é um reduto de brancos. Estas universidades não traçaram projetos de AA para inclusão da grande população brasileira, que se insere na denominação de afro-descendente.

Coloca-se aqui um questionamento, do porque de não se mudar essa situação, onde as universidades públicas lecionam para os brancos, por brancos e esse conhecimento produzido pode ser assimilado apenas por brancos, pois os afro-descendentes não conseguem entender aquilo que não lhes foi ensinado.

É clara a omissão no reconhecimento da injustiça feita a esse segmento. Os últimos dados publicados pelo IPEA demonstram de modo irrefutável as desvantagens históricas e

sistemáticas, ao longo dos últimos setenta (70) anos, sofrida pelos afro-descendentes em todos os graus de escolaridade.

“A pós-graduação está esclerosada. Quando falo em preferência para negros, é porque isso forçaria os programas de pós-graduação a ampliar seu leque de temas de conhecimento. Escolher negros e índios para participarem da pós-graduação é uma decisão de conhecimento, não apenas um mecanismo para reparar injustiças (...) A entrada de mais negros e índios no sistema forçaria os programas a ampliarem seu leque de temas de conhecimento, incluindo assuntos de interesse mais direto dos negros e índios.”<sup>6</sup>

---

<sup>6</sup> José Jorge de Carvalho, UnB, entrevista jornal Folha de São Paulo, 21 junho 2003.

Ainda nos Cadernos PENESB – 4, de 2002, o professor Jacques D’Adesky apresenta uma discussão denominada Multiculturalismo e Educação.<sup>7</sup>

Ele aborda os Parâmetros Curriculares Nacionais para alunos de quinta (5<sup>a</sup> a 8<sup>a</sup>) a oitava séries promovidos pelo MEC, no ano de 1998, que tem todo um capítulo sobre a pluralidade cultural, que incita a respeitar a diversidade cultural existente em nossa sociedade. Esse documento propõe atitudes de respeito às diferenças étnicas e culturais. E contribuem para que a diversidade seja reconhecida como um bem fundamental dos indivíduos, que convivem no território brasileiro.

No contexto cultural do país, a plena expansão das culturas está cerceada pelas estruturas de relações de poder, que permitem a discriminação, a injustiça social e o não acesso aos bens materiais e culturais presentes e produzidos pela sociedade onde vivem.

Os PCNs não estão dissociados das pressões exercidas pelos Movimentos Negros e indígenas vinculadas ao currículo escolar. O que se pretende é mostrar que os livros escolares em pouco ou nada valorizam a contribuição dos afro-descendentes no processo de construção do país. E também, a capacitação dos professores está desvinculada da polêmica acerca do racismo e preconceito, presente nas escolas. E a parte referente à má qualidade da escola pública, local este onde estuda a maioria dos alunos afro-descendentes.

O autor reconhece que a escola é o melhor lugar para a formação e socialização do indivíduo. Ela estimula a análise crítica do indivíduo e por causa disso necessita ser mais capacitada a conduzir os professores e estes, seus alunos a praticarem atitudes e comportamentos não discriminatórios.

---

<sup>7</sup> Cadernos PENESB – 4 (org.) Iolanda Mascarenhas, RJ,2002

D'Adesky sugere a reforma dos textos (modificar o currículo escolar); a reforma da grade curricular; a promoção de negros à educação superior, a reflexão e a tentativa de implementar na cultura escolar a diversidade cultural; o reconhecimento pela própria escola de que ela não pode ser neutra, estando dentro de um contexto de uma sociedade democrática. E finalmente, construir na escola uma sociedade igualitária e mais justa. Ele pergunta a nós leitores, se devemos manter a cegueira diante do conceito da diferença, enganando-nos acerca dessa posição ilusória.

O papel proeminente do professor na escola permite que se torne o verdadeiro mediador de uma educação que contempla a presença de diferentes etnias, grupos culturais e religiosos no Brasil. Este deve ensinar a tolerância e o respeito pela diferença, que são os valores que movem o multiculturalismo.

Esse eminente professor acredita que, a partir desse aprendizado, o indivíduo absorverá normas de conduta que possibilitarão sua aceitação do outro e lhe dará oportunidade de fazer novas e livres escolhas.

Valéria M. B. Teixeira, no capítulo intitulado “Abrindo as portas da África – rompendo as barreiras do conhecimento”, atesta o estado de precariedade em que a educação do país se mantém (Silva, 2003).<sup>8</sup>

Cristiano A. da Silva, professor de português do Geledés, selecionou fragmentos de textos dos concorrentes à vaga do Projeto Afro-Ascendentes e confirma a falência da escola pública; desafia quem se interessar a elaborar propostas e modelos para que se possa enfrentar tal falência. Silva propõe: - intervenção direta junto às secretarias de Educação através de investimento na formação continuada de educadores

- sugere a suplementação escolar dos jovens advindos das escolas de má qualidade.

---

<sup>8</sup> Valéria M. B. Teixeira Abrindo as portas da África, in:Ações Afirmativas em Educação,Cidinha da Silva,SP,2003

José Jorge de Carvalho, da Unb, ao caracterizar a exclusão da pessoa afro-descendente na universidade brasileira, cita a condição fragilizadora da mesma dentro de um ambiente que não lhe é familiar; a falta de repertório cultural; a ausência de capital para se manter no curso escolhido; falta de instrumentos para interpretar os temas estudados e o difícil contato com grupos possuidores de mais conhecimentos prévios.

Carvalho acredita que se narrar à exaustão os problemas de discriminação racial, de que são vítimas os estudantes afro-descendentes, geraria discussões que terminariam em formulações de propostas positivas de inclusão destes nos meios acadêmicos.

Rosângela (Janja) Costa Araújo, Coordenadora do Projeto GXXI, portadora de conhecimentos iniciáticos da Capoeira Angola, nos convida a pensar que esse aspecto da cultura afro-descendente pode ser um veículo auxiliador para os educadores na formação da cultura e identidade nacionais .

Sueli Carneiro, Fundadora do Geledés – Instituto da Mulher Negra em São Paulo, espera que parlamentares, gestores públicos e educadores possam tomar os projetos desse Instituto como modelos para implementação de políticas públicas que colaborem para o desmonte das desigualdades encontradas em todas a nossa sociedade, particularmente no acesso a Educação. Ela é formada em Filosofia e é responsável pelo Programa de Direitos Humanos – SOS Racismo do Geledés, onde uma equipe de advogados dá assistência legal às vítimas de diversas formas de racismos.

As Bolsas de Estudo de Pós-Graduação para candidatos de baixa renda, particularmente os afro-descendentes, da Fundação Ford, são de fundamental importância na luta pela inclusão desse segmento. O programa de bolsas ampara esses alunos, desde os pequenos até os mais complexos problemas. Tem por finalidade o acesso e a permanência desses alunos na universidade. Desenvolveu formas de lidar com as defasagens e as desigualdades como o domínio da língua estrangeira, das tecnologias de informática e de informação.

O acesso à escolaridade não garante emprego ou mobilidade social imediata, mas permite ao estudante tomar conhecimento de seus direitos e encontrar os meios para conseguí-los.

Sendo eu uma pessoa otimista, quero acreditar que, mesmo lentamente, a sociedade em seu todo, incluindo o Estado, a iniciativa privada, e as Ongs como o Geledés, vão contribuir para eliminação do problema da desigualdade entre brancos e não brancos em nossa sociedade paulistana, pelos caminhos da Educação.

“Dois mil professores de quatro estados estão sendo capacitados para ensinar a cultura e a história africana e afro-brasileira em escolas públicas do Brasil. A iniciativa faz parte do projeto ‘A cor da cultura’, realizado pela Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (Seppir), em parcerias com empresas e sociedade civil.

O MEC pretende orientar mais de 45 mil professores por meio de uma parceria com a Universidade de Brasília. UnB – Projeto piloto de formação começou em 2005, com utilização de ensino a distância, cinco mil professores foram preparados no ano passado (...).”<sup>9</sup>

## **CAPÍTULO II**

### **GELEDÉS - INSTITUTO DA MULHER NEGRA**

Geledés - Instituto da Mulher Negra é uma Organização Não Governamental, Fundada e Regida por Mulheres Negras, que tem como missão o combate a todos os tipos de discriminação contra o afro-descendente, visando a sensibilizar o governo e a sociedade civil para a discussão da exclusão das populações pobres e discriminadas do mundo.

Sua conhecida competência, sua capacidade de liderança e diálogo e a credibilidade junto às instituições permitiu o desenvolvimento de um projeto como o Geração XXI, que trabalha no fortalecimento da identidade racial desses jovens.

O Geledés envolve atividades para apoiar não só a Mulher Negra, mas também os jovens afro-descendentes marginalizados, visando ao fortalecimento de sua auto-estima e proporcionando-lhes uma formação profissional.

Está voltado ao combate do racismo juridicamente, atendendo as vítimas dessas discriminações.

Intenta ação judicial contra empresas, empresários, policiais, médicos ou qualquer profissional liberal, quando flagrados em atos de racismo ou violência sexual.

Sabe-se que o Geledés tem colaboradores e parceiros do sexo masculino, no entanto sua liderança é exclusivamente de Mulheres Negras.

A Historiadora Maria Aparecida da Silva (Cidinha da Silva) muito colaborou com esta pesquisa e hoje, desafortunadamente, não faz mais parte do quadro do Geledés, porque assumiu compromissos de natureza superior, alçando vôos para novos projetos.

Ocupou o cargo de Presidenta da Instituição, seguida do cargo de Coordenadora Executiva e Coordenadora do Núcleo de Educação e Formação Política do Geledés – Instituto da Mulher Negra.

No presente momento, a Presidenta do Geledés é Solimar Carneiro, colaboradora participativa dessa pesquisa, juntamente com Rosângela Costa Araújo (Janja), que é a Coordenadora do Projeto Geração XXI, com sua competente equipe.

Inspirada na tradição Geledé, o Geledé- Instituto da Mulher Negra nasce em 30 de abril de 1988, é uma organização de mulheres negras que tem como missão institucional o combate a todo tipo de racismo, sexismo, a promoção e a valorização das mulheres negras e da comunidade negra em geral.

Geledé é uma forma de sociedade secreta feminina de caráter religioso, existente nas sociedades Yorubás africanas, que expressa o poder feminino sobre a fertilidade da terra, a procriação e o bem estar da comunidade.

O culto Geledé tem por finalidade acalmar e reverenciar as mães ancestrais para garantir o equilíbrio do mundo.

As principais representações do culto Geledé são as Máscaras Rituais que simbolizam o espírito das ancestrais femininas e os diferentes aspectos de seu poder sobre a terra. Algumas dessas Máscaras estiveram expostas no Ibirapuera, quando da exposição "Brasil 500 Anos".

As Orixás femininas cultuadas nos candomblés brasileiros representam aspectos socializados deste poder, conforme a visão de mundo negro/africana segundo a qual homens e mulheres se equivalem e controlam determinadas forças da natureza.

Porém a continuidade da vida sobre a terra,

atributo eminentemente feminino nesta tradição, é reverenciada de modo especial.

Diante das necessidades contemporâneas, e desejando atualizar essa tradição, o Geledés vem discutindo ao longo desses últimos dezessete (17) anos a situação das problemáticas que envolvem a mulher negra. Gerando assim o debate acerca da necessidade de adoção de políticas públicas para que se possa permitir a elas a igualdade de oportunidades.

O Geledés vem intervindo politicamente em pólos regionais, nacionais e internacionais. Participou de todas as Conferências Mundiais convocadas pela ONU no ano de 1990, visando à denúncia de racismo que grassa solta na sociedade brasileira.

O que se pretende é a sensibilização de governo e sociedade civil para a discussão do crescente processo de exclusão das populações pobres e discriminadas no mundo, particularmente do segmento afro-descendente.

Essa Ong provê inúmeras deficiências dos órgãos governamentais e permeia negociações entre estes e os e diversos grupos sociais minoritários.

## 2.1 Geledés e seus Projetos de Ação Afirmativa

O termo Ação Afirmativa (AA) tem sido utilizado no Brasil para designar qualquer ação, governamental ou não, que busque superar condições de desigualdade da população negra, beneficiando-a de alguma forma.

Em 1999, foi implementado pelo Geledés – Instituto da Mulher Negra, o Projeto Geração XXI, para 21 jovens negros. Juntamente com o Projeto Afro-Ascendente, em 2003, e um terceiro projeto, O Próxima Parada Universidade, promovidos pelo Geledés, caracterizam políticas públicas inclusivas.

“A função do Geledés é assegurar que a questão racial seja corretamente trabalhada em todas as dimensões do projeto no que tange ao fortalecimento da auto-estima e da identidade racial dos (as) jovens e seus familiares; ao desenvolvimento de atitude crítica em relação às práticas discriminatórias presentes nas relações sociais, bem como a montagem de estratégias para se defender dessas práticas.

(...) a sensibilização de outros atores sociais para a importância da multiplicação de projetos como o Geração XXI para consolidar a democracia e dois dos princípios inalienáveis que a sustentam, quer sejam, a igualdade e o respeito à dignidade humana, também é função do Geledés.”<sup>10</sup>

---

<sup>10</sup> (Cidinha da Silva, Ações Afirmativas em Educação, p.65, 2003)

## **Projetos de AA e Programas do Geledés:**

- Projeto Geração XXI, educação de 21 jovens afro-descendentes da periferia de São Paulo, que serão acompanhados e apoiados desde o final do ensino fundamental até a conclusão do curso universitário e o conseqüente amparo às suas famílias. Com suporte da Fundação BankBoston e da Fundação Palmares.

- Projeto Afro-Ascendentes, são 20 jovens negros da cidade de São Paulo e outros 20 do Rio de Janeiro que receberão sustentação para permanência e sucesso nas universidades. Financiado pelo Instituto Xerox do Brasil e implementados pelo Geledés.

- Programa de AA para jovens negros: Próxima Parada Universidade, em parceria com o Geledés e a empresa Colgate Palmolive.

- Programa dos Direitos Humanos, que procura proteger e assegurar os direitos básicos da população afro-descendente.

- SOS Racismo, coordenado pelo Dr. Rodney Jerico, que oferece assistência jurídica gratuita para as vítimas de discriminação racial. A partir do ano 2000 o SOS Racismo começa a trabalhar com Direito Internacional, encaminhando casos concretos à Comissão Interamericana de Direitos Humanos.

A partir de 2002, o Geledés começa a integrar o grupo de organizações da sociedade civil consultiva na Organização dos Estados Americanos (OEA).

- Relações Internacionais, amplia e fortalece a cooperação internacional no combate ao racismo e no respeito aos direitos humanos. Promove ações junto ao governo visando ao reconhecimento do mesmo para as problemáticas afro-descendentes, particularmente voltada para mulheres, crianças e jovens.

- Programa de Comunicação, coordenado por Nilza Iraci, é considerado primordial, porque dá assessoria a todos os programas do Geledés. Publica, produz e distribui boletins,

folhetos, cartazes, cartilhas, vídeos, informes sobre eventos, permitindo assim o diálogo com a sociedade civil nas questões ligadas à gênero e raça; dando a conhecer as questões de saúde e cidadania em andamento.

- Projeto Brio, é um programa de capacitação, profissionalização e especialização em mão-de-obra para jovens afro-descendentes; sua criação foi possível a partir de convênios com instituições públicas e privadas.

- O Programa de Saúde, coordenado por Vera Cristina, ele prepara mulheres e jovens afro-descendentes em oficinas de saúde com características informativas e oferece capacitação profissional para os mesmos.

-Articulação Comunitária, coordenada pela Professora Eliana Custódio, da FEA-USP, que oferece atividades de inclusão social como alternativas de geração de renda com materiais locais como a reciclagem do lixo. O trabalho e a renda são coletivos e a finalidade é assegurar que esse grupo possa dar continuidade a esse desenvolvimento, transformando-se em replicadores de conhecimento em suas comunidades.

-Instituto Superior de Formação Afro, coordenado por Solimar Carneiro, fundadora do Geledés, tendo como parceiras as Organizações Mundo Afro – do Uruguai, ela ministra cursos anuais visando a formação política de jovens e mulheres da América Latina e do Caribe.

- Projeto Rappers, projeto que forma agentes de conscientização dos direitos e garantias constitucionais da população negra.

- Centro de Estudos jurídicos, que desenvolve estudos sobre a desigualdade racial.

- Núcleo de Educação e Formação Política, que promove cursos de formação de professores e multiplicadores de informação no combate ao racismo. Essa é uma experiência positiva, que desde 1996 até 2000 conseguiu desenvolver quatorze (14) cursos, de capacitação nas áreas de cidadania, diversidade étnico-cultural e relações de gênero e raciais com o professorado das escolas envolvidas com o Projeto. Foram beneficiados oito(8) estados brasileiros, a saber: Belo Horizonte, Curitiba, Cáceres, Joinvile, Brasília, Porto Alegre, São

Paulo e Belém. A experiência do Geledés tem fortalecido a crença de que o professor preparado é um multiplicador de conhecimentos, um veículo de mudança no desmonte das diversas formas de racismos. Esses cursos de Educação e Relações Raciais foram ministrados de forma expositiva, através de vídeos, debates e dinâmicas de grupo.

O objetivo básico é permitir aos participantes subsídios para que possam entender os conceitos de preconceito, discriminação racial e racismo, no sistema escolar, e prioritariamente, como trabalhar com eles e interferir no cotidiano da cultura escolar.

## 2.2 - Projeto Geração XXI

Em 1999, foi implementado pelo Geledés – Instituto da Mulher Negra, o Projeto Geração XXI, para (21) jovens negros.

Primeiro Projeto de Ação Afirmativa para pessoas negras na cidade de São Paulo, que através da Educação, visa ao desenvolvimento humano sustentável, gerando a inclusão e a superação de barreiras erguidas contra eles causadas pelo racismo.

Fornecer apoio psicológico e econômico em todas as áreas do cotidiano para esses jovens e vários tipos de suporte para suas respectivas famílias.

Nos centros urbanos brasileiros, Ongs e Movimentos Negros vêm obtendo conquistas para o segmento negro através de políticas insertivas, porém sem um sucesso contínuo, conseqüência da falta de apoio material e, em alguns casos, institucional.

A Organização Não Governamental Geledés Instituto da Mulher Negra - Geledés, que proponho dar a conhecer nessa Dissertação, constitui uma feliz exceção.

Exceção porque oferece aos afro-descendentes a estrutura necessária para que possam se desvincular da situação de pobreza e da ausência de oportunidades.

O Projeto Geração XXI começou a ser pensado e formulado em março de 1998, iniciando suas atividades com os vinte um (21) jovens em 15 de março de 1999.

É um plano de Ação Afirmativa (AA), surgida da aliança social estratégica, entre a Ong, Geledés - Instituto da Mulher Negra, em atividade na cidade de São Paulo nos últimos dezessete (17) anos, a Fundação BankBoston e a Fundação Palmares.

Ele apóia vinte um (21) adolescentes afro-descendentes, de ambos os sexos, oriundos de camadas sócio-econômicas menos favorecidas, na cidade de São Paulo; desde a oitava (8ª) série do ensino fundamental até o término do curso universitário.

Acompanha, dirige e apóia igualmente as famílias desses jovens através de um trabalho social de habilitação profissional e suporte econômico, oferecendo-lhes a oportunidade de participarem de um Programa de Desenvolvimento, cuja finalidade é capacitá-los para competirem no mercado de trabalho, na política e ou em posicionamentos

sociais que gerem mudanças para toda essa classe de excluídos.

O resultado positivo desse projeto impedirá a formação e ou manutenção de elites homogêneas, através da concentração no topo da sociedade de indivíduos da mesma etnia ou sexo, em contrapartida a bolsões heterogêneos de miséria.

### **Processo de Seleção dos vinte um (21) jovens – Quem pode participar do projeto?**

Esse trabalho não foi aleatório, envolveu profissionais da área de recursos humanos e técnicos do BankBoston, o Geledés, a Fundação Palmares e a participação da Fundação Abring, parceria com as escolas públicas e entidades que trabalhassem com esse segmento, que quisessem indicar seus alunos.

Dezenas de inscritos se apresentaram e foi necessária uma triagem inicial, seguindo critérios anteriormente estabelecidos, para a formação dos vinte um (21) jovens.

Uma equipe interinstitucional fez a pré-seleção, encaminhando os aprovados para uma segunda fase de avaliação.

Foram feitas dinâmicas de grupo, entrevistas individuais, seguida de confirmação dos dados fornecidos pelos candidatos.

O número exato de jovens inscritos não me foi fornecido, visto que o sistema de arquivos do Projeto ainda está em fase de organização. Esse aparente atraso se deu graças às prioridades dadas aos alunos em sua adaptação à tão nova situação e imprevistos técnicos surgidos ao longo do projeto de tão grandes dimensões.

Devo esclarecer que a equipe do Projeto Geração XXI mudou-se da sede do Geledés Instituto da Mulher Negra-Geledés, para uma instalação de maiores dimensões, próxima à Avenida Paulista, com o objetivo de oferecer maior conforto e aproveitamento escolar aos jovens.

Esse novo espaço, possui Biblioteca (organizada com a colaboração dos adolescentes), amplas salas de aula, salas de reunião, copa, cozinha onde os jovens podem

fazer suas refeições, visto que ficam durante todo o dia nesse local; computadores, máquinas de xerox; enfim tudo o que uma escola com características de “escola modelo” pode fornecer aos seus alunos.

Uma forma de conhecer melhor as expectativas de cada jovem e suas reais possibilidades de levar adiante o projeto que consta de nove (9) anos de duração, e seu interesse em participar foi através da feitura de uma redação. Da mesma forma, a capacidade de se expressar e as informações sobre a realidade do mundo onde vivem fez parte dessa avaliação.

A etapa seguinte constou de reuniões com os familiares desses jovens, com intuito de medir o interesse dos pais e a capacidade de assumirem um compromisso de tão longa duração. E, além disso, realizou-se a gênese do estabelecimento de laços de solidariedade entre todos os envolvidos.

Nesse momento, os pais firmaram o compromisso de participarem das reuniões, quando solicitados e primordialmente, de manterem os jovens fora do mercado de trabalho.

Para que as condições de vida de cada um fossem devidamente avaliadas e para se conhecer quais eram as prioridades de cada um, as comunidades onde cada jovem residia, foram visitadas por responsáveis pelo projeto.

Paralelamente a todo esse movimento do grupo interessado na participação do Projeto, os critérios de seleção que determinaram a escolha dos jovens foram postos em andamento, quais sejam:

- ser negro (auto-declaração), parece simplista, porém uma grande quantidade de jovens brancos, às vezes apoiados pelas próprias escolas participantes, se inscreveram. Seus motivos eram de que preenchiam muitos dos outros requisitos exigidos pelo projeto. Aconteceu inclusive um caso de um jovem totalmente branco, que se apresentou como negro, com intuito de participar do projeto. Quando indagado sobre sua auto-definição como negro, ele explicou que as condições de vida que ele levava se aproximava das condições dos negros, portanto, ele se considerava negro.

- estar cursando a sétima série do ensino fundamental, em escola pública;
- ter entre treze e quinze (13 e 15) anos de idade;
- residir em São Paulo;

- bom desempenho escolar, este item foi posteriormente reavaliado, abrindo espaço para a inclusão de jovens com dificuldades escolares. Valorizou-se mais o comportamento e menos as notas;

- renda familiar *per capita*, entre um e dois (1 e 2) salários mínimos, normalmente as famílias são compostas de duas ou mais pessoas e a renda final se torna bem maior. Se fossem aceitos jovens com renda menor, eles e as respectivas famílias estariam passando por dificuldades mais importantes que a educação e isto geraria a necessidade de ingressar cedo no mercado de trabalho, e este requisito não constava nos planos do projeto.

- a manifestação do interesse em participar do projeto e a assunção de um compromisso de nove (09) anos de duração.

Vinte um (21) jovens negros de escolas públicas da cidade de São Paulo foram escolhidos, dentre aqueles que demonstraram maior aproveitamento escolar.

Foram selecionados dez (10) meninos e onze (11) meninas entre treze (13) e quinze (15) anos; negros, de baixa renda e tendo em muitos casos a ausência do pai. Além de reservar sessenta (60%) por cento das bolsas para jovens do sexo feminino, foi dada prioridade na escolha de adolescentes oriundos de famílias chefiadas por mulheres.

Essas atitudes fortalecem o compromisso do Geledés com as camadas femininas mais carentes da população, na cidade de São Paulo.

O compromisso firmado com os jovens selecionados para o Projeto Geração XXI é que através dos investimentos em seu desenvolvimento pessoal e social, deva acontecer a promoção de Ação Afirmativa; representa a melhoria da educação, a mobilidade social e a ampliação dos direitos destes afro-descendentes.

Geledés, constituída de planos para o desenvolvimento humano sustentável, que, em um período de nove (9) anos, diligenciará para que se realizem atividades que tornem possível o medrar de talentos, a tomada de conhecimentos de tecnologia, de outras línguas e linguagens, o comparecimento amiúde a eventos culturais e aprendizagem mais consistente sobre a história dos povos afro-brasileiros e da Diáspora Africana.

Em um levantamento feito pelo Instituto da Mulher Negra - Geledés, foram identificadas dezoito (18) publicações acerca do Projeto acima citado. O maior número de publicações está entre maio de 1999 e setembro de 2002, sendo que a mais recente foi no jornal Folha de São Paulo, de maio de 2003.

“Todos artigos elogiam o caráter inovador do projeto, que está servindo para exemplificar outras ações de combate a todos as formas de racismos.”<sup>11</sup>

---

<sup>11</sup> Fonte: Cidinha da Silva, Ações Afirmativas em Educação, 2003).

## **Parceiros do Projeto Geração XXI**

### **Aliados e parceiros agregam amplitude ao projeto.**

Durante o acompanhamento dos jovens, a rede escolar onde eles estudavam receberam apoio para eventos de formação e publicações multimídia, que discutiram a Agenda 21, cidadania e diversidade.

Foram dezessete (17) as escolas, sendo dezesseis (16) públicas e uma (01) privada, que receberam apoio para realização de eventos relacionados à cultura, diversidade étnica, relações de gênero e raça, educação, justiça, assistência social e Direitos Humanos.

Os ingressantes no Projeto Geração XXI receberam material didático e de comunicação, com o objetivo de fortalecer neles a auto-estima e a possibilidade da participação nos grupos de trabalho.

Fundação BankBoston - é responsável pelas ações desse Banco na área Educacional, tendo como foco principal a valorização da diversidade, e o desenvolvimento humano da infância e da juventude. Está envolvido com o debate e a prática da responsabilidade social das empresas estabelecidas no Brasil, procurando contribuir para uma mudança de postura da sociedade brasileira com relação à grande diferença sócio-econômica no seio da sociedade.

O prêmio TOP SOCIAL foi instituído em 1999 este ano pela ADVB para despertar nas empresas o interesse pela responsabilidade social que lhes cabe e dar visibilidade às ações que promovam o bem-estar social, como parte direta ou indireta da estratégia de desenvolvimento de seus negócios.

O Projeto Geração XXI é inovador em nosso país, enquanto um projeto de ação afirmativa; pois é a iniciativa privada internacional que traz experiências de seu país de origem, visando a implementar políticas de superação das grandes diferenças sociais aqui existentes.

É permitindo a formação de novas lideranças, nesse caso, de negros, para o avanço da luta por direitos iguais desse povo, no Brasil.

E-mail: [fundacaobkb@bkb.com](mailto:fundacaobkb@bkb.com)

Fundação Cultural Palmares – Ministério da Cultura – Brasil.

Órgão que tem por objetivo preservar os valores culturais, econômicos e ambientais e sociais dos negros brasileiros.

E-mail: [palmares@poliedro.com.br](mailto:palmares@poliedro.com.br)

Geledés – Instituto da Mulher Negra - Organização política de mulheres negras, de combate ao racismo e à opressão de gênero. Luta pela valorização e promoção das mulheres negras em particular e da comunidade negra em geral.

E-mail: [geracaoxxi@uol.com.br](mailto:geracaoxxi@uol.com.br)

O Projeto Geração XXI. Tomou o século XXI como símbolo das esperanças para o futuro, onde vinte um (21) jovens negros poderão fazer a diferença, promovendo seu próprio desenvolvimento humano sustentável, superando os processos de discriminação e exclusão.

A proposta pedagógica fundamental do Projeto Geração XXI tem três condições básicas cuja finalidade é agregar valor ao aprendizado:

- suplementação escolar;
- cidadania;
- cultura, comunicação e mobilização social;

Oferece para os vinte um (21) adolescentes:

- Custeio do segundo grau e da universidade;
- Ensino complementar de inglês, informática, arte, cultura, sexualidade, desenvolvimento sustentado, ética, globalização e direitos humanos;
- Grupos de discussão e reflexão sobre cidadania e identidade;
- Acompanhamentos psicopedagógico e social. Apoio e orientação ao grupo familiar;
- Reforço escolar e cursos preparatórios com profissionais altamente qualificados;
- Orientação profissional visando à construção de um projeto de vida;
- Orientação acadêmica;
- Complementação pedagógica;
- Atividades físicas e culturais – Café Culturais;
- Complementos como: bolsa de estudos, pagamento de mensalidade em instituições privadas; uniforme, material de apoio didático, vale-transporte, vale-refeição, vale-alimentação (para compras em supermercado) e assistência médica e odontológica;

- Sustentação financeira para participação e realização desses aprendizados.

Foi necessário garantir a esses jovens e suas famílias as condições materiais, sociais e econômicas para que as dificuldades e os desníveis existentes pudessem ser superados.

No Projeto Geração XXI, foi criado um trabalho social de grande importância, cujo objetivo é incluir os familiares desses vinte e um (21) jovens estudantes, que é o Projeto Família XXI.

Esse projeto abarca cento e onze (111) pessoas com as ações diretas e indiretas, prevê linha de crédito, orientações sobre empreendimentos, capacitação profissional e educacional.

As famílias beneficiadas são as que possuem menor renda e menor escolaridade.

Tem como proposta a geração de renda e atividades de socialização entre as famílias dos vinte e um (21) jovens inseridos no do outro Projeto Geração XXI. Considerando a situação sócio-econômica destes no início do projeto, não se poderia contribuir para o aperfeiçoamento dos mesmos, deixando as famílias fora do contexto de possibilidades.

O referido Projeto consta de Oficinas, eventos, participação em passeios com os jovens. Os eventos têm participação de personalidades que desenvolvem projetos e ensinamentos com enfoque na elevação da auto-estima e fortalecimento de uma identidade negra desse grupo.

De início, os temas enfocados giravam em torno da saúde, sexualidade e relações sociais no Brasil. Por um lado, acontecia à confraternização dos pais entre si e com a coordenação do Projeto Geração XXI, o que muito facilitou o desenvolvimento e a solução dos problemas surgidos no decorrer do processo. Por outro, a finalidade que estava subliminarmente colocada era que, abrindo novos horizontes, cada pai, mãe e até irmãos, se motivassem ao retorno aos bancos escolares.

No decorrer do Projeto, não só os jovens desenvolveram seus talentos, alguns familiares destes voltaram a estudar, inclusive em nível universitário. Situação que possivelmente não ocorreria, sem o incentivo do Família XXI.

Para que as famílias se tornassem autônomas no que se referam a recursos para vivências dignas, e que seus jovens não necessitassem deixar a escola para se voltarem ao mercado de trabalho, os alunos do curso de MBA da Boston School, oferece uma doação financeira para que estas iniciem micro empreendimentos objetivando posterior geração de trabalho e renda.

Cada família comportou-se de forma diferente: algumas tiveram sucesso em seus pequenos empreendimentos; outras, enfraquecidas pela constante exclusão e sem auto-afirmação (falta de formação identitária enquanto pessoas negras), tiveram dificuldades de aproveitar tal recurso financeiro.

Para se reafirmar o convívio entre as famílias, foi oferecido o espaço físico na sede do Geração XXI e também no espaço da Biblioteca Mario de Andrade, devido a sua localização de fácil acesso, para encontros organizados pelas próprias famílias. Foram programados encontros trimestrais com convidados de competência comprovada para desenvolver a reflexão desse grupo acerca de sua participação no grupo e das vantagens advindas desse fato. As Palestras esclarecedoras de aprofundamento de temas escolhidos pelas famílias.

Ainda aconteceram encontros relacionados a datas comemorativas de interesse do grupo, como o Dia Internacional da Mulher e o Dia da Consciência Negra.

A situação das quinze (15) famílias envolvidas no Programa Família XXI, se desenvolveu e resultou nas seguintes propostas: existem cinco (05) trabalhos de empreendedorismo familiar em franco andamento, a saber:

- confecção de chinelos, que são vendidos através de encomendas. Trabalho realizado pelo esforço conjunto da família da jovem Paula.

- pintura de quadros, em madeira, em tecido, desenvolvida pela família de aluno Rogério.

- bolsas de couro, feitas em oficinas domésticas. O trabalho é terceirizado. Desenvolvido pela família do aluno Deyvison.

- artesanato feito a partir de materiais recicláveis (papel, alumínio, garrafas). A venda é feita não só por encomenda, mas também em Feira de Artesanato, em Itaquera.

- trabalhos em crochê, vendidos por encomenda, da família do aluno Rode.

Existem novas metas em discussão sobre novos cursos para geração de renda, para abranger aquelas famílias que ainda não se inseriram no Família XXI. Incluindo cursos de informática, orientação para formação de cooperativas e exposição de produtos resultantes de seus trabalhos. O fornecimento de equipamento adequado para a confecção dos trabalhos também está incluído nas metas futuras; como máquinas de fazer fraldas, máquinas de costura, materiais ligados ao tratamento para os cabelos.

As visitas regulares à casa dos alunos, reuniões mensais com pais e mães e a equipe técnica, incluindo atividades para as crianças, são metas que se pretende ampliar e ou dar continuidade, quando já estiver em andamento.

De quatro mães que deram depoimentos, para a Cidinha da Silva, no livro Ações Afirmativas em Educação, duas tinham ensino médio e duas o ensino fundamental incompleto; apenas um pai tinha cursado o ensino superior.

O projeto Geração XXI contribui para o aperfeiçoamento e fortalecimento da construção democrática no Brasil ao dar sustentação econômica aos jovens em questão, garantindo-lhes as condições de acesso ao ensino universitário, ações de apoio e orientação junto aos grupos familiares, projetos de diversidade racial/étnica.

O objetivo é garantir um acesso competitivo ao mercado de trabalho do século XXI e pautar a discriminação racial/étnica como fator determinante no desempenho escolar e sócio-econômico da população afro-brasileira, construindo assim condições de equidade social.

Meu desejo para esse Projeto Família XXI é que ele, bem como o próprio projeto para os vinte um (21) jovens seja aproveitado como modelo por empresas, instituições e órgãos do governo, para sua replicação em todas as comunidades excluídas.

No Início do Projeto Geração XXI foi dada importância fundamental ao preparo desses jovens que estavam terminando o ensino fundamental, para que fossem capacitados a acessar com sucesso as boas escolas de ensino médio.

No primeiro semestre de 1999, as atividades visando à suplementação escolar tinham a duração de dez (10) horas semanais, cujos conteúdos eram matemática e português, focando os conteúdos básicos do ensino fundamental. Reservando-se nessas dez (10) horas também espaço para a feitura das lições de casa.

Os cinco (5) profissionais encarregados dessas atividades já eram parceiros do Núcleo de Educação e Formação Política do Geledés.

Foi necessária essa suplementação escolar visto que a maioria dos estudantes da rede pública não está em condições de aplicar os conhecimentos adquiridos na escola na melhoria da sua qualidade de vida.

Falta a eles a capacidade de crítica, observação, comparação e até de generalização necessárias para o aproveitamento dos conhecimentos adquiridos.

Essas informações acerca do aprendizado escolar são as últimas informações originadas do Sistema de Avaliação do Estado de São Paulo (SARESP). Também a avaliação do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica (Saeb), aplicado pelo MEC nas regiões sul e sudeste do Brasil confirmam a insuficiência de aprendizado dos alunos da rede pública.<sup>12</sup>

---

<sup>12</sup> Fonte: (<http://www.uol.com.br/aprendiz/fazen/fazendo/hindex.html/#Aluno Brasileiro>)

Para os organizadores do Projeto Geração XXI, o acesso ao conhecimento interfere qualitativamente na vida cotidiana, na apropriação e análise crítica do legado cultural da humanidade e na solução dos problemas práticos. Portanto foram definidas metas de estudo visando fortalecer nos jovens estudantes a motivação para tomarem decisões, solicitar a colaboração dos demais colegas, debater, criticar e defender idéias contrárias aos seus pontos de vista, anteriormente firmados.

O Projeto de Suplementação Escolar ([uol.com.br/aprendiz](http://uol.com.br/aprendiz))<sup>13</sup> foi inspirado na experiência da educação formal inglesa chamada Black Supplementary Schools, que propõe alternativas para superar a situação adversa dos estudantes pertencentes aos grupos estereotipados e ou discriminados de culturas diversas.

As iniciativas visando a essa superação foram de tolerância cultural e enaltecimento da diversidade, que passaram do monoculturalismo/assimilacionismo, para a chamada colour blind, que seria multiculturalismo (tolerância/celebração), anti-racismo.

Essas Black Supplementary Schools têm na Inglaterra, atividades alternativas, voluntárias que acontecem nos fins de semana, conduzidas por profissionais negros.

### **Alguns princípios quais sejam dessa escola foram aplicados no Projeto Geração XXI:**

- o amadurecimento cognitivo do aluno negro é subestimado pelos professores e pela instituição escolar, causados pelos estereótipos de inferioridade e incapacidade dos mesmos, produzidos pelo racismo;

- como consequência do primeiro princípio, o aluno negro é desconsiderado e não recebe estímulos para conseguir uma produção escolar acima da média;

- a falta de informações positivas sobre sua cultura e História desenvolve nesse estudante uma auto-estima fragmentada e defensiva;

---

<sup>13</sup> Ibidem

Para enfrentar essa problemática o Projeto em questão avaliou os conhecimentos dos vinte e um (21) jovens nas disciplinas de Português e Matemática e a partir daí elaborou um programa de conteúdos visando corrigir as deficiências encontradas.

As professoras responsáveis para o encaminhamento da solução para essa problemática foram: Valéria Maria Borges Teixeira e Hilda Silva Figueiredo.

### **Planejamento Pedagógico**

O Projeto Geração XXI, tem uma proposta pedagógica inovadora, baseada no desenvolvimento humano sustentável, de diversidade étnico-cultural e de interdisciplinaridade.

O desenvolvimento humano sustentável trabalha com a ampliação das noções de progresso humano e de oportunidades das pessoas, bem como da importância necessária a ser dada às novas gerações.

A proposta dada à diversidade étnico cultural vem tratar do reconhecimento das diferenças entre raça, etnia, cultura, sociedade, religião e gênero, e das hierarquizações que as transformam em desigualdades. Trata também da promoção da igualdade de oportunidades e os caminhos a serem trilhados para superá-las.

“A interdisciplinaridade, por sua vez, é uma atitude pedagógica caracterizada pela ousadia da busca, da pesquisa, pela transformação da insegurança num exercício do pensar, num construir”.<sup>14</sup>

---

<sup>14</sup> (Fazenda, Ivani. Interdisciplinaridade: um projeto em parceria. Loyola, São Paulo, 1993. p.18 )”.

## Cafés Culturais

“Cafés Culturais – esse nome foi tomado por empréstimo a uma atividade - do mesmo nome - do ‘Projeto Morro Arte’, desenvolvido na Barragem Santa Lúcia, conglomerado de três (3) favelas, no qual moram quarenta mil (40.000) pessoas em Belo Horizonte, Minas Gerais. Entre a opressão/sedução dos traficantes de drogas, a violência policial, a falta de saneamento básico, o desrespeito aos Direitos Humanos e de cidadania, entre centenas de ‘ balas perdidas’, a juventude negra se organiza e produz arte. O próprio título do projeto já é um exemplo. Os/as moradores das comunidades de favela gostam de chamar o lugar onde vivem de ‘Morro’, porque dizem que ‘Morro’ tem poesia”<sup>15</sup>.

Estes cafés fazem parte da proposta pedagógica, inserida no viés da cultura, comunicação e mobilização social.

É um evento que acontece na última sexta-feira de cada mês, aberto ao público, no auditório da Boston School. Rua Líbero Badaró, 633, Centro, São Paulo.

Personalidades significativas do cenário nacional, inseridas na área cultural, educacional, social, política e econômica brasileira, são convidadas para palestrar, discutirem e dialogarem acerca dos assuntos de suas áreas afins, com os adolescentes, seus familiares, convidados e integrantes do Projeto Geração XXI, profissionais do BankBoston e representantes de organizações governamentais.

Os jovens recebem com antecedência informações sobre a personalidade que estará presente no Café Cultural para que possam preparar discussões proveitosas com os mesmos.

Esse é um processo de formação para a liderança, comunicação e condução de situações cotidianas que esses alunos precisarão enfrentar nessa sua nova fase da vida.

---

<sup>15</sup> Planejamento Executivo do Projeto Geração XXI - Coordenadora M..Aparecida da Silva, SP,1999.

E através desses Cafés todos os vinte um (21) jovens têm oportunidade de fazer contato com novos grupos societários comunitários e também com a imprensa, presente em cada um desses eventos.

O primeiro Café Cultural aconteceu no dia 28 de maio de 1999, no horário das 15 às 17 horas no auditório da Boston School e a convidada foi a Dra. Dulce Maria Pereira, Presidenta da Fundação Cultural Palmares, que tratou do tema “Cultura, Educação e Desenvolvimento”.

Após cada Café Cultural, o grupo de jovens, juntamente com seus professores e organizadores dos Cafés, promovem uma mesa redonda discutindo os pontos positivos e as metas que devem ser alcançadas.

O aproveitamento do primeiro café pelos jovens foi positivo na questão de assimilação dos pontos principais da discussão. No entanto, alguns jovens se mostraram ainda muito imaturos quando das discussões sobre os Alimentos Transgênicos, tema daquele Café Cultural.

A atividade ajudou os mesmos a enfrentarem sua timidez diante do público; desenvolveu senso de responsabilidade porque eles tiveram de se preparar para um compromisso difícil, diferente e conseguiram.

As propostas para os próximos Cafés foram: que os próprios jovens organizassem os eventos, porque já estariam mais seguros no próximo semestre; que eles próprios fizessem uma divulgação maior com o objetivo de aumentar a presença do público presente; continuar a convidar pessoas que se transformem em formadoras e fortalecedoras da auto imagem do cidadão afro-descendente.

Projeto Aprendiz, uma proposta do Geração XXI e BankBoston para a formação de uma home page para os vinte um (21) jovens. Dentro desse projeto foi sugerida a discussão para o próximo Café Cultural, que seria denominado “A Cultura Hip-Hop e o Grafite”. Os jovens interessados foram encaminhados ao “Beco Escola Grafite”, para recolherem informações para iniciarem a pesquisa sobre o tema. No entanto, os profissionais encarregados da orientação não estavam preparados para ajudar. Os jovens do Geração XXI voltaram insatisfeitos e com poucas informações consistentes.

Através do Projeto Aprendiz, os vinte e um (21) foram convidados a participarem da criação de mosaicos, com o objetivo de decorar o centro histórico de São Paulo. Todos ficaram muito entusiasmados, trabalharam bastante, desenvolveram materiais criativos. Houve desgaste dos jovens, problemas de tempo, uso de dinheiro desnecessário, prejuízo nas tarefas escolares. Contudo, não foram corretamente informados sobre as regras de tal trabalho

e acabaram não sendo classificados. E como meta para 2004 decidiram, quase em unanimidade, não aceitarem todos os convites que surgissem. Já estavam nesse momento, praticando a capacidade de crítica, de escolhas próprias, diferentemente das primeiras experiências no Projeto Geração XXI.

Projeto Livro (2004): é mais uma experiência positiva para os jovens, no intuito velado de superar a sua baixa auto-estima, que esteve presente em inúmeras situações do cotidiano, dentro do grupo. Eles deveriam produzir um material didático sobre as questões voltadas para as problemáticas que enfrentam o afro-descendente. Se o resultado final fosse positivo, esse material poderia ser publicado.

A professora Kiusam estava orientando essa nova experiência, oferecendo instrumentos para essa produção.

Os trabalhos finais não eram exatamente didáticos, mas havia qualidade neles, a ponto da coordenadoria executiva sugerir que fossem publicados. Não tive informação recente sobre esse Projeto Livro, se já está publicado ou não.

Dessa mesma professora, surgiu à idéia de instrumentalizá-los para falarem em público; considerando que nos Cafés Culturais onde eles tinham de apresentar seus trabalhos, mostravam um teor de timidez que se transformava em frustração. Eles se inscreveram em seminários como o I Fórum da Juventude (18 e 19 de outubro 2003); no Recriando Utopias – Mulheres, Jovens e Homens Negros Contra a Violência Intrafamiliar e pela Paternidade Atuante e Consciente. O Fórum não agradou os jovens por causa da desorganização, os horários programados não foram cumpridos corretamente e algumas atividades não aconteceram. No entanto, o Seminário rendeu elogios dos jovens que assistiram às atividades, porém os que iriam se apresentar tiveram novamente a insegurança de se posicionarem diante do público.

Foi programado, para 2004 a inscrição destes para o Fórum Mundial da Educação, esperando que até lá já estivessem mais seguros com relação ao contato com o público.

O Programa de Cidadania e Cultura acontece através de oficinas de cidadania e interação lúdica. Aborda e vivencia temas ligados à identidade, sexualidade, ética, globalização, relações raciais e auto-estima, saúde, gênero.

De Minas Gerais, veio Hamilton Borges Walê, ator e educador popular baiano, e de Curitiba, Eduardo David de Oliveira, que é Bacharel de Filosofia e professor de História e Geografia, sendo também organizador de grupos de teatro em escolas públicas de sua cidade.

Ambos participaram da abertura da primeira oficina de cidadania, que através de brincadeiras, auto-conhecimento, jogos e exercícios dramáticos iniciariam a integração desses vinte um (21) jovens no grupo, que vivenciarão juntos todas as etapas do Projeto Geração XXI.

Nesse ambiente descontraído, aprenderam técnicas de respiração, relaxamento com intuito de aliviar as tensões a que estão sujeitos. Refletiram sobre a cultura brasileira através de cantigas de roda, reaprenderam seus movimentos e sons.

Os jovens, mostraram bastante interesse no desenvolvimento de um trabalho ligado ao teatro, e a avaliação final para esse trabalho lúdico foi para sua continuidade.

As oficinas voltadas para as questões de sexualidade e saúde tiveram por finalidade informar sobre as questões da sexualidade masculina e feminina, a gravidez como escolha de vida, métodos contraceptivos, projetos de vida, doenças sexualmente transmissíveis e sobre a Aids. Os jovens encontraram dificuldades de lidarem com temas tão carregados de preconceito, porém foram orientados por uma psicóloga, de um grupo conhecido como Coletivo Feminista, que abriu espaço para que eles próprios dessem sugestões para as discussões.

O tema sobre sexualidade e drogas, desenvolvido por Alexandre Milion, foi aceito com restrições pelos jovens, que avaliaram a atividade como superficial nas abordagens.

Novo trabalho sobre esse tema foi novamente organizado com a denominação de Prevenção às Drogas, apresentado em oficinas, com a finalidade de provocar a reflexão dos vinte e um (21) jovens quanto à questão do uso das drogas.

Essa nova equipe desenvolveu um trabalho sério e proveitoso, discutindo os fatores de risco, os tipos de drogas, a prevenção, a dependência. Foi classificado pelos alunos como excelente. Propuseram a retomada do trabalho, com os mesmos profissionais, em 2004.

As oficinas de Teatro tiveram uma grande aceitação entre os jovens, ajudando também na integração deles como um grupo.

Além das oficinas, outras atividades foram acrescentadas ao programa diário desses alunos.

Cidadania e cultura – Professora Kiusam

Passeios culturais, debates, trabalhos em grupo onde foram abordados saberes silenciados, produzidos e /ou organizados pelo segmento afro-descendente; negados ou excluídos dos currículos escolares.

Saberes como: situação de desempregados, moradores de rua, moradores da periferia, da zona rural, acampamento de sem terra, os sem teto, terceira idade, pessoas não alfabetizadas, as portadoras de necessidades especiais e mulheres. De como esses grupos estão “adaptados” dentro da cidade de São Paulo e quais são as suas perspectivas de inclusão.

O grupo assistiu ao filme brasileiro: Lisbela e o Prisioneiro e viajaram em férias para o hotel Paiol Grande.

Em 2003, os passeios organizados para esse grupo de jovens sempre suscitavam insegurança, tensão e ou insatisfação, visto que se sentiam intimidados diante dos locais públicos, onde a maioria de participantes é branco. Tinham pressa em se retirarem, como se aqueles locais não pertencessem também a eles.

Depois de muita persistência dos coordenadores responsáveis pelos passeios, os estudantes começaram a se descontraír e demonstraram interesse em assistirem a filmes e fazerem outros passeios em grupos, algumas vezes em companhia de suas respectivas famílias.

Em 2004, eles começaram a fazer passeios no Parque Ibirapuera e lá praticavam formas de relaxamento e também de diversão, sempre acompanhados de profissionais específicos da área escolhida.

Estiveram no MAM, vendo a exposição de Candido Portinari cujo tema eram as alegorias do Brasil, porém o número de obras expostas era pequeno e o passeio foi curto, causando decepção.

Na Assembléia Legislativa, um dos jovens foi barrado na entrada por estar vestindo bermuda, traje proibido dentro dessa instituição e em solidariedade e ele (Marcelo), o grupo preferiu abrir mão do passeio, que terminou se transformando em um divertido pic-nic no parque Ibirapuera. A exposição dos Guerreiros de Xi'na, os Tesouros da Cidade Proibida e os Símbolos da Autoridade Imperial, todas obras da China, foi do inteiro agrado de todos.

Na aplicação das atividades sociais pedagógicas, são abordadas datas comemorativas alternativas.

Elas atribuem mais valor aos pertencentes à grupos minoritários, dos quais, diversas datas não fazem parte do calendário dito oficial. Apresenta momentos históricos de grande valia para a re-significação da cultura social brasileira.

#### Março

08 – Dia Internacional da Mulher;

12 – Dia da Biblioteca;

19 – Morte do poeta e simbolista Cruz e Souza;

21 – Dia Internacional de Luta Pela Eliminação da Discriminação Racial;

25 – Dia do Circo;

27 – Dia Mundial do Teatro;

#### Abril

05 – Dia do nascimento do Mestre Pastinha, guardião da Capoeira Angola (1888);

13 – Dia dos jovens;

18 – Dia Nacional do Livro Infantil / Dia de Monteiro Lobato;

19 – Dia do Índio;

21 – Dia da Inconfidência Mineira;

22 – Dia do “Descobrimento do Brasil”;

26 – Dia do nascimento da ex-vice-governadora do Rio de Janeiro, Benedita da Silva;

26 a 28 – Aniversário das primeiras eleições multiraciais da África do Sul;

27 – Dia da Empregada Doméstica;

30 – Aniversário da fundação de Geledés – Instituto da Mulher Negra;

#### Maio

01 – Dia do Trabalho;

11 – Data da morte de Bob Marley;

13 – Data de assinatura da Lei Áurea / dia do nascimento do escritor Lima Barreto;

14 – Data do Fuzilamento dos líderes da Revolta dos Malês (Salvador , BA);

25 – Dia do Trabalhador Rural / Dia da África;

#### Junho

05 – Dia Mundial do Meio Ambiente;

13 – Dia de Santo Antonio;

24 – Dia de São João / Dia do nascimento de João Candido (RS), líder da Revolta da Chibata;

25 – Dia do Imigrante;

29 – Dia de São Pedro;

#### Julho

02 – Dia do nascimento de Franz Fanon;

03 – Data da Aprovação da Lei Afonso Arinos;

15 – Dia Internacional do Homem;

17 – Dia do nascimento de Beatriz Nascimento: historiadora e feminista negra (Sergipe, 1942);

18 – Dia do nascimento de Nelson Mandela;

20 – Dia Internacional do Amigo;

24 – Dia do nascimento de Solano Trindade, poeta e fundador do Teatro Popular Brasileiro;

#### Agosto

11 – Dia Nacional das Artes/ Dia do Estudante;

22 – Dia do Folclore;

23 – Dia do nascimento de José Correia Leite, ativista da Frente Negra Brasileira (1900);

24 – Data da morte do poeta, orador, advogado e jornalista Luiz Gama (1830);

#### Setembro

07 – Independência do Brasil;

08 – Dia Mundial da Alfabetização;

12 – Data do assassinato de Steve Biko, pai da Consciência Negra (1977) na África do Sul;

16 – Data da Criação da Frente Negra Brasileira;

28 – Data da Proclamação da Lei do Ventre Livre (Lei n.2040 de 1871) / Proclamação da Lei do Sexagenário (Lei n. 3270 de 1885);

#### Outubro

09 – Dia do nascimento do jornalista, orador e político José do Patrocínio;

12 – Dia das Crianças / Dia dos Professores / Dia do “Descobrimento” da América;

13 – Fundação do TEN - Teatro Experimental Negro (1944);

15 – Dia do nascimento do ator Grande Otelo;

19 – Dia do nascimento de Manoel Francisco dos Santos, Garrincha (1933);

#### Novembro

05 – Dia da Ciência e da Cultura;

08 – O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, recebe um Manifesto exigindo o item “cor” no censo de 1980;

14 – Dia do Bandeirante;

15 – Data da Proclamação da República;

19 – Dia da Bandeira;

20 – Dia Nacional da Consciência Negra, 304 anos da morte de Zumbi;

22 - Dia em que o marinheiro negro João Cândido lidera a Revolta da Chibata, no Rio de Janeiro;

23 – Dia do nascimento de Mestre Bimba, considerado pai da Capoeira Regional;

24 – Dia do nascimento de Cruz e Souza, poeta simbolista (Florianópolis, 1861);

#### Dezembro

01 – Rosa Parks inicia o boicote ao sistema de transporte racista nos Estados Unidos da América, iniciando o Movimento pelos Direitos Civis (1955);

01 – Dia Nacional do Samba;

10 – Dia Internacional dos Direitos Humanos;

17 – Data da morte da Rainha Nzinga, líder do primeiro movimento de resistência ao colonialismo na África.

### **Curso de Informática**

Desde o início de 1990, os coordenadores do Projeto Geração XXI deram início às aulas de informática aos vinte um (21) jovens selecionados pelo Projeto. O aprendizado inicial se baseou na familiarização dos estudantes frente ao microcomputador, seguido dos cursos básicos de Power Point, Windows e Word. Apenas depois do segundo semestre, foram ministrados conteúdos mais aprofundados e a utilização da Rede Mundial de Computadores.

Alguns alunos usaram a Internet apenas para pesquisas ou para bate-papos e jogos, não se interessando no aprofundamento dessa nova linguagem tecnológica. Os jovens se queixam também dos equipamentos desatualizados e da Internet lenta.

Existem planos para o aprofundamento dos conhecimentos de informática em cursos e assessoria profissionais, para os alunos interessados.

### **Curso de Língua Estrangeira – Inglês e Espanhol**

Considerado de vital importância na abertura de diálogo com outras culturas, no vestibular e no curso de informática, o domínio de uma língua estrangeira, foi incluído como meta prioritária o projeto pedagógico do Geração XXI. O inglês básico, visando ao vestibular, foi ministrado pela professora Fabiane que já havia morado nos Estados Unidos.

Para que os jovens recebessem certificados, eles foram matriculados em 2004, em cursos oficiais de inglês, financiados pelo projeto em que estavam inseridos.

Descobrir o que queremos ser

É uma orientação profissional recebida pelos vinte um (21) jovens, quinzenal, via palestras e debates, em parceria com profissionais das áreas de interesse de cada aluno, para facilitar-lhes o conhecimento mais aprofundado da disciplina escolhida e das perspectivas futuras para a inserção nessa área profissional.

A visita a empresas e a profissionais que trabalham com os temas ligados com a profissão escolhida, a exemplo de Direito, Tribunais, Magistratura, Engenharia, Hospitais ou Consultórios Dentários, faz parte da oficina, Descobrir o Que Queremos Ser.

Dentro da área de cada um, procurar nos parceiros, pessoas já formadas à fim de auxiliar na escolha da carreira e faculdade.

## **Curso de Língua Portuguesa**

- para ingressantes no Projeto Geração XXI

Professora responsável: Valéria M.B.Teixeira.

-“Compreensão da cidadania como participação social e política, assim como exercício de direitos e deveres políticos, civis e sociais, adotando, no dia-a-dia, atitudes de solidariedade, cooperação e repúdio às injustiças, respeitando o outro e exigindo para si o mesmo respeito”.

-“Conhecimento e valorização da pluralidade do patrimônio sociocultural brasileiro, bem como aspectos socioculturais de outros povos e nações, posicionando-se contra qualquer discriminação baseada em diferenças culturais, de classe social, de crenças, de sexo, de etnia ou outras características individuais e sociais”.<sup>16</sup>

---

<sup>16</sup> Objetivos dos Parâmetros Curriculares Nacionais para o ensino fundamental. – Ministério da Educação e do Desporto – Secretaria de Educação Fundamental – Brasília, 1997).

As propostas para o ensino aos jovens do GXXI são coincidentes com os Parâmetros Curriculares Nacionais acima citados.

Muito bem formulados na teoria, porém ineficientes na sua prática, com relação aos alunos das escolas públicas brasileiras.

Se ao menos esses dois itens citados fossem levados em consideração e praticados no dia-a-dia das escolas públicas, não teríamos tantas defasagens de aprendizado de cidadania nos jovens estudantes das classes menos privilegiadas.

Esse curso de Língua Portuguesa tem como finalidade complementar o conteúdo escolar dos vinte um (21) alunos participantes do Projeto. O programa pretende garantir aos acima citados, a capacidade de:

- discutir e refletir sobre o papel da escola e da educação na vida dos estudantes e cidadãos brasileiros

- evidenciar a importância das línguas de todas as nações (a língua como: poder de comunicação; resistência e identidade cultural e imposição política de uma comunidade e ou uma nação sobre outra)

- entender a variabilidade da língua

- refletir sobre a importância da Língua Portuguesa, sobre, por que estudar o “português”?

- Nações e comunidades onde se fala a Língua Portuguesa no mundo (Brasil, Portugal, Moçambique, Angola, Guiné, São Tomé e Príncipe, Cabo Verde, Timor, Macau)

- o domínio do colonizador português sobre o Brasil e alguns países africanos e asiáticos

- as línguas maternas e dialetos de alguns países africanos

-Quinhentos anos depois? A reflexão necessária: de onde viemos, quem somos? A África é logo ali, a África é aqui. Os povos indígenas no território brasileiro e suas línguas

-Quinhentos anos depois da descoberta do Brasil, o que restou? É muito mais do que um resto: a língua como elemento de resistência cultural e identidade. Algumas comunidades remanescentes de quilombos onde se falam dialetos africanos e tribos que mantêm as línguas indígenas. O português mesclado do Brasil ( a influência de outras línguas na composição do português brasileiro)

Há uma maneira correta de se falar? Peculiaridades e diferenças das linguagens

-a norma culta / padrão. Tipos

- a linguagem oral e escrita

-o coloquial, a linguagem cotidiana. A oralidade e as gírias

-as pronúncias /prosódias. As adequações e as inadequações

-os sotaques do povo brasileiro. O respeito pelo falar do “outro”. O respeito pela cultura do “outro”

-alteridade. Novamente: quem somos nós? O ser e o sujeito. O que é o sujeito? O sujeito sintático é diferente do sujeito social e psicanalítico. As várias formas de sermos sujeitos do conhecimento

-onde se quer chegar: o Negro como Sujeito da História. O Negro retratado como Produto e Objeto na História

-discutir qual é a importância da Arte

-discutir qual é a importância da Literatura

A Literatura como objeto de arte e forma de se refletir sobre o mundo.

A instauração do conflito. Por que a Literatura não é alienação?

- as Literaturas Portuguesa, Brasileira e Africana, de expressão portuguesa

- a Literatura engajada, a Literatura de cunho social. A Literatura Negra e a escrita Feminina (duas escritas polêmicas e necessárias: marginais ou marginalizadas?). Gêneros literários (poesia, romance, teatro, conto, crônica, cordel, popular)

- todo texto é ideológico – Bakhtin

- o que é um texto? A diversidade textual (o texto da vida, a escrita propriamente dita, o cinema, o vídeo, o jornal, o rádio, a música, a fala, as revistas em quadrinhos, o grafite)

- a linguagem verbal, (escrita, falada). A linguagem gestual, as imagens

- uma complexidade a ser iniciada: o que é ideologia?

- a retratação do negro na Literatura Brasileira. Como alguns escritores emblemáticos representaram o personagem negro em seus textos (Castro Alves, Lima Barreto, Luís Gama, Jorge de Lima)

A representação do personagem negro de forma discriminatória (jornais e literatura do século XIX e XX). O homem negro como objeto

- como o negro é representado hoje na Literatura? A mudança de representação do personagem negro. A Literatura negra brasileira – de combate ao racismo e exaltação da raça à procura de uma África mítica, até uma Literatura negra que tenta se universalizar. A recorrência de alguns símbolos

- os grandes escritores negros do passado no Brasil e suas obras imortais (Machado de Assis, Lima Barreto, Luís Gama e Cruz e Souza)

- o negro (em) cena: o Teatro Experimental do Negro. Abdias do Nascimento (dramaturgo) e Ruth de Souza (atriz)

- os escritores e escritoras negras do Brasil contemporâneo (Cuti, Miriam Alves, Esmeralda Ribeiro, Edmílson de Almeida Pereira, Elisa Lucinda, Oliveira Silveira, Geni Guimarães, Leda Martins, Adão Ventura, O Grupo Quilombhoje)

- outras escritas: as letras de músicas (Gilberto Gil, Caetano Veloso, Chico César, Milton Nascimento, Chico Buarque de Holanda, João Bosco)

- outra escrita novamente marginal ou marginalizada? As letras de Rap e o Grafite - cultura de rua, denúncia social, veículo de comunicação. Quando a música urbana da periferia é a opção pela permanência e pela interferência em alguns espaços sociais; o desbravamento de novos espaços.

Por ser longo, citei somente uma parte do programa de Língua Portuguesa para os jovens do Projeto Geração XXI. Descreveria esse programa como criativo, diferente e rico em proposições; visando principalmente ao aspecto sócio-cultural e ao preenchimento das lacunas dos livros didáticos, quando se trata da cultura negra.

Essa proposta pedagógica também buscou preparar os alunos para o ingresso nas escolas de nível médio de qualidade para no futuro, poder atender as exigências dos vestibulares mais conceituados, abrindo a possibilidade desses jovens superarem essa enorme barreira.

Quando escrevo essa dissertação todos os jovens já estão cursando a universidade comprovando que a qualidade do ensino gera mobilidade social.

As mesmas necessidades se aplicaram ao ensino da Matemática.

Porque o conhecimento dos alunos se resumia à memorização dos conceitos e fórmulas e não sabiam qual a utilidade dos mesmos em suas vidas cotidianas.

Por isso, o programa visam à definição e a aplicabilidade da matemática no dia-a-dia, a importância de desenvolver um raciocínio lógico e a inter-relação da mesma com as demais disciplinas.

A elaboração dos programas de conteúdo e metodológicos precisou ser adaptado às especificidades desses alunos, para que o ensino/ aprendizado fosse efetivo. Portanto, definiu-se que o período disponível e razoavelmente viável para a capacitação dos mesmos ao curso médio ficaria em dois anos.

Encontramos alunos que cursavam a oitava série e não dominavam as quatro operações, que são os conceitos essenciais para o desenvolvimento do conteúdo de quinta a oitava séries.

## **Curso de Matemática**

-para os jovens ingressantes no Projeto Geração XXI

Professora responsável: Hilda Silva Figueiredo

Temas Gerais

- desenvolver o conteúdo programático de forma que seja compreendido o porquê de aprender Matemática, o sentido e a necessidade da mesma na vida das pessoas

- ensinar Matemática de modo a proporcionar ao educando a compreensão dos conceitos básicos da matéria

- mostrar a inter-relação entre os vários campos da Matemática e desta com as outras áreas do conhecimento

- introduzir sempre que possível, conteúdos matemáticos a partir de exemplos do cotidiano

- desmistificar a definição da Matemática como uma matéria de difícil aprendizado

- estimular nos educandos a vontade de aprender e dominar os conceitos matemáticos

- desenvolver de forma simples e objetiva todo o conteúdo programático

## **Objetivos do Curso de Matemática**

- desenvolver nos participantes do Projeto Geração XXI hábitos de estudo, rigor, precisão, ordem, clareza, iniciativa, perseverança, responsabilidade, cooperação, solidariedade, crítica, discussão e uso correto da linguagem matemática

- desenvolver o nível de atenção e concentração, a capacidade de raciocínio, de leitura interpretação

- estimular a curiosidade e o interesse dos alunos a fim de que explorem novas idéias e descubram novos caminhos na aplicação dos conceitos adquiridos e na resolução de um problema

- possibilitar ao educando o reconhecimento da inter-relação entre os vários campos da Matemática e desta com as outras áreas do conhecimento

- valorizar o conhecimento do aluno, proporcionando-lhe a construção permanente de seu aprendizado: lendo, escrevendo, interpretando e fazendo operações matemáticas

- proporcionar ao educando atividades lúdicas e desafiadoras, incentivando o gosto pela Matemática e o desenvolvimento do raciocínio

- contribuir para a integração do aluno na sociedade em que vive, através do desenvolvimento do uso do pensamento, da elaboração de hipóteses, da descoberta de soluções, do estabelecimento de relações, do tirar conclusões, da abstração e da crítica

- desenvolver no estudante a capacidade de classificar, seriar, relacionar, reunir, representar, analisar, sintetizar, conceituar, deduzir, provar e julgar

- enfatizar a elaboração e resolução de problemas matemáticos como estratégia para aplicar os conceitos e conhecimentos adquiridos, principalmente em situações da vida cotidiana

- utilizar constantemente recursos e instrumentos para desenvolver a compreensão de “para que serve a Matemática”, como forma de motivá-los ao aprendizado.

A par de toda essa metodologia, esperou-se dos estudantes um bom nível de atenção e concentração, capacidade de raciocínio e abstração, domínio e aplicação dos conceitos matemáticos do curso fundamental, elaboração e resolução de problemas envolvendo os conceitos matemáticos, capacitação para a aprendizagem da matemática em escolas de ensino médio de boa qualidade e finalmente, bom desempenho se mostrou com o sucesso de todos, inseridos em diversas universidades.

## **Quem são os Jovens do Projeto Geração XXI?**

São em sua maioria meninas, com intuito de valorizar a mulher negra, com idade entre treze e quinze (13 e 15) anos, cursando o ensino fundamental em escolas públicas.

Para participar, foi necessário que tivessem um bom desempenho escolar, não só em notas e ou conceitos, também nos relacionamentos, comportamentos, assiduidade e estarem em idade compatível com a série cursada.

Tinha preferência pelos jovens que estudassem em São Paulo e morassem na região central da cidade. Necessário também que tivessem família ou responsáveis com moradia fixa, baixa renda familiar (entre um e dois salários mínimos) e ter como condição essencial: não trabalharem até o início do curso universitário.

A condição econômica do grupo familiar desses jovens era impedimento à construção de competências profissionais que permitissem o enfrentamento do mercado de trabalho do século XXI.

Para concorrer as vinte e uma (21) vagas do Projeto, havia ficha de inscrição, à qual eu tive acesso. Porém está em má condição de visualização, por isso não será acrescentada aos documentos.

Como vivemos em um país onde a burocracia sempre é mais importante do que os indivíduos foi necessário que cada candidato fornecesse uma Relação de Documentos:

- Fotocópia da certidão de nascimento ou da carteira de identidade do jovem
  
- Fotocópia do boletim escolar do ano em curso (1999)
  
- Fotocópia do comprovante de rendimento de todos os integrantes da família que possuísem renda
  - autônomos, bicos, comerciantes: declaração do rendimento dos últimos quatro meses com assinatura de próprio punho

- se trabalhasse para empresa ou patrão, sem registro: solicitar declaração de rendimento mensal

- desempregado até três meses, que não exerça atividade remunerada: fotocópia do seguro-desemprego ou comprovante de como está se mantendo

- assalariado ou aposentado: cópia do holerite, contra-cheque ou comprovante de recebimento do benefício.

Após a inscrição e uma seleção através de provas escritas e orais. O número de inscritos foi muito grande, porém eu não recebi nenhuma confirmação acerca da quantidade oficial.

## Os Jovens do Projeto Geração XXI

Caroline

Cristiane

Daniela Cristina.

Danilo

Dayane Silvia

Débora de Fátima

Deyvison

Gustavo

João Marcelo

Kilze Juliana

Kleber Daniel

Marcelo

Neuma

Paula

Priscila

Raphael

Rafaela

Richele

Rode

Rogério

Willians

O nome completo dos jovens não deve ser veiculado em um trabalho como este que será de domínio público, visto que estes jovens estudantes hoje serão adultos com responsabilidades em breve; e sua privacidade não pode, de nenhuma forma, ser invadida. Considerando que a minha intenção é ajudá-los e aos seus seguidores nesse empoderamento, nunca prejudicá-los. Quem sabe alguns deles cheguem pelos caminhos da Educação, à cargos políticos de renome; afinal, isto é o que todo grupo envolvido direta ou indiretamente no Projeto Geração XXI deseja verdadeiramente.

## **Participação cidadã**

Esses jovens, ao longo de seu desenvolvimento educacional, estarão sendo preparados para desenvolverem e participarem de ações solidárias em suas próprias comunidades, multiplicando o conhecimento recebido através do Projeto.

Alguns objetivos, no vir a ser para esses vinte um (21) jovens é que eles se proponham a oferecer seus novos conhecimentos e vivências em forma de pequenos cursos para as suas famílias e para a comunidade onde vivem.

Pode ser o desenvolvimento de atividades voltadas para informática, esporte, reforço escolar, orientação para escolha profissional, a partir das áreas de conhecimento a que já chegou cada um deles. Eles multiplicariam o conhecimento já recebido através da inserção no Projeto Geração XXI.

## **Metas previstas até o ano de 2004:**

A cada ano são revistas as propostas e metas educacionais e culturais para o Projeto Geração XXI.

- exposição sobre a vida de Edson Arantes do Nascimento – Pelé, no MASP
- oficinas de Sexualidade em parceria com o grupo Coletivo Feminista Sexualidade e Saúde.
- visita à Bienal do Livro
- início do Curso: Artes Plásticas (módulo 01) e Linguagem Arquitetônica (módulo 02), previsto pelo Processo de Orientação Educacional. Alunos participantes: Cristiane. e Deyvison
- levantamento de cursos específicos preparatórios para prova de habilidades específicas dos vestibulares
- início das atividades de orientação para escolha profissional
- Cafés Culturais
- Estação Ciência, projeto: Em Torno de Zumbi
- inscrição do concurso de logotipo do Projeto Geração XXI, criado pelos próprios jovens
- Bienal de Arte: Iconografias Metropolitanas
- curso sobre Leitura Dinâmica para jovens, em parceria com Univercity
- continuação das atividades de Orientação Educacional para escolha profissional

- visita a Fábrica de Cerveja ou Laticínios Paulista
  
- visita a Universidade de São Paulo
  
- reunião bimestral de mães
  
- oficina: Auto-estima
  
- divulgação de um roteiro para as férias em família, aproveitando o máximo de São Paulo, sem gastar muito.
  
- continuação das atividades de Orientação Educacional para escolha profissional.
  
- intensificação das atividades de Orientação Educacional, com visitas ao Geledés de profissionais de diversas áreas.
  
- viagem para Campos de Jordão, Praias ou Hotel Fazenda.
  
- Estação Ciência: Física, Química, Biologia, Geografia
  
- inauguração da nova sede do Geração XXI
  
- inauguração do laboratório
  
- reunião de mães: Oficina de Saúde da Mulher
- exame do ENEM
- oficina: vídeo, fanzine
- visita a Feira de Informática na FNAC
  
- Primeira Fase do Vestibular
  
- término do curso de Linguagem Arquitetônica (módulo 02)
  
- festa de encerramento do ano de 2002.

- proposta de vinte (20) horas mensais para que os jovens usufruam os conhecimentos dos professores através de plantões de dúvidas para as disciplinas de Física, Matemática, Química, Português e Inglês.

- curso de inglês ministrado na Boston School, utilizando todos os recursos que este espaço possa oferecer, como: professores bem qualificados, recursos de áudio visual, multimídia e salas de aula preparadas exclusivamente para esse ensino. Cursos específicos para o ensino médio e para o ensino universitário.

- oficinas de sexualidade voltadas para os jovens de ambos os sexos, ministradas pelo grupo Coletivo de Mulheres, e tendo lugar na própria sede de Geledés.

- para a Orientação Vocacional, com dinâmicas de grupo e recursos de áudio visual foi escolhida a equipe de psicólogos da Colméia. Essa instituição é uma Ong que há mais de sessenta (60) anos oferece cursos e orientações de qualidade para jovens.

- para fortalecer as escolhas profissionais, a continuação (já aplicadas em 2002) das visitas programadas a algumas empresas de ramos diversos, que mantêm parcerias com a Fundação Instituto da Mulher Negra.

- visando a aguçar os sentidos dos jovens para a estética, visitas mensais a museus, teatros, shows musicais e arte em geral.

- PAP: Programa de Atendimento Psicológico a disposição dos jovens e seus familiares, com o fim único de sanar ou tratar quaisquer problemas dessa ordem, que possam influenciar negativamente o aproveitamento desses alunos no decurso do Projeto Geração XXI.

As metas para o ano de 2004 chegaram de forma diluída e portanto, foram citadas de forma esporádica dentro da discussão do Projeto Geração XXI.

As metas para o ano de 2005 estão incluídas nos Planejamentos Individuais, que deveriam estar disponíveis em novembro passado. Foram transformadas em um fechamento

das metas para o Projeto Geração XXI, onde serão discutidos todos os planos a serem aplicados até o final do projeto, e até o momento presente não está disponibilizado para consulta.

## **2.3 Maria Aparecida da Silva - Cidinha da Silva:**

### **A Historiadora que Mudou a História**

Coordenadora do Programa de Educação de Geledés, ex-Coordenadora do Projeto Geração XXI, Coordenadora Pedagógica dos Projetos Rappers e Brio, direcionados a adolescentes da periferia de São Paulo e Coordenadora do Projeto Afro-Ascendentes, onde estão também incluídos os jovens da periferia do Rio de Janeiro.

Historiadora, advinda da UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais – Belo Horizonte, especializada pelos Estados Unidos em Diáspora Africana e ex-presidente do Geledés - Instituto da Mulher Negra. Coordena em 2004 outro Projeto de Ação Afirmativa para jovens negros(as) em parceria com a empresa Colgate-Palmolive: Projeto Próxima Parada: Universidade e é co-autora de Rap e Educação (1999), Racismo e anti-racismo na Educação: repensando a nossa escola (2001), é co-autora de Racismo no Brasil (2002) e Ações Afirmativas em Educação – experiências brasileiras – organizadora (2003).

Cidinha nos conta em entrevista para a Web que, em visita ao Brasil, inconformado com a falta de executivos negros, um alto funcionário (também negro) norte-americano da sede do Banco de Boston expressou seu desejo de ver esse problema minimizado. Daí, nasceu o Geração XXI, um projeto de ação afirmativa idealizado pela Fundação BankBoston, que garante a vinte um (21) adolescentes carentes acesso ao patrimônio cultural, ambiental, tecnológico e ao ensino universitário, capacitando-os a ocupar altos cargos, no futuro.

Para gerir o projeto, a Fundação BankBoston estabeleceu uma aliança social estratégica com a Fundação Palmares, do Ministério da Cultura, e convidou o Geledés para coordenar o projeto, o que evidencia o conceito de que a ONG desfruta.

O toque feminino da Cidinha tingiu o projeto com tons que acentuam seu caráter social.

Quando iniciei a pesquisa sobre o Geledés - Instituto da Mulher Negra, entrei em contato constante com a Coordenadora do Programa de Educação, então acumulando as funções de Diretora da Fundação, Maria Aparecida da Silva – Cidinha da Silva, como gosta

de ser chamada e é conhecida. Frequentei diversas reuniões com ela e outros participantes dos dois projetos

No Projeto Geração XXI, existe um trabalho social de grande importância visando a incluir os familiares desses vinte e um (21) jovens estudantes, que é o Projeto Família XXI.

## 2.4 Projeto Geração XXI, Ganha Prêmios

Prêmio Direitos Humanos – concedido pelo Ministério da Justiça no dia Mundial de Direitos Humanos, na categoria Organizações-Não-Governamentais, recebido em 10 de dezembro de 1996.

Diploma de Reconhecimento concedido pelo Governo do Estado de São Paulo pelo Trabalho Social Desenvolvido por Geledés junto à juventude do Estado de São Paulo, ofertado pelo Governador Mário Covas, em dezembro de 1997.

Prêmio: Luta, Gênero Feminino, oferecido pela Faculdade de Letras da Pontifícia Universidade Católica - PUC/SP, para Sueli Carneiro, em 1998.

Prêmio de Direitos Humanos recebido do Primeiro Ministro Lionel Jospin, em Paris, nas comemorações do Cinquentenário da Declaração Universal dos Direitos Humanos, em 10 de dezembro de 1998.

Prêmio Franz de Castro Holzwarth de Direitos Humanos, oferecido pela Ordem dos Advogados do Brasil – OAB Seção São Paulo, na categoria Menção Honrosa, em 1999.

“O Projeto Geração XXI, iniciativa pioneira de ação afirmativa da Fundação BankBoston, em parceria com Geledés – Instituto da Mulher Negra e com a Fundação Cultura Palmares, recebeu dia 13 de julho de 1999, no Memorial da América Latina, em São Paulo, o Prêmio TOP SOCIAL – 1999 da ADVB, Associação dos Dirigentes de Vendas e Marketing do Brasil.

Selo Nota 10, Prêmio oferecido pela Dhnet – Rede de Telemática Direitos Humanos & Cultura, ao site do Geledés – Instituto da Mulher Negra, por sua performance de qualidade, contudo e apresentação visual sobre o tema Direitos Humanos em língua portuguesa..

Links e Sites. Prêmio de melhor página do mês sobre cidadania, em março de 1999.

Cidadania Sim. Prêmio de melhor página do mês, sobre cidadania, em maio de 1999.

O Projeto Geração XXI foi um dos finalistas do Prêmio Eco – Reconhecendo a Cidadania Empresarial, promovido pela Câmara Americana de Comércio (AMCHAM/Brasil), em 1999, por sua inegável relevância comunitária.

Empresa que Educa Jovens para o Mercado de Trabalho. Prêmio outorgado pelo Senac – SP, em 2001.

Prêmio Orilaxé, ofertado pelo Grupo Cultural Afro-Reggae, na categoria de Direitos Humanos, em 2002.

Prêmio IDEC de Construção de Cidadania, ofertado pelo IDEC – Instituto de Defesa do Consumidor, em 2002.

Prêmio Cidadania Mundial, oferecido pela Comunidade Bahai, em 2001.

Mulheres do Ano 2001. Prêmio anual do Conselho Nacional das Mulheres do Brasil (CNMB).

Feminismo, Democracia e Justiça Social, homenagem do SOS – Corpo de Recife, às mulheres comprometidas com justiça social e cidadania, em 2002.

Diploma Mulher-Cidadã Bertha Lutz, outorgado pelo Senado Federal, em 27 de março de 2003.

## **2.5 - Fontes Consultadas- fornecidas pela coordenação do Projeto Geração XXI**

1. Estatuto Social do Geledés – Instituto da Mulher Negra
2. Prêmio ADVB de Direitos Humanos, para Sueli Carneiro
3. Eventos realizados pelo Geledés – Instituto da Mulher Negra
4. Regimento Interno do Projeto Geração XXI
5. Fotografia tirada de folder, dos vinte um (21) jovens participantes do
6. Projeto Geração XXI (de 1999)
7. Trajetória Acadêmica dos 21 jovens de Projeto Geração XXI
8. Instituições e Cursos onde ingressaram os vinte um (21) jovens
9. Eventos realizados, ou dos quais participaram os vinte um (21) jovens
10. Projetos sociais do Banco de Boston
11. Pequena amostra do: Roteiro para elaboração dos Planos Individuais (em curso)
12. Termo de Compromisso para Concessão de Incentivos Sócio-Educacionais – para o bolsista
13. Resultados da Web acerca de discussões sobre o Geledés e o Projeto GXXI
14. Formação estrutural da Diretoria do Geledés para o triênio 2003-2006
15. Estrutura Organizacional da Equipe Técnica do Projeto
16. Convite à Família XXI para Confraternização em Chácara Em São Bernardo do Campo
17. Convite a Mães do Projeto Geração XXI, para Oficina das Mães com o Grupo Baobá
18. Carta Convite às Famílias para Oficinas: Encontro de Sexualidade e Saúde e Harmonização entre o Casal, com o grupo, Coletivo Feminista
19. O Documento sobre o Planejamento Executivo de 1999, está citado em diversos momentos da discussão do Projeto, mas não está inserido na Dissertação
20. Relatório Pedagógico de 2003. Os dados mais importantes estão inseridos ao

longo da Dissertação

21. Consultei o Relatório da Fundação Cultural Palmares, 1º semestre de 2005. As discussões estão diluídas ao longo da Dissertação.
22. Relatório Qualitativo / 2003, discussões diluídas ao longo do texto.
23. Pontos para discussão e aprofundamento – Novembro de 1999
24. O que é o Café Cultural
25. Planejamento de 2002
26. Metas Não Atingidas do Planejamento de 2002, 1º semestre
27. Convite de Café Cultural, de 24 de maio de 2002
28. Curso de Linguagem Arquitetônica e Artes Plásticas, ministrada pelo Professor Filippo, da Fau-Usp.
29. Convite para o Café Cultural de 25 de abril de 2003
30. Cronograma de Execução Física – Trabalho Ano base 2000
31. Plano de Trabalho para Sistemática de Avaliação em Processo e de Registro- maio de 1999
32. Plano de Trabalho para Sistemática de Avaliação em Processo e de Registro- maio de 1999
33. Relatório bimestral das atividades desenvolvidas pelo Projeto Geração XXI, entre os meses de março e abril de 2001
34. Relatório de atividades desenvolvidas pelo Projeto Geração XXI, entre os meses de maio a junho de 2001
35. Sumário Executivo do Projeto Geração XXI – 1998
36. Cronograma Físico do Projeto Geração XXI, entre abril de 1998 a janeiro de 1999
37. Desenvolvimento Humano Sustentável: alguns paradigmas básicos estabelecidos pelo PNUD
38. O trabalho com a Família no Projeto Geração XXI

## **CAPÍTULO III**

### **AÇÕES AFIRMATIVAS**

“Ações Afirmativas são medidas especiais e temporárias, tomadas pelo Estado e/ou pela iniciativa privada, espontânea ou compulsoriamente, com o objetivo de eliminar desigualdades historicamente acumuladas, garantindo a igualdade de oportunidade e tratamento, bem como compensar perdas provocadas pela discriminação e marginalização, por motivos raciais, étnicos, religiosos, de gênero e outros”<sup>17</sup>

---

<sup>17</sup>Ministério da Justiça, 1996, GTI População Negra

### **3.1 Diversos autores vêm trabalhando com o tema de Ações Afirmativas para o segmento afro-descendente.**

As Ações Afirmativas já foram adotadas em diversos países e poderíamos destacar aqueles em que foram razoavelmente bem sucedidas: Índia, Malásia, Israel, Colômbia, Canadá e África do Sul, além dos Estados Unidos.

Os pioneiros das Ações Afirmativas (AA) estavam voltados principalmente para as desigualdades sociais.

Em 1933, James E. Jones já afirmava que o surgimento das AA para grupos raciais só teria ocorrido em consequência da legislação vigente, que não procurava solucionar as questões relacionadas aos mesmos. Eu vejo a confirmação dessa tese de Jones se repetir aqui no Brasil em finais do ano de 2005.

Para Seymour Martin Lipset, em 1933, a legislação teria substituído o igualitarismo, ou seja, a igualdade de oportunidades para o grupo.

No entender do autor, as AA deveriam ser universalistas e não dirigidas a grupos específicos.

John F. G. Kennedy percebeu a necessidade de implantar medidas que permitissem a igualdade entre pessoas de diversas etnias, após os grandes movimentos sociais de negros e outras minorias da população estadunidense. Enviou para o Congresso as Leis dos Direitos Civis (as Leis de Direitos Civis do congresso norte-americano ficaram conhecidas como Affirmative Action ou Ações Afirmativas aqui no Brasil), aprovadas na década de sessenta (60) do século XX, e que traziam em seu bojo medidas compensatórias que promoviam a igualdade racial.

Esta legislação originou diversos debates.

No Brasil, a reserva de vagas para portadores de deficiências físicas nos concursos públicos, visando a corrigir mecanismos de discriminação e exclusão no trabalho, representou um caso de política de AA bem sucedido.

Algumas políticas de AA individuais lançadas no Brasil não originaram protestos veementes.

Tomando como exemplo um caso brasileiro, o governo de Getúlio Vargas, após a Revolução de 1930, adotou uma política industrializante e sancionou a chamada Lei 2/3, exigindo que essa porcentagem de trabalhadores nacionais fossem empregados em empresas estrangeiras instaladas no Brasil.

“Crítico a adoção de políticas de ação afirmativa, entre outros aspectos, pelo que ela tem de demagógico. Ao invés de melhorar o ensino público de base, busca-se penalizar a universidade pelo que ela não é culpada, transformando-a em panacéia para nossos males seculares. Resultado: inclusão social a custo zero, sopão para os pobres, delírio dos políticos. Mas a grande perversidade é que todo esse jogo de cena representado pelas cotas elude exatamente a discussão sobre a melhoria do ensino público fundamental e médio enquanto estratégia incontornável para a ascensão social dos mais pobres – negros e mestiços em sua grande maioria, observe-se. Ou se revoluciona a educação ou estaremos condenados a acabar com a pobreza de um modo ainda mais eficiente e cruel: matando os pobres”.<sup>18</sup>

Digo que, enquanto os governantes fazem demagogia acerca da melhoria da educação, encontramos organizações não governamentais como o Geledés – Instituto da Mulher Negra, revolucionando a Educação através de seus projetos, o que é uma das alavancas para o progresso do país.

---

<sup>18</sup> O Historiador Manolo Florentino escreve para o caderno Mais, da Folha de São Paulo, 10 de outubro de 2004).

O Professor Antonio Sérgio A. Guimarães, do Departamento de Sociologia da FFLCH-USP, defende, em sua obra “Racismos e Anti-Racismos no Brasil, de 1999”, a necessidade da criação de políticas que ofereçam aos negros alguma estrutura, para que ocorra sua absorção pela sociedade.

Ele nos fala que, no Brasil, o debate sobre ações que beneficiem os afro-descendentes (ou afro-brasileiros, como ele os chama) ainda são incipientes e que são matéria de discussões apenas nos Movimentos Negros, e em algumas entidades acadêmicas.

Existem argumentos contrários, no Brasil, à aplicação dessas ações, a saber: para se colocar em prática as mesmas, é preciso que se reconheça a existência de diferenças étnicas e raciais no país, contrariando a definição de que somos um só povo e uma só raça; existem aqueles que pensam que tais ações vão contra o direito do mérito de outros indivíduos e, finalmente, que ainda não temos possibilidades reais e práticas para a realização de políticas de ação afirmativa para esse segmento, tendo em vista a quantidade deles e o tempo em que estão deixados ao desamparo social.

Urge a necessidade de transferir para o país sistemas que objetivem a melhoria da situação desse grupo, o que representaria um motor de reversão da situação vigente.

“(...) nada fere mais profundamente a alma nacional, nada contraria mais o profundo ideal de assimilação do brasileiro, que o cultivo de diferenças”.<sup>19</sup>

---

<sup>19</sup> (Guimarães, Racismos e anti-racismos no Brasil, 1995: 43).

Hélio Santos, professor de Administração da Universidade Católica de Campinas; pesquisador do NEINB/USP, em sua mais recente obra “A Busca de um Caminho para o Brasil”, trabalha o conceito de equidade, tendo enquanto pilar da AA uma educação de qualidade e um salário condizente.

O autor defende ainda que a política de AA compensatória seria uma maneira de “indenizar” os negros por três séculos de escravidão e “decênios de continuísmos discriminatórios”.

Ainda segundo Santos, as políticas universalistas são necessárias no país, dado o enorme contingente de despossuídos, mas que aquelas de cunho “focalistas” sanariam de maneira mais eficaz as questões do negro.

“É necessário ainda dar visibilidade ao negro no Brasil. Isso quer dizer que sem a democratização dos meios de comunicação de massa (rádio e TV) não há como fazer avançar e romper a circularidade a que se submete a questão racial do negro entre nós. Tais medidas – a construção de uma pedagogia reversiva, que possa ser usada pela escola, em conjunto com a visibilidade positiva do negro e do afro-mestiço pela mídia – facilitarão ao País assumir a sua verdadeira cara. Isso significa construir um novo modelo estético-cultural que revolucione o País, pois muda a maneira do brasileiro ver a si próprio. A TV brasileira – a título de exemplo, dado o grande número de modelos loiros que utiliza – deixaria de ser escandinava.

Temos pelo menos quinze nichos, denominados cartesianamente unidades estratégicas de ação, que devem ser considerados por aqueles que pensam políticas públicas para o negro no Brasil:

- a) informação (quesito raça/cor);
- b) trabalho e emprego;
- c) comunicação;
- d) educação
- e) relações internacionais;
- f) terra: remanescentes de quilombos / terra de pretos;
- g) políticas de ação afirmativa;
- h) mulher negra;
- i) racismo e violência;

- j) saúde;
- k) religião;
- l) cultura;
- m) esportes;
- n) legislação;
- o) estudos, pesquisas, ciência & tecnologia.

O elenco de áreas a serem trabalhadas demonstra de maneira objetiva que o Problema do negro brasileiro é, antes de tudo, uma solução. Solução importante para que o País deixe de ser inconcluso e unifique os dois brasis: o desenvolvido, próspero e branco e o anacrônico, pobre, negro e afro-mestiço em sua maior parte”.<sup>20</sup>

---

<sup>20</sup> Hélio Santos, A busca de um caminho para o Brasil- A trilha do círculo vicioso. Senac, SãoPaulo, 2001.

Henrique Cunha Júnior considera a produção acadêmica sobre os afro-descendentes uma estratégia relevante e necessária para o combate ao racismo na educação brasileira.

A partir de 1978, se produziram mais de vinte teses de doutorado e de mestrado, uma centena de artigos, livros, textos e trabalhos visando à temática do negro no Brasil. Cunha Júnior vê essa produção como um “edifício” de dimensão incontestável para a causa supra citada.

“Esse conjunto de produção acadêmica resulta, aparentemente, de quatro fatores:

a) os movimentos negros apontarem insistentemente para os problemas educacionais que afetam particularmente os afro-descendentes, num período coincidente com as expectativas de democratização nacional do final do ciclo das ditaduras militares;

b) a existência de uma tradição de preocupação com a educação nos movimentos negros e associações negras (a inserção das professoras negras no mercado educacional deve ter alguma relação com esse fato);

c) alguns setores negros perceberem nos finais da década de 70 a importância da pesquisa universitária e do poder emanado do conhecimento processado pelos círculos acadêmicos (...). Devedores também somos dos incentivos, contato constante com os movimentos negros e suporte dado por professores como Kabengele Munanga (...);

d) crescimento do número de acadêmicos reconhecidamente afro-descendentes”.<sup>21</sup>

---

<sup>21</sup> (Henrique Cunha Jr. In: Estratégias e políticas de combate à discriminação racial, org. K. Munanga, Edusp, 1996).

Segundo Maria Aparecida da Silva (Cidinha da Silva), as políticas de AA para o afro-descendente devem ter como premissa o reconhecimento de que pessoas sujeitas à desigualdade devem receber tratamento diferenciado, para que se possa realmente, praticar a justiça social.<sup>22</sup>

---

<sup>22</sup> M.Aparecida da Silva, Geração XXI: Pioneirismo em ações afirmativas para jovens negros/as, in: Cadernos Themis: gênero e direito, ano II, no2, set.2001

O sistema de cotas para os negros nas universidades públicas tem ocupado um espaço considerável na mídia atualmente e suscitado protestos de determinados grupos que declaram se sentirem prejudicados em função da suposta “proteção” àquele grupo específico, em detrimento de outros.

A colocação da importância das cotas para estudantes participantes de grupos excluídos, como os afro-descendentes, traz à tona a discussão sobre os problemas raciais no Brasil, que se diz uma democracia racial. É de suma importância que se leve adiante essa discussão e a implementação das cotas, permitindo assim a inclusão de grupos socialmente excluídos se tornarem capazes de fazer sua própria mobilidade social através da Educação.

A implantação de cotas em universidades públicas levanta polêmicas intermináveis, visto que as vagas supostamente ocupadas por alunos afro-descendentes, impediriam o mesmo número de alunos brancos, aprovados nos vestibulares, ocuparem tais vagas. Isto é visto como uma espécie de afronta e perda do *status quo*, tão arraigado em nosso cotidiano. Se fosse colocado à disposição dos afro-descendentes cursos preparatórios ao vestibular, em quantidade e qualidade, é provável que não fosse necessária a existência das cotas. Porque no momento que o aluno tem instrumental necessário para se preparar, ele pode concorrer em igualdade de condições com qualquer outro.

Em publicação do Jornal Folha de São Paulo do dia 28 de julho de 2006, a Universidade de São Paulo informa que não adotará o sistema de cotas, vista por esta instituição pública como uma simples reserva de vagas.

Jornal da USP, de 12 a 18 de dezembro de 2005 publica Reportagem da nova Reitora, a senhora Suely Vilela (Jornal da USP,2005), que chama a atenção para o fato da baixa existência de negros na universidade. E afirma que é necessário avançar nas discussões de inclusão étnica e sócio-econômica desse grupo, e que na USP leste esse trabalho já está em andamento.

Vilela se refere à “cota com mérito, que seria dar peso diferente para quem veio da escola pública. Então vai haver um processo seletivo no vestibular, depois poderá haver pontuações para determinadas classes. Isto é, você atribui peso diferenciado para determinados segmentos. Cota terá critérios de avaliação”<sup>23</sup>

---

<sup>23</sup> Jornal da USP, de 12 a 18 de dezembro de 2005 publica

“Nesse contexto, a cultura oficial só pode expressar uma sucessão de discursos, cujo conteúdo real é a dominação e cuja forma são sentenças hipócritas. Isto decerto expressa o papel mantenedor do *status quo* na cultura oficial. Ela se encarrega de difundir, nas escolas, nas universidades, etc., uma sucessão de mentiras que aparentemente são verdades. Para que se possa entender, darei um exemplo. Veja-se o debate sobre ‘quotas’ para negros na universidade brasileira. O discurso hipócrita da cultura oficial aparentemente diz uma verdade: ‘não se pode reparar uma injustiça cometendo outra injustiça’. Ou seja, o discurso reconhece que o negro brasileiro tenha sido impedido ao longo do tempo de ingressar nas universidades por um motivo ou vários que não sejam intelectuais (‘uma injustiça’). No entanto, seria ‘outra injustiça’ reservar uma parte das vagas na universidade para um grupo de negros. Há vários indícios da ‘outra injustiça’; (1) quem nos garante que esse grupo de negros tem mais merecimento que outro grupo de negros? (dúvida quanto à escolha); (2) por que retirar uma quota de vagas, dada porcentagem, da disputa legítima (competição) e não fornecer os meios (por exemplo, cursinho grátis) para o negro participar da competição?; (3) por que reduzir o número de vagas pelo estabelecimento de uma quota; não é criar um privilégio? Não era isso que esteve errado no passado?

Vamos por partes; argumento (1) – dúvida quanto à escolha atinge tanto estudantes atuais como aqueles que entrariam com base numa quota. O argumento procura apenas estabelecer que o que é atual é bom, e o que resultaria da quota poderia não prestar. É um sofisma pueril, bem ao estilo da hipocrisia: a presença do negro poderia piorar a qualidade. Argumento (2) – o ‘cursinho grátis’ é obviamente de pior qualidade que o cursinho pago; e a desvantagem continuaria reforçando a elite na competição. Apenas os estudantes pobres que estudam por conta própria estariam competindo com os negros saídos dos vestibulares grátis. Seria lançar pobres contra pobres, tão ao gosto da elite estabelecida. Argumento (3) – Não se pode combater um privilégio, sem usar para isso outros privilégios. Não há saída. Quanto à redução do número de vagas, isto não é uma necessidade; basta somar a quota ao total prévio de vagas. Por exemplo: há cem vagas; vai-se dar uma quota de 10%. Em vez de  $100-10=90$ ; usa-se:  $100+10=110$ .

Qualquer argumento que se possa utilizar na questão das quotas, a cultura oficial e o assimilacionismo encontrarão algo para agravar a situação. Na verdade, é uma defesa do *status quo*, da unicultura, do assimilacionismo a longo prazo (o desaparecimento do outro porque é diferente). É por isso que a competição é transformada em conflito. O suposto competidor, em desvantagem, percebe que as regras encobrem a trapaça”.<sup>24</sup>

---

<sup>24</sup> W.N.Barbosa.Cultura Negra e Dominação, 2002. pp 35-36.

## **CAPÍTULO IV**

### **O PRECONCEITO RACIAL**

“No limiar do ano 2000, não há mais formas institucionalizadas de racismo no mundo, (...). No entanto, o racismo de fato, a discriminação racial e as manifestações de xenofobia estão cada vez mais presentes e atuantes no tecido social de várias sociedades contemporâneas.

No Brasil, 107 anos já se passaram desde a abolição formal da escravatura. Durante todo esse tempo, as relações entre brancos e negros, apesar de serem apresentadas como harmoniosas pelo nosso mito da “democracia racial”, estão ainda encobertas por um racismo de fato, implícito e altamente eficaz quanto aos seus objetivos. Um racismo caracterizado por um silêncio criminoso que, além da exclusão sistemática dos negros em vários setores da vida nacional, prejudica fortemente o processo de formação da identidade coletiva da qual resultariam a conscientização e a mobilização política das suas vítimas. As vozes corajosas de alguns intelectuais brancos e dos movimentos negros de todos os tempos denunciaram em vão esse modelo de relações raciais tido oficialmente como democrático.

Mas devemos reconhecer que, nesta década, partidos políticos e imprensa livre começaram, timidamente, a confessar o que vem sendo negado durante mais de um século: a existência de uma desigualdade racial gritante entre negros e brancos. A confissão, a retórica e os discursos bem intencionados não são suficientes para quebrar as bases estruturais desse racismo. É preciso, pois, incrementar estratégias e políticas públicas de combate à discriminação nos campos onde ela se manifesta concretamente, ou seja, nos domínios da educação, cultura, lazer, esportes, leis, saúde, mercado de trabalho, meios de comunicação, etc.”<sup>25</sup>

---

<sup>25</sup> Kabengele Munanga, *Estratégias e Políticas de Combate à Discriminação Racial*, 1996.

## 4.1 - Racismos Através da História

Racismo, prática social negativa, repreensível, de hostilidade, segregação e outras ações negativas em relação ao indivíduo de cor negra e seus descendentes, limitam escolhas, direitos, posições e o desenvolvimento pleno das aptidões naturais.

Através de interpretações equivocadas das teorias evolucionistas de Charles Darwin, no século XIX, começaram a surgir pensamentos e atitudes racistas. As diferenças físicas dos homens se transformaram em desigualdades, criando o mito do homem inferior e do superior e a cor da pele foi um dos fatores mais marcantes nessa separação.

Os conceitos de “raça”, cultura e religião têm sido evocados ao longo da História, visando à reconstrução hierárquica nas sociedades humanas. As diferentes ideologias sobre raça despontam com intuito de se perpetuarem e justificarem as várias formas de dominação de um homem sobre o outro.

Manifestaram-se em torno do século XVIII e a cor da pele se transformam em novo paradigma denunciador de uma nova desigualdade social, porém antes disso, outras teses sobre discriminação, com variegadas denominações, surgiram nas sociedades.

O termo “bárbaro” utilizado por Aristóteles para denominar outros povos que não os gregos possuía a conotação de indivíduos desprovidos de razão, não civilizados, estranhos.

No mundo cristão europeu da Idade Média, a expressão foi substituída pelo termo “pagão”, continuando a gerar perseguições e mortes.

Da Idade Média ao início do século XIX, surgiu a ideologia da “pureza de sangue”, orquestrada pela Igreja Católica e utilizada enquanto instrumento da Inquisição, que perseguia todos os indivíduos que não professassem a fé católica.

Com a chegada do europeu no continente americano, os nativos aí encontrados foram classificados de “selvagens”, por estarem desprovidos de formação católica e andarem despidos.

As diferenças fenópticas existentes entre indivíduos constituíam uma ameaça a ser afastada e foi nesse contexto que surgiram teorias com o intuito de aplacar essas diferenças.

A chamada “Missão Civilizadora” dos europeus preconizava que os povos colonizadores tivessem a obrigação de levar aos nativos das terras recém-descobertas sua cultura e religião, visto que se consideravam pertencentes a um estágio mais avançado da humanidade. Essa “interpretação” européia conveniente fortaleceu no pensamento teórico-ideológico da época a noção de inferioridade do outro, do diferente, implicando modificações sociais, conservando resquícios negativos até os dias de hoje.

Na América portuguesa, o negro foi arrebatado da África e utilizado como mão-de-obra no trabalho compulsório, situação onde o europeu “reafirmava” sua suposta superioridade em relação a esses indivíduos.

Neste mesmo contexto, o padre jesuíta Antonio Vieira - um expoente religioso e político na América portuguesa, defensor dos nativos, missionário, pregador e escritor – apregou com louvor que a vinda forçada dos africanos para a América teria sido um projeto de Deus, para a salvação de suas almas.

Devido a importância desse jesuíta, sua fala produziu o fortalecimento das elites brancas, que de longa data já auferiam grandes lucros com a manutenção da escravidão. Ele mesmo e outros padres jesuítas foram grandes proprietários de escravos.

Jacob Gorender, em sua obra “Brasil em Branco e Preto”, elabora uma discussão acerca do Iluminismo, na Europa do século XVIII. Essa doutrina iluminista liberal e democrática, onde se assentaram os conceitos de Igualdade de direitos e Liberdade civil a todos os seres humanos, e que, contraditoriamente, tolerou a permanência da escravidão negra.

Até mesmo Thomas Jefferson, proprietário de escravos no momento da redação da Declaração da Independência dos Estados Unidos, justificou a servidão dos mesmos por serem uma categoria de homens pertencentes a um grau inferior de inteligência.

Essas contradições também se dão no contexto da Independência do Brasil - que teria sido alicerçada nos princípios universais de liberdade.

A grande obra da historiografia brasileira, do ano de 1933, foi Casa Grande e Senzala, de Gilberto Freyre, que é até hoje, empregada como parâmetro das análises sobre a escravidão e o racismo.

A história brasileira, segundo ele, passa a ser explicada pelo processo da miscigenação. Entretanto, a questão acerca da escravidão amena no Brasil, que teria existido em razão da convivência doméstica dos africanos na casa grande, parece ignorar o drama vivido dentro das senzalas e em torno dos troncos, dos açoites e dos diversos outros instrumentos de castigos.

O nazi-fascismo (1933-45) simboliza o ápice do preconceito racial no mundo, que exterminou milhões de indivíduos pelo simples fato de serem judeus, ciganos ou eslavos, que segundo a ideologia dos poderosos da época, não eram portadores da pureza de sangue e conseqüentemente deveriam ser banidos daquela sociedade.

Não podemos nos esquecer que muitos dos judeus exterminados pelos nazistas eram possuidores de bens móveis e imóveis e essas fortunas automaticamente passaram para as mãos de seus torturadores.

Essa discriminação escondia os interesses escusos da elite governante, com o propósito não declarado de tomar posse da situação privilegiada dos seus supostos inimigos.

Na ideologia da época, o negro era visto como um ser inferior, que necessitaria ser assimilado e assim deixar de representar uma ameaça para a sociedade onde foi obrigado a viver. O interesse por trás dessa assimilação estava no fato dele representar “mão-de-obra barata”. Assim sendo se mantiveram os estereótipos de inferioridade do outro, do diferente, como justificativa para a legitimação da escravidão. Justificativa que conseguiu enfraquecer os argumentos dos abolicionistas, permitindo que a escravidão moderna atravessasse mais de três (3) séculos.

O modelo separatista ou diferencialista da África do Sul dividia grupos étnicos dentro de seus próprios territórios, do nascimento até a morte (os chamados Bantustões), culminando no regime de apartheid.

Na Primeira República brasileira, surgiu a interpretação de que miscigenar os segmentos humanos, ditos inferiores, como os nativos e os negros, com os brancos, teria como resultado um branqueamento da população.

Os argumentos de Nina Rodrigues, pioneiro nos estudos das populações de ascendência africana, eram que, em curto espaço de tempo desapareceriam os indivíduos considerados inferiores e com eles o atraso brasileiro. A solução estaria na segregação dos negros e no contínuo branqueamento dessa população.

Se fosse possível o desaparecimento dos negros, haveria de desaparecer também as seqüelas da escravidão provocadas pelos brancos, que assim poderiam se eximir de qualquer culpa ou responsabilidades.

Poderíamos classificar esse “branqueamento” como um extermínio de todos os indivíduos não brancos, que vivessem naquela sociedade e que chamaríamos no contexto atual mundial de limpeza étnica (ou etnocídio); circunstância grave, que esconde questões políticas e interesses não declarados das elites vigentes no poder.

## 4.2. Permanências do Racismo no Brasil

“(...) a luta contra o racismo, não é uma luta somente dos negros e sim de toda a sociedade que se quer livre, pois não há sociedade livre onde exista racismo”.<sup>26</sup>

A imagem que se fez do Brasil privilegiou a mistura racial e o sincretismo, diminuindo o impacto da discriminação nas esferas pública e privada.

Em um país onde a população negra e mestiça tem os menores salários, com baixa qualidade de vida, saturando os presídios e praticamente ausentes na elite, não se pode acreditar em democracia.

Citando Caio Prado Júnior, na obra ‘Formação do Brasil Contemporâneo’, de 1942, “a nossa democracia racial é apenas uma frágil democracia”.

---

<sup>26</sup> CEDENPA – Centro de Estudos e Defesa do Negro no Pará.

O segmento afro-descendente é a categoria composta de indivíduos fenotipicamente negros e mestiços; mesmo correspondendo a quarenta e quatro por cento (44%) ou mais da população brasileira, encontra-se ainda hoje, sub representado nos diversos setores da realidade social do país.

Se a cultura negra hoje é visível, tolerada, respeitada e algumas vezes integrada aos símbolos constitutivos da nossa cultura nacional, seus criadores permanecem quase sempre invisíveis por conta da exclusão social. Tal situação é historicamente produzida e reproduzida através de práticas racistas, que no Brasil são permeadas de especificidades e particularismos.

No momento em que o país indaga-se sobre a tão festejada “democracia racial”, reconhecendo os racismos arraigados em nossa sociedade e cultura, torna-se inadiável apontarmos estratégias de combate, onde a de inclusão social e política através da Educação figura como um dos caminhos mais viáveis.

O Brasil, por ter sido o último reduto de escravidão negra na América, teve fortalecido o mito da inferioridade do homem negro; entretanto, o que ainda existe é o medo do indivíduo de “aparente” cor branca, perder seu *status quo*, que na maior parte dos casos, foi bancado pela servidão negra.

Esse racismo ainda persiste no Brasil, mas de forma sutil, a ponto de haver uma discussão quase geral de que aqui não temos dessas coisas.

Uma política efetiva no combate aos racismos, desigualdade social e preconceitos na cidade de São Paulo é encontrada nas atividades da Ong Geledés – Instituto da Mulher Negra, que lida com as diferentes problemáticas dos cidadãos afro-descendentes; com intuito o assegurar-lhes a igualdade de oportunidades.

Essa Organização Não Governamental trabalha para suprir as muitas deficiências dos Órgãos Governamentais, que são os verdadeiros responsáveis pelo social. Além disso, participam ativamente nas negociações entre estes e esta sociedade de excluídos.

Através de Instituições como o Geledés, está sendo possível romper e desconstruir esse mito de inferioridade do indivíduo cuja pele possui mais melanina que a dos outros.

Uma esperança para o encaminhamento dessa desconstrução é a Lei 10.639, de 09 de janeiro de 2003, instituída pelo Presidente Luis Inácio “Lula” da Silva, que obriga as escolas de ensino fundamental e médio a colocarem no currículo escolar a disciplina, estudo sobre a História da África e dos Africanos.

Quando essa discussão, embasada na Educação, seguida da devida orientação sobre preconceitos, discriminações e racismos, chegar aos bancos escolares públicos e privados, quem sabe as próximas gerações não mais perpetuarão esses erros e qualquer tipo de Intolerância se tornará peça de museu?

Negros e pardos encabeçam as pesquisas sobre índices de desemprego, lotam abrigos públicos para moradores de rua, cadeias, Febens, cortiços e ruas da cidade de São Paulo, e ainda se repete nas rodas sociais que no Brasil não existem discriminações baseadas na cor dos brasileiros.

O indivíduo afro-descendente está associado às camadas mais pobres da população do País e a imagem do marginal no consenso geral, é freqüentemente a de um negro. A maioria dos cidadãos afro-descendentes ocupa seu tempo tentando sobreviver com poucos salários, se os têm, ou como catadores de lixo (sujo, contaminado, sem proteção e ou orientação).

“Aparentemente poderia tratar-se de uma coincidência o fato de o negro ser o mais pobre, o mais desempregado, o de menor escolaridade e o trabalhador que menos recebe por tarefa igual. Contudo, os aspectos antecedentes caracterizam a prática do racismo como a fonte explicativa.

Embora se possa entender o ódio ao outro como legitimado por um medo que é culturalmente transmitido desde a infância, é a profundidade dessas atitudes infantis no nível societário que espanta ao se examinarem a força e a persistência do racismo. O temor ao alheio, à aceitação de um outro que difere, ao ser levado aos fundamentos da estruturação social, oculta sob a aparência de ‘uma cultura compartilhada’, a recusa à convivência, à solidariedade e à repartição dos frutos do trabalho social. A negação prática de todos os recursos existentes em uma sociedade supostamente aberta só pode ser efetivada a longo prazo sob o disfarce do ‘absolutamente mau’ do outro. Ele assim seria estranho, não

cooperativo, não-civilizável, etc., para explicar o fracasso individual da maioria dos elementos do grupo enquanto tal. O ódio nessas condições vê-se legitimado nos mecanismos institucionais que elaboram diferentes esquemas de exclusão. Na República Velha (1889-1930), a maioria dos municípios do Sul e Sudeste do país excluía os negros de suas salas de aula. Depois da Revolução de 1930, a expulsão, a reprovação, a ‘lista negra’ e a evasão continuaram a colocar a maioria das crianças negras fora do ensino básico.

Não se pode admirar, portanto, a fixação da quase-totalidade da etnocultura negra nos degraus de baixo da massa trabalhadora, o último lugar societário da ‘sociedade ocidental’ no Brasil. Nesse caso, todo um ser social a que é negada a existência é colocado como mera camada social da sociedade heterogênea, caracterizando por completo a dominação racista”.<sup>27</sup>

---

<sup>27</sup> W.N.Barbosa Cultura Negra e Dominação, RS, Ed.Unisinos, 2002,p58-59.

Quando assistimos a noticiários televisivos com grupos sociais trabalhando com pobres, ensinando a dançar, levando à parques públicos, doando alimentos, doando computadores e fornecendo professores e materiais necessários ao bom funcionamento do projeto, é só observar, quase todos os que estão necessitados daquele auxílio são afro-descendentes.

Por que será? Não temos racismos por aqui?

Com relação à rebeldia negra que, no período escravista parecia ser a solução para as desumanidades praticadas contra os negros, sua reprodução na sociedade contemporânea, tem como resultado indesejado a superlotação dos presídios, hospitais e ou cemitérios.

“Criminologia

Os registros de homicídios, no Brasil, fornecem poucos dados sobre as vítimas, além de sexo, idade e estado civil. Só a partir de 1996, por exemplo, a identificação da cor da pele passou a ser obrigatória nas declarações de óbito. Embora os dados nacionais ainda apresentem imprecisões, já são suficientes para comprovar que a grande maioria dos indivíduos que têm sua vida interrompida por assassinatos são os homens, adolescentes e jovens adultos (em especial entre os 14 e os 30 anos) e, entre eles, principalmente os negros – grupo que, segundo critérios censitários, inclui ‘pardos’ e ‘pretos’.<sup>28</sup>

---

<sup>28</sup> (Soares, Gláucio Ary Dillon – Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro e Centro de Estudos de Segurança e Cidadania, Universidade Cândido Mendes. A cor da morte, *Ciência Hoje*, vol. 35, n.209).

Desacreditado, descartado, desacatado, desrespeitado como indivíduo, o afro-descendente desenvolveu novas estratégias, reinventando em seu cotidiano formas de se relacionar com os seus iguais em desdita e também com o resto da sociedade.

Criou novas maneiras de pentear os cabelos, de dançar, de vestir, de cantar e até novas linguagens que só o seu grupo consegue entender. Alguns até se tornaram conhecidos e respeitados, outros foram apenas vistos como folclóricos, mas nem todos conseguiram se incluir através dessas mudanças e só reforçaram os estereótipos negativos que carregavam.

O racismo divide e a falta de uma boa formação educacional exclui e todos os que sejam letrados ou incultos, jovens ou velhos, homens ou mulheres, poderosos ou excluídos devem repensar em formas para acabar definitivamente com essa doença contagiosa, chamada racismo, persistente em nosso meio

Discute-se se o preconceito é racial ou social, essa é uma discussão boba, porque tudo é social e tem de ser atacado na especificidade.

Favelas, cortiços, prisões e a mendicância são formadas majoritariamente por indivíduos do segmento negro.

As mídias escritas e as estatísticas como a da IPEA, demonstram que a pobreza atinge mais os negros do que os brancos. Vinte dois (22) milhões de brasileiros vivem abaixo da linha da pobreza extrema ou indigência, setenta (70) por cento são negros. E entre os pobres do país, sessenta e três (63) por cento deles também são negros (IPEA,2001).

Persiste no imaginário e no discurso do brasileiro a equivalência entre negros e pobres e entre brancos e ricos, com os primeiros no patamar inferior aos segundos dentro da sociedade. Sendo que a justificativa dada responsabiliza o passado escravocrata do negro; essa proposição isentaria as gerações presentes e futuras de responsabilidades pela desigualdade racial e justificaria a permanência das mesmas.

“A abordagem norte-americana partiu da premissa de ser a sociedade dos Estados Unidos composta de dois grupos étnicos perfeitamente identificáveis. Todo o aparato da legislação de direitos civis toda a ‘ação positiva’ baseiam-se nessa premissa. Enquanto, no passado, o fato de não ser branco expunha um norte-americano a incapacidades jurídicas, isso é agora ocasião de obter auxílio oficial para conseguir emprego, casa e progresso educacional.

O Brasil, de seu lado, continua a acreditar oficialmente que seus cidadãos são inteiramente iguais, em termos raciais, no acesso aos canais da mobilidade social. Não foram tomadas, ou sequer consideradas, provisões específicas para dar aos não-brancos o benefício de programas de ‘ação positiva’ que exijam dos empregadores prova de haverem tentado encontrar e aproveitar candidatos de cor. A esmagadora maioria dos mentores da opinião brasileira considerariam tal idéia ‘racista’ e indigna, até de exame. Além disso, a variabilidade com que rótulos raciais são aplicados no Brasil tornaria um programa desse inviável. A questão racial fica, assim, submersa, debaixo da questão mais importante da justiça social para os milhões de pobres que no Brasil estão na base da tão desigual escala de distribuição de rendas (...) o que têm podido, então, dizer os brasileiros sobre a sua identidade étnica desde os primeiros anos da década de 50 ? Por um lado, é visível a tendência a acreditar que nenhum ‘problema’ existe. No recenseamento de 1970, por exemplo, não se coletaram dados sobre a raça. A Comissão Censitária tomou essa decisão explicando que variam de tal maneira as definições de categorias raciais (e, especialmente, sua aplicação em casos individuais) que não seria possível aos recenseadores recolher dados fidedignos. Na realidade, o governo Federal decidiu que a cor não era tão importante que justificasse maiores esforços no sentido da coleta de dados mais exatos, pelo menos no recenseamento de 1970. Essa atitude vai de par com a relativa ausência de discussão pública sobre o tópico raça (apesar do trabalho dos cientistas sociais) em comparação com o período estudado, de 1870 a 1930.”<sup>29</sup>

---

<sup>29</sup> Skidmore, Thomas E.. Preto no Branco: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro. Ed. Paz e Terra, Rj, 1976.

“O dilema social constitui um fenômeno sociológico essencialmente político. Ele tem raízes econômicas, sociais e culturais; e produz efeitos ramificados em todas as direções. (...). E a sua perpetuação, indefinida ou transitória, indica mais que isso, pois testemunha não só que grupos, classes ou raças dominantes são capazes de manter tais estruturas de poder, mas que, ao mesmo tempo, grupos, classes e raças submetidos à dominação são impotentes para impor sua vontade e corrigir a situação, (...). O que desapareceu historicamente – o ‘mundo colonial’ – subsiste institucional e funcionalmente, ainda que de forma variável e desigual, conforme os níveis de organização da vida humana que se considerem. Ele vive, pois, em quase tudo que é essencial para o capitalismo dependente: na posse da terra, na organização da agricultura, na autocracia dos poderosos, na exploração sistemática e na marginalização dos pobres, no particularismo e no farisaísmo das elites, na apatia ou na confusão das massas oprimidas e, principalmente, nos padrões de relações étnicas e raciais, por natureza ilegítimos, extracristãos e antidemocráticos.”<sup>30</sup>

---

<sup>30</sup> Florestan Fernandes,- O negro no mundo dos brancos.Difusão Européia do Livro, SP, 1972. (p.260)

Em Cadernos PENESB-4, 2002, o professor de Antropologia , Kabengele Munanga traz sua contribuição quando da discussão do texto “Construção da Identidade Negra no Contexto da Globalização”.

O autor mostra que com a crescente preocupação do homem com as novidades da área tecnológica, com o bom êxito dos experimentos nas ciências e com a velocidade na permuta de informações, a inquietação com a permanência do racismo torna-se quase sem importância, até aparentemente desnecessária.

Os acontecimentos de notória importância se movem com uma velocidade demasiadamente rápida e certas inquietações parecem que vão ficando para trás.

Munanga cita Manuel Castells, para quem etnia pode ser uma via, um sentido para se construir uma identidade para o segmento afro-descendente. Seria como se algo negativo, se tornasse positivo.

Na análise das questões de identidade e alteridade, o autor se diz envolvido constantemente em uma dinâmica inesgotável no tempo e no espaço que continua lhe suscitando conclusões provisórias. Em sua obra ”Negritude”, de 1986, ele tenta cercar as noções de alteridade e identidade ao redor do tema negritude, com intuito de demonstrar que esta seria a afirmação e a reabilitação da Identidade Cultural do Povo Negro.

Na verdade, a escravidão foi danosa para os escravos e seus descendentes e isso teria indiscutivelmente – citando novamente Caio Prado Júnior, em sua obra “Formação do Brasil Colonial” – comprometido e atrasado o desenvolvimento desse segmento na vida nacional.

A abolição, de 1888, não veio acompanhada de políticas que pudessem inserir esses ex-escravos numa sociedade livre e reparar neles os danos acumulados em mais de três (3) séculos.

Os mecanismos de dominação já existentes se prolongaram sem interrupção e a oposição senhor / escravo se transformou em oposição branco / negro e conservando as discriminações já legitimadas e cristalizadas.

“(…) os movimentos sociais de protesto racial, que se desencadearam entre fins da década de 20 e meados da década de 40, promoveram uma extensa agitação, elaboraram a primeira tentativa de desmascaramento sistemático do mito da democracia racial brasileira e

construíram uma contra-ideologia racial, coerente com os fundamentos legais da ordem democrática burguesa. (...) O desmascaramento da situação racial fez-se em diferentes planos. Apesar da insuficiência de recursos intelectuais, os líderes dos movimentos sociais buscaram explicações que iam do passado ao presente e que apanhavam, neste, o econômico, o social, o psicológico e o político. Em consequência, a focalização crítica da realidade (...) abre-se em leque: a visão negra da história brasileira; a natureza do mundo escravista e as deformações que ele implantou no negro, no branco, no mulato e na própria sociedade brasileira; o preconceito de cor, em suas três polarizações (como o preconceito propriamente dito, discriminação com base na cor e segregação social), e como instrumento de dominação racial e de supremacia da raça branca; os mecanismos de sustentação dos privilégios e de monopolização do poder pelos brancos ou, inversamente, de marginalização, exclusão ou subalternização do negro; o “complexo” como formação psicodinâmica e sociodinâmica reativa, por meio da qual o branco invade a personalidade profunda do negro e debilita o seu equilíbrio psíquico, o seu caráter e a sua vontade. No essencial, o desmascaramento conduz a um retrato alternativo da situação racial brasileira, segundo o qual a personalidade democrática e o comportamento democrático representam a exceção (e não a regra); a tolerância é superficial e astuciosa (como norma); o preconceito de cor se conjuga com a exploração do negro pelo branco (econômica, sexual socialmente); e a ordem social legítima só tem vigência para os brancos, funcionando para os negros e os mulatos como uma versão atenuada da autocracia senhorial. Em dois pontos fundamentais, também são focalizados criticamente: o ‘branqueamento’ (social ou racial, quando envolve miscigenação), visto como um processo pelo qual o ‘negro trânsfuga’ comercializa econômica, social e politicamente sua subserviência e transferência de lealdade; a questão do preconceito de cor entre os imigrantes e seus descendentes, percebida com oscilações (...), mas posta na base do processo pelo qual o estrangeiro também procurou explorar o negro e tentou valorizar-se socialmente”<sup>31</sup>

---

<sup>31</sup> ibidem p.271

É contra essa situação de racismo não explícito, de total desfavorecimento da população negra, em termos de oportunidades de trabalho, que é um assunto candente da nossa política atual, também a necessidade de moradia e de priorização da educação desse grupo, que despontam na sociedade os diversos Movimentos Negros e Organizações Não Governamentais.

As atividades realizadas na cidade de São Paulo por uma dessas instituições é o objeto primordial da minha pesquisa de Mestrado. Trata-se do Geledés – Instituto da Mulher Negra um de seus inúmeros projetos de AA, intitulado Projeto Geração XXI.

Nas duas maiores regiões metropolitanas do Brasil, São Paulo e Rio de Janeiro, a linha que separa pobres do resto da população sobe e desce de acordo com a cor da pele: nessas regiões, 44,4% dos negros – aproximadamente cinco milhões de pessoas – estão abaixo da linha de pobreza.

Uma análise do economista Marcelo Paixão, professor da UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro), mostra que a taxa de pobreza entre os negros é de 48,99% mais alta que entre os brancos.

Nessas duas regiões metropolitanas, 29,8% dos brancos são pobres. Para o total da população dessas áreas, a taxa é de 35,5%.

O estudo mostra que a concentração de pobreza entre negros não é, como se poderia imaginar, restrita aos rincões do país e às comunidades descendentes de quilombos, mas também um problema das grandes metrópoles.

Na região metropolitana de São Paulo, os dados são ainda piores: 52,9% dos negros são pobres, ou seja, vivem com menos de R\$176,29 mensais. A taxa é de 30,9% para os brancos. Na região metropolitana do Rio, a pobreza afeta 42,3% dos negros e 23,5% dos brancos. São pessoas que vivem com menos de R\$135,02.

Para obter esses resultados, Paixão usou dados do Censo 2000 feito pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). O economista contabilizou como negros, ou “afro-descendentes”, a soma dos grupos que o IBGE classifica como pretos e pardos.

Nas duas regiões metropolitanas analisadas, as taxas de indigência também são mais altas entre os negros – 10,1% - que entre brancos – 5,7%.

A concentração de pobreza entre os negros é um problema nacional. O Ipea (Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas) já apontou a existência de 46,8% de negros abaixo da linha da pobreza no Brasil. No Brasil, a pobreza tem cor: é negra. Os negros estudam menos, ganham menos e são mais pobres, afirma Paixão, que é negro também.

“Pouca gente se dá conta, mas, em números absolutos, São Paulo é a maior cidade negra do país”.<sup>32</sup>

Mapa da População Negra no Mercado de Trabalho: A taxa de Desemprego em São Paulo é 41% maior entre os negros.<sup>33</sup>

Pesquisa de Padrão de Vida – Atividades Técnicas, científicas, artísticas ou administrativas: A população negra ocupa 6,4%., enquanto a branca 14,4%.<sup>34</sup>

---

<sup>32</sup> (Jornal Folha de São Paulo, Caderno Cotidiano, 30 de junho de 2003).

<sup>33</sup> Fonte: DIEESE – INSPIR, 1999

<sup>34</sup> Fonte IBGE, 1999

“O Relator Especial da ONU sobre Formas Contemporâneas de Racismo, Discriminação Racial, Xenofobia e Intolerância, Doudou Diène, reuniu-se nesta terça-feira (18/10) com o Secretário de Direitos Humanos da Presidência da República, Mario Mamede. O encontro pautou-se na discussão sobre soluções para o combate do Racismo no Brasil. O sistema de cotas para negros nas universidades públicas foi citado como uma ação afirmativa que gerou resultado e iniciou uma nova etapa rumo ao fim da discriminação nas instituições de ensino superior. Um exemplo disso é o que acontece na Universidade de Brasília (Unb) hoje. Há dois anos ingressaram na Unb cerca de 20 alunos negros num universo de 1000 que entraram na Universidade, hoje esse número subiu para 220”.<sup>35</sup>

“Governo: faltam dados para subsidiar ações. Segundo a ministra Matilde Ribeiro, da Seppir, existe uma carência por dados que possam subsidiar ações governamentais e ressaltou a importância da realização de estudos como os desenvolvidos pelo Programa de Igualdade de Gênero e Raça do Unifem. ‘Precisamos garantir a continuidade das ações de Governo na área das desigualdades raciais, sempre pensando na transversalidade das políticas públicas de raça e gênero’, concluiu a ministra”.<sup>36</sup>

Instituições, empresas e órgãos governamentais nacionais e internacionais estão, muito lentamente, tomando consciência da gravidade dos problemas que enfrentam cotidianamente os afro-descendentes.

Considerando o tempo decorrido desde a abolição até o início de ações visando a inclusão desse grupo, vejo a necessidade de uma urgente implementação, porque senão serão necessários mais três (3) séculos para se desconstruir essa injustiça.

---

<sup>35</sup> Fonte: CEMINA/Em 25/11/2005 por boletim Cidadania na Internet

<sup>36</sup> Idem

### 4.3 Teorias, Teóricos e Discursos sobre o Racismo

O debate sobre o preconceito racial ocupa um grande espaço, em especial na área da Antropologia.

#### ALGUMAS BALIZAS DA HISTÓRIA DO RACISMO<sup>37</sup>

1684: Emprego do termo Raça no sentido moderno (François Bernier)

Século XVIII: Início da Ciência Moderna

Doutrinas Universalistas

Início da Falsa Ciência das Raças

Século XIX: Mundialização da Colonização

Justificação pela Raciologia, inventada antes das descobertas de Darwin e de Mendel.

Século XX: Cerca de 1920: Criação do Termo “Racismo”

Anos Trinta: Progressão do Racismo Biológico

1940-45: Apogeu do Nazismo. Genocídios Racistas

Anos Sessenta: As Independências Políticas em África

Organização da Imigração Operária nas Antigas Metrópoles

Anos Setenta: Deslizamento de Sentido do Conceito “Racismo”

Reivindicação do “Direito à Diferença”.

---

<sup>37</sup> TEORIAS SOBRE O RACISMO E DISCURSOS ANTIRACISTA

Professor de Antropologia da FFLCH-USP, Kabengele Munanga

## **RACISMO: Alguns Aspectos na Utilização**

### **Definição:**

É uma ideologia biologista e hierarquista. Atualmente, transformou-se também em Racismo Diferencialista.

- É uma prática discriminatória aplicada às pessoas pertencentes a grupos minoritários ou transformados em minorias, nos principais domínios da vida corrente: Escola, Emprego, Relações Interpessoais, etc...

- É uma explicação fácil dos problemas da sociedade: Todo mundo é racista, sobretudo os outros.

- É um instrumento de estratégia fácil e oportunista utilizado pelas chamadas “minorias”.

- É uma característica estrutural da sociedade brasileira.

### **Algumas Explicações do Racismo Para:**

Sociologia, Psicologia, Biologia e Antropologia.

### **Idéia-força:**

Sociologia (ou sócio-econômica): considera-se a História e a economia.

O Racismo é delimitado no tempo e no espaço.

Psicologia: O Racismo é universal. Sempre existiu.

Biologia: O Racismo é universal, eterno, faz parte da ordem das coisas e da natureza. É legitimado pela ciência.

Antropologia: O Racismo é um componente da cultura.

Há culturas sem Racismo e culturas Racistas (ideologia).

O Racismo tem seus germes no etnocentrismo, um dado Cultural e universal.

**Explicação da Diferença:**

Sociologia: É, sobretudo uma construção social.

Inscreve-se nas relações de poder.

Psicologia: É constatada a partir dos mecanismos de percepção individual, que classifica a realidade biológica e cultural.

Biologia: É fundamentada na natureza ou na Biologia. É fixa, imutável.

Antropologia: Baseia-se na identidade de um grupo construída a partir do seu sistema axiológico.

Tem um fundamento ontológico.

## **RACISMO – O QUE FAZER?**

Sociologia:

Promover a justiça econômica.

Consolidar os direitos políticos.

Psicologia:

Agir sobre os comportamentos individuais e aumentar a tolerância. Pela Educação.

Biologia:

Salvaguardar a qualquer preço a diferença.

Antropologia:

Promover o direito à diferença e o respeito das identidade culturais.

O autor de *Casa Grande e Senzala*, de 1933, Gilberto Freyre, parâmetro até os dias de hoje na análise da escravidão e racismo.

Autor denuncia e critica a sociedade patriarcal, porém através da descrição da “convivência harmoniosa entre senhores e escravos” cria o mito da democracia racial, reforçando não a igualdade entre brancos e negros e sim reforça o pensamento ideológico de branqueamento; facilitando a dissimulação da discriminação racial existente no país.

Caio Prado Júnior, em *Formação do Brasil Contemporâneo*, escrito em 1942, ampliou a minha percepção sobre o olhar discriminatório que a sociedade ainda conserva sobre o homem negro e o mestiço e sua desvalorização e inferiorização.

O autor discorre sobre a passagem na vida da colônia para a vida nacional propriamente dita no século XIX, momento de superação das contradições constituídas ao longo do período colonial e da renovação deste sistema, que já não funciona vai se tornando visível o seu esgotamento.

Contradições estas que agitavam a sociedade que não era mais colonial, nem ainda capitalista e onde o preconceito racial resida.

“(...) contradição do sistema colonial é de natureza étnica, resultado da posição deprimente do escravo preto, em menor proporção, do indígena, o que dá no preconceito contra todo indivíduo de cor escura. É a grande maioria da população que aí é atingida, e que se ergue contra um sistema que além do efeito moral, resulta para ela na exclusão de tudo quanto do melhor oferece a existência na colônia. O papel político desta oposição de raças, ainda pouco avaliado, é, no entanto considerável. Afora o que se percebe da luta surda e revolta latente das raças oprimidas(...)”.<sup>38</sup>

---

<sup>38</sup>Caio Prado Júnior, *Formação do Brasil Contemporâneo*, pp.366-367.

De forma visível e nas entrelinhas, encontrei discussões relevantes acerca da situação desses sujeitos na sociedade colonial e a crescente depauperação sócio-econômica dos mesmos, antes e após a abolição.

O resultado do trabalho gerado pelos escravos africanos na América e o seu tráfico significaram uma fonte inesgotável de riquezas, estabelecendo o surgimento de um processo pré-capitalista na Europa.

Assim, a importância desses indivíduos escravizados ainda está por ser devidamente reconhecida para ocuparem o seu verdadeiro lugar na História do nosso país.

Se na escravidão existente na Antiguidade, os indivíduos escravizados eram presa de guerra, nobres, brancos e muitas vezes, eram incorporados àquela sociedade onde contribuíram enormemente com seus conhecimentos, sendo sua cultura aceita ou incorporada pelo dominador; contrariamente o que ocorreu na escravidão moderna para as Américas, com predominância de negros, cuja cultura foi deturpada, folclorizada e aniquilada, sendo minimamente absorvida por outras vigentes.

Quando observamos os laços que se formaram no contato compulsório entre os nativos, europeus e escravos africanos, percebem-se muito frágeis, mediados pela violência, pressão psicológica e, sobretudo pelo medo.

E é no contexto de relações puramente sexuais, um caminho de mão única, entre o colonizador e as mulheres nativas e negras, compulsoriamente desvendam o caminho para a miscigenação e a conseqüente mestiçagem brasileira.

Mestiçagem festejada por teóricos como uma forma de democracia racial.

(...) esses ‘cruzamentos’ distorcidos, contraditórios entre supostos indivíduos inferiores com os superiores, absorveriam os primeiros, que tenderiam ao desaparecimento, deixando um país branqueado, com poucos vestígios da escravidão e do atraso gerado pela incômoda e dispensável presença negra”<sup>39</sup>

---

<sup>39</sup> Ibidem

A verdadeira formação do povo se deu no ajuntamento compulsório do negro, e do nativo com o branco no período colonial, sendo este último o dominador que se impõe sobre os outros e que tem por base a crença da superioridade branca, calcada na ideologia vigente na Europa naquele momento.

Ideologia esta que, continua viva, sustentando-se até os nossos dias onde a cor é fator preponderante na desvalorização do indivíduo e não seus atos e ou méritos.

Na década de 50 do século XX, as discussões sobre as teorias raciais ganham destaque entre os intelectuais das Ciências Sociais nascente. As raças anteriormente consideradas inferiores são analisadas como elementos integrantes da estrutura social da Nação.

Roger Bastide, professor de sociologia da USP, Oracy Nogueira, Florestan Fernandes e Thales de Azevedo são alguns nomes encarregados pela UNESCO para montarem um projeto de pesquisa visando ao estudo das especificidades da realidade social brasileira. Octavio Ianni, Florestan Fernandes e Fernando Henrique Cardoso são intelectuais da área de Ciências Sociais que despontam nesse cenário de novas discussões sobre o negro brasileiro. Fernandes e Cardoso contestam a visão de escravidão amena de Gilberto Freyre.

A obra “Relações Raciais entre Negros e Brancos em São Paulo” – Ensaio Sociológico sobre as origens e os efeitos do preconceito de cor no município de São Paulo, de 1955, é parte deste projeto. Este que se centrou particularmente em cultura, religião e tradições afro-brasileiras e onde se finaliza com a conclusão de que realmente o Brasil era um país onde o preconceito racial era sutil, pouco visível, mais existente. Resultado diverso do que previa a UNESCO, que julgava, realmente, ser o Brasil o país da democracia racial.

A partir da década de 70, do século XX, ocorre uma mudança na semântica do racismo, um desdobramento do seu eixo central em que o conceito de que era centrado na variável biológica, se desdobra também em cultural e histórica.

A expressão raça então foi substituída por etnia, diferença cultural ou diferença de identidade. Esta mudança parte apenas da linguagem dos intelectuais e a banalização desses conceitos tem o poder de esvaziar o efeito perverso do racismo. A etnia pressupõe língua, religião, cultura e territórios diferentes, tal divisão enfraquece e manipula os grupos

minoritários e impede a formação de uma consciência nacional.

Em 1976 Konrad Lorenz - Prêmio Nobel de Biologia, é um austríaco que pesquisou em diversas áreas geográficas, como Amazonas, Nova Guiné, África e Europa, comportamentos, como a recusa, o medo e o desgosto do outro, em indivíduos de culturas diferentes - inferiu que o racismo seria um componente eterno da natureza, estaria escrito no mapa genético do indivíduo, portanto não poderia ser destruído, pela condição de patrimônio do instinto, não resultante da cultura.

Essa é mais uma forma de legitimar a diferença, de se recusar a lutar contra o racismo, porque o racismo não é inato no ser humano, ele é um produto do meio; não é instinto, é uma situação social e histórica. Não existe mais um racismo institucionalizado, mas está tão difundido no inconsciente coletivo que as pessoas acabam sendo racistas até mesmo sem perceber, e isto só contribui para sua preservação.

A Integração do Negro na Sociedade de Classes, de Florestan Fernandes, do ano de 1964, é uma obra desse contexto histórico, que analisa a posição do negro e suas dificuldades de integração na sociedade industrial. A partir desse momento, um novo caminho se abre para a discussão do racismo na sociedade brasileira. Para ele, o preconceito de cor é uma categoria histórico-sociológica construída pelos brancos, comportando questões ideológicas, visando a padrões eurocêtricos, que seriam os ideais de civilização.

O Negro no Brasil – Da Senzala à Guerra do Paraguai de Júlio Chiavenato, 1980, é uma obra polêmica, discutindo um tema desprezado pela historiografia à Guerra do Paraguai e seus resultados com a morte de 75% da população daquele país.

Baixa aproximada de quarenta (40%) por cento dos escravos brasileiros que participaram dessa guerra, pela promessa de alforria após a guerra.

Segundo Chiavenato, a pobreza, a degradação a que ainda assistimos entre os negros, fruto da discriminação racial da qual são vítimas, a crença prevalente é de que tal situação não ocorre pela concentração de poder e pela manipulação das instituições formais da sociedade, a causa seria a “inferioridade” do homem negro.

O autor ainda cita nessa obra intelectuais que se colocavam contra a escravidão, mas que possuíam discurso permeado pelo preconceito racial: Silvio Romero, José do Patrocínio,

Rui Barbosa, Joaquim Nabuco, Marechal Rondon e Euclides da Cunha.

Acrescenta também que Romero, Rondon e Sérgio Buarque defendiam o branqueamento enquanto solução para o “desaparecimento de seres inferiores” que causavam o atraso da sociedade brasileira da época.

Darcy Ribeiro, em sua obra *O Povo Brasileiro*, de 1980, demonstra ser um intelectual envolvido com a superação das desigualdades. Ele compreendeu que o progresso tecnológico e o avanço do capitalismo não modificaram a situação do afro-descendente no Brasil.

“O alargamento das bases da sociedade, auspiciando pela industrialização, ameaça não romper com a superconcentração da riqueza, do poder e do prestígio monopolizado pelo branco, em virtude da atuação de pautas diferenciadas, só explicáveis historicamente, tais como: a emergência recente do negro da condição escrava à de trabalhador livre; uma efetiva condição de inferioridade, produzida pelo tratamento opressivo que o negro suportou por séculos sem nenhuma satisfação compensatória; a manutenção de critérios racialmente discriminatórios que, obstaculizando sua ascensão à simples condição de gente comum, igual a todos os demais, tornou mais difícil para ele obter educação e incorporar-se na força de trabalho de setores modernizados. As taxas de analfabetismo, de criminalidade e de mortalidade dos negros são, por isso, as mais elevadas, refletindo o fracasso da sociedade brasileira em cumprir, na prática, seu ideal professado de uma democracia racial que integrasse o negro na condição de cidadão indiferenciado dos demais.”<sup>40</sup>

---

<sup>40</sup> Darcy Ribeiro. *O Povo Brasileiro - A formação e o sentido do Brasil*. Cia da Letras, SP, 1980.

Historiadores e sociólogos do porte de Emília Viotti da Costa, na obra, de Da Senzala à Colônia, de 1966, que discute a limitação do processo de abolição, visto que, se manteve os valores escravistas e racistas na sociedade brasileira.

Kabengele Munanga, antropólogo, professor titular da cadeira de Antropologia da FFLCH-USP, vice-diretor do Centro de Estudos Africanos e do Museu de Arte Contemporânea da USP, combate a idéia de inferioridade racial em “Rediscutindo a Mestiçagem”, de 1999. Evidencia que vários intelectuais da elite brasileira, como Euclides da Cunha, Silvio Romero, Nina Rodrigues, Oliveira Viana e Gilberto Freyre, ao buscarem uma identidade étnica única para o país, foram influenciados por teses deterministas do século XIX, dando crédito à apologia da inferioridade das raças não brancas e da degeneração do indivíduo mestiço.

O professor Munanga recebeu do governo brasileiro, no ano de 2002, o Diploma de sua admissão na Ordem do Mérito Cultural, na Classe de Comendador.

Lilia Moritz Schwarcz, professora do Departamento de Antropologia da USP, publicou, entre outros, Retrato em Branco e Negro: jornais, escravos e cidadãos em São Paulo no final do século XIX, 1987; Os Guardiões de Nossa História Oficial, 1989; De Festa Também se Vive. Reflexões sobre o Centenário da Abolição em São Paulo, 1989; O Espetáculo das Raças. Cientistas, Instituições e Pensamento Racial no Brasil: 1870, 1930, 1993; organizou as coletâneas: Raça e Diversidade, 1996; organizou o volume quatro (4) da História Privada no Brasil, 1998 e Racismo no Brasil, 2001, editado pela Publifolha.

Nestas duas últimas obras citadas, ela traz uma curiosidade que poucos brasileiros conhecem, que são as incontáveis autodenominações para afro-brasileiros. É um leque de cento e sessenta e nove (169) cores, e discute o caráter dissimulado da discriminação cotidiana da nossa sociedade, que nega o preconceito ou o reconhece como sendo brando.

“Se a questão se limitasse a qualificar o racismo silencioso vigente entre nós, quem sabe já teríamos riscado essa questão da agenda política nacional. O tema da raça carrega, no Brasil, outras facetas que não se resolvem a partir do exercício exclusivo da delação. Como distinguir quem é negro e quem é branco no país? Como determinar a cor, quando não se fica para sempre negro no Brasil, quando se “embranquece” por dinheiro e se “empretece” por declínio social?

É certo que nos momentos de atrito, nos contatos diários com a polícia ou com a discriminação, a cor é definida pelo costume e passa longe da teoria. Mesmo assim, no país se ‘joga com a cor’, de maneira a utilizá-la como instrumento em diferentes situações sociais e mesmo políticas”.<sup>41</sup>

---

<sup>41</sup> Schwarcz, Racismo no Brasil, Publifolha, 2001).

“A genialidade do racismo brasileiro reside exatamente nisso. Aqui se produziu a forma mais sofisticada e perversa de racismo que existe no mundo, porque nosso ordenamento jurídico assegurou uma igualdade formal, que dá a todos uma suposta igualdade de direitos e oportunidades e liberou a sociedade para discriminar impunemente (...). Ora, não havendo segregação legal, estaríamos no paraíso racial (...). Essa situação de igualdade formal aprofundou a visão de inferioridade natural do negro, porque, se você tem uma situação em que supostamente há uma igualdade – pelo menos no plano legal -, então, se os negros vivem pior, se são desgraçados, miseráveis, pobres e analfabetos, é porque devem isso às suas próprias características (...) E isso denuncia o desprezo absoluto que a sociedade brasileira tem pelo negro. O negro não chega a ser objeto de ódio dessa sociedade, é apenas objeto de desprezo. Ainda nem chegamos nesse patamar de desenvolver uma força poderosa como a provocada pelo ódio, e que causaria um confronto entre negros e brancos. A possibilidade nem chegou a existir entre nós; foi sufocada por essa engenharia da igualdade no plano legal e a exclusão absoluta no plano das relações concretas, acobertadas pelo mito da democracia racial”.<sup>42</sup>

---

<sup>42</sup> (Entrevista com Sueli Carneiro, filósofa, Fundadora do Geledés-Instituto da Mulher Negra de São Paulo - Revista Caros Amigos, de fevereiro de 2000)

Antonio Sergio A. Guimarães, da FFLCH-USP do Departamento de Sociologia, na obra “Democracia Racial”, faz uma espécie de cronologia acerca do surgimento desse termo e revê essa expressão como obra freyriana, que “pegou” no Brasil e que nada mais é que uma metáfora política para referir-se às relações sociais entre brancos e negros.

Roger Bastide, em entrevista para o Jornal Diário de São Paulo, de 31 de março de 1944, quando se refere a uma visita de Gilberto Freyre a Recife, usa pela primeira vez uma tradução livre do termo democracia racial, de Freyre.

Academicamente surge com Charles Wagley, em obra organizada por ele intitulada “Race and Class in Rural Brazil”, da University Press, NY. Esse autor escreve, em 1952, que o Brasil é renomado mundialmente por sua democracia racial.

Guimarães registra que, entre 1930 e 1964, no Brasil, o afro-descendente estava integrado parcialmente social e economicamente, graças a uma cultura nacional de subsistência, capitaneados pelos movimentos negros organizados. Estes tinham a democracia racial como um objetivo a ser alcançado.

Com o golpe de 1964, essa espécie de pacto populista foi desmontado e o afro-descendente foi abandonado a sua própria sorte, como se mantém até hoje. Sobrevivem de pequenos pactos de colaboração vindos de órgãos governamentais, como bolsa família, leve leite e outras formas assistencialistas que não resolvem os verdadeiros problemas dessa população.

Então, a pseudodemocracia racial mostra sua verdadeira cara, de que sempre foi uma mistificação de tolerância racial, uma falsa ideologia que pregava o ideal de igualdade de oportunidades, de respeito aos direitos civis e políticos.

A partir de 1978, acontece uma rediscussão da democracia racial no Brasil, orquestrada pelos movimentos negros, onde tal mistificação é denunciada como “supremacia branca”.

Enfim, as denúncias de racismo desconstroem o mito da democracia racial, porém apenas como discurso acadêmico, porque longe de uma solução, permanecem as desigualdades entre brancos e negros.

Segundo Guimarães, a Democracia Racial precisaria ser hoje apenas Democracia, que inclui todos, sem menção de raça.

Robert W. Slenes, professor na Unicamp, em sua obra “Na Senzala uma Flor”, procura desconstruir as interpretações errôneas dos viajantes estrangeiros e dos homens da elite do século XIX a respeito dos escravos, particularmente, quando inseridos em um grupo familiar, e trabalha para ordená-las de forma coerente num belo e bem escrito livro.

Os grupos sobre os quais ele fala no livro são os escravos das fazendas de café do Vale do Rio Paraíba.

Esse desejo de desconstruir uma situação injusta e de longa data é também um dos móveis da minha pesquisa, porque os tipos de racismos foram construídos e, portanto, podem ser desconstruídos, quando a sociedade superar os estereótipos e as informações incorretas a respeito dos afro-descendente.

Slenes agrupou vários escritos de diversos viajantes que estiveram no Brasil, que usaram conceitos de inferioridade para descreveram as famílias escravas aqui existentes.

Ribeyrolles foi um desses viajantes que, com sua visão eurocêntrica, via o pior dessas famílias, chegando a compará-las com ninhadas, como animais. Ele escreve que os escravos não plantavam flores em seus jardins e não tinham recordações – Slenes mostra que estas podem ser simbolizadas pelo fogo que mantêm aceso em suas cabanas; portanto que os escravos tinham recordações e cultura próprias. Essa é a idéia por trás da imagem do título do livro.

“Aqueles que querem buscar, efetivamente, soluções estratégicas alternativas para o Brasil devem discutir o racismo, as relações raciais no Brasil, em conferências nacionais, regionais, locais, internacionais, assumindo, assim, a necessidade de solucionar um problema grave, que é a causa de tantos outros. Discutir para produzir propostas objetivas a serem implementadas pelos setores competentes. Trata-se de assunto que reclama da sociedade brasileira atenção rigorosa e profunda. Mais rigorosa e profunda deve ser ainda atenção dos dirigentes do País para com a questão racial, já que ocupam seus postos por escolha popular.

Sem dúvida é nos setores voltados para a propriedade da terra (urbana e rural), para a educação, a justiça, a saúde, o trabalho e a comunicação que precisa ser dada ênfase particular em políticas de combate ao racismo. O Brasil sempre esteve preocupado com sua imagem. Mas nós não estamos falando de uma imagem do Brasil para os estrangeiros, estamos falando de um combate ao racismo que modifique a imagem dos brasileiros para si mesmos, onde cada cidadão possa realmente dizer-se cidadão brasileiro.

Como tentamos demonstrar, o combate ao racismo requer um conjunto de ações muito precisas e delicadas a serem desenvolvidas em várias áreas e por todos os grupos raciais, étnicos, religiosos ou culturais presentes no País, que de fato lutem pelos direitos humanos, pela cidadania, pela democracia. A complexidade de questões concretas e emoções envolvidas mostra que, para a eficácia de uma política de combate ao racismo, a intervenção do Estado e da Sociedade, das organizações não-governamentais laicas e religiosas, das centrais sindicais, dos partidos políticos, dos homens políticos apartidários, faz-se necessária e é a única maneira de se lutar contra o racismo no Brasil. Mas são os próprios negros que devem dar o norte dessa política.

Para que a igualdade seja o retrato da realidade brasileira, eu vos convoco a mudar o Brasil.

Queremos que o racismo seja combatido em nome da vida, dos princípios humanitários e democráticos e em nome da legitimidade do estado brasileiro”<sup>43</sup>

---

<sup>43</sup> (Maria de Lourdes Teodoro, Elementos básicos das políticas de combate ao racismo brasileiro, In: Estratégias políticas de combate à discriminação racial, Edusp, 1996).

Esta conclusão da professora Maria de Lourdes Teodoro, do Instituto de Artes da Unb, parece vir ao encontro dos anseios mais secretos de toda a comunidade afro-descendentes do Brasil, aspiração essa com que eu também me coaduno.

Reafirmo aqui a minha visão positiva em relação aos Projetos do Geledés.

Apesar do grande número de obras e autores bem qualificados acerca do problema do Racismo contra o afro-descendente, muito ainda se tem para escrever sobre ele, está longe de esgotar-se e longe de mim pensar em escrever algo definitivo sobre o tema.

Embora sejamos um país de população mestiça, foi a imposição de padrões culturais europeus que predominou em nossa sociedade.

Ser mestiço é reunir em uma só pessoa todas as qualidades das várias etnias, transformando-nos em indivíduos únicos e invejáveis, não apenas pelos traços físicos, como também pela diversidade de culturas.

Quanto mais “clara” a pele, mais fácil se torna esconder ou disfarçar a origem africana, reforçando a hegemonia branca, constituindo uma espécie de branqueamento disfarçado, da qual negros e brancos fazem parte.

Os primeiros para sua própria sobrevivência; e os segundos por sua própria conveniência.

## CONCLUSÃO

“Se o Brasil fosse dividido em dois países, um de negros e outro de brancos, o primeiro ficaria em 105º lugar no ranking do IDH (Índice do Desenvolvimento Humano) – equivalente ao de El Salvador e inferior ao do Paraguai – enquanto o segundo estaria na 44ª posição.

O estudo identificou, a partir da análise das condições socioeconômicas da população brasileira, que os negros estão em situação desfavorável, no que diz respeito a todos os indicadores observados – renda, educação, saúde, emprego, habitação e violência”.<sup>44</sup>

---

<sup>44</sup> A conclusão é do Relatório de desenvolvimento Humano Brasil 2005 – Racismo, pobreza e violência, lançado em novembro pelo Pnud (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento).

O Brasil, depois da Nigéria, é o país com maior população negra do planeta (Censo de 1996 – IBGE).

Composição da População por Raça – 2000:

População Total: 169.872.856

Branca – 91.298.042

Parda – 65.318.092

Preta – 10.554.336

Amarelo – 761.583

Indígena – 734.127

Sem Declaração – 1.206.675

Fonte: Censo Demográfico – 2000 – Resultados do Universo

Uso essas fontes de informação para dizer que quarenta e quatro (44% - soma dos pretos e pardos) por cento da população brasileira é afro-descendente e que finalmente, em 1999, a reunião de quatro organizações de diferentes naturezas – governamental, não governamental, organismo internacional e empresarial – possibilitou um acordo para produzir a transformação pessoal e social de vinte um (21) jovens pertencentes a esse segmento. Essa Ação Afirmativa de caráter inovador vem preencher essa imensa lacuna que no Brasil ainda impossibilita o acesso dos afros-descendentes a condições de igualdade no campo do conhecimento.

“Ao longo da história da República, o negro foi sistematicamente alijado em todas as situações do mercado de trabalho ou de representação social em que houvesse outro elemento interessado em ocupar-lhe o lugar. Sendo que semelhante exclusão se dá na proporção inversa à semelhança do branco, pode-se atribuí-la ao componente étnico antes de qualquer outro. Em todas as instituições formais o negro encontra-se sempre em minoria, o que chega a causar para muitas pessoas a impressão de que ele seja um grupo bem pequeno na sociedade. No entanto, trata-se do maior subconjunto populacional isolado do país. Por meio de inúmeros subterfúgios, as autoridades, representantes da cultura oficial, buscam diluir o negro em inúmeras divisões, como ‘pardo’ (o pássaro pardal), ‘mulato’ (filho de mula), etc., todas bastante conhecidas. Esta diluição do número do negro tem por objetivo mascarar que se trata de maioria e bloquear-lhe o despertar da consciência com esse procedimento”<sup>45</sup>

---

<sup>45</sup> Cultura negra e dominação. W.N.Barbosa,2002,RS, p.57

“Se a nossa força é a palavra, só tem uma forma de exercer o diálogo: abrindo esse diálogo para os que não puderam ainda falar e nem ser ouvidos. Que o nosso diálogo seja provocador de outros diálogos”.<sup>46</sup>

---

<sup>46</sup> Iradj Eghari, da Comunidade Bahá'í, Brasília.

É condição fundamental que esta Dissertação contribua com o Projeto Geração XXI, se transformando em instrumento de Divulgação e Identificação de seus resultados no meio acadêmico, mesmo que ainda incompletos, já que o mesmo tem mais três (3) anos para sua finalização. Trago a expectativa de cooperar na ampliação, no enriquecimento e na consolidação desses gestores e parceiros, com vistas a novos projetos.

O Projeto XXI ainda está em andamento e os resultados positivos para todos os envolvidos são evidentes, visto que todos os vinte um (21) jovens já estão inseridos em universidades, em áreas de sua escolha.

Todos eles continuam morando nas mesmas comunidades, no entanto seus universos culturais foram grandemente ampliados, a auto-estima de cada um e de seus familiares foi desenvolvida. Possuem capacidade de reflexão, visto que já estão inseridos em universidades e são capazes de elaborar projetos culturais, de iniciar a compreensão do dilema dos afro-descendentes. Estão se preparando, cada um por um caminho diferente, para enfrentarem os desafios da inclusão de seus iguais e deles próprios no mercado de trabalho, e em instituições onde antes nem sequer sonhavam participar.

Pais, mães e irmãos desses jovens voltaram a estudar, alguns a nível universitários, graças à inserção de um dos familiares no Projeto Geração XXI.

Alguns jovens deixaram a primeira opção escolhida e partiram para uma nova, porque descobriram em tempo, que não era exatamente aquele o seu verdadeiro caminho. Mas todos estão estudando em semestres e universidades diferentes, porém sem lhes faltar ânimo e continuamente apoiados pelos coordenadores do Projeto.

Os vinte e um (21) jovens participantes desse projeto já estão cursando : Jornalismo, Engenharia Mecatrônica, Enfermagem, Engenharia de Produção, Direito, Arquitetura, Comunicação e Mídias e Matemática, Educação Física, Técnico de Mídia Digital, Serviço Social, Psicologia, Fisioterapia, Relações Públicas, Gestão em Marketing e Pedagogia.

No encaminhamento dos jovens, todos os parceiros saíram lucrando, pois as discussões acerca das desigualdades raciais foram aproveitadas por orientandos e orientadores e ainda pelos gestores do Projeto.

A Fundação BankBoston adquiriu experiência na temática racial, tem agora

conhecimento acumulado de como gerir projetos e trabalhar com funcionários e outras empresas ligadas aos afro-descendentes.

O Poder Público vem exercendo pressão para que empresas de grande porte instaladas no Brasil, principalmente os Bancos, desenvolvam projetos de AA para o segmento afro-descendente.

O BankBoston já sai ganhando, pois já adquiriu uma experiência de mais de seis (6) anos e pode ser, o modelo que a sociedade precisa na implantação desses, projetos nas empresas.

Durante o aprendizado, os jovens tomaram conhecimento de fatos reais de discriminação, racismo e outras formas de exclusão em relação aos afro-descendentes, muitas vezes experiências deles próprios, pois todos os cidadãos envolvidos com esse segmento sofrem ou assistem cotidianamente a formas de exclusão.

A compreensão da necessidade de AA para esse público se tornou uma meta para cada um dos envolvidos, inclusive eu, a pesquisadora, que vivo agora procurando desvendar caminhos e soluções que permitam diminuir gradualmente o racismo e aumentar a consciência de todos para o desvendar de soluções a curto ou a longo prazo.

O mais importante é não ficar esperando pelos outros, cada um tem obrigação de participar com sua parcela de conhecimento, afinal somos todos brasileiros e não podemos separar grupos de cidadãos e tratá-los como de segunda classe e ainda por cima, fingir que não está acontecendo nada.

Se quisermos um Brasil justo e igualitário vamos todos arregaçar as mangas e trabalhar para o desmonte de todas as formas de racismos que persistem em sobreviver na nossa sociedade.

O BankBoston está desenvolvendo um projeto de inserção desses jovens, capacitando-os, dentro do próprio banco, por meio de estágios, para o mercado de trabalho. Colocou, à disposição dos jovens empreendedores experimentados para orientá-los para seus planos de carreira.

Posso dizer que, paralelamente ao desenvolvimento físico, se deu o desenvolvimento da autoconfiança e da cultura geral e o fortalecimento da própria identidade negra. Já adquiriram conhecimentos de outras linguagens culturais e fazem intercâmbios com outros grupos culturais. Toda essa bagagem cultural está ligada diretamente à suplementação recebida.

Ainda há muito o que se fazer para inserção completa desses vinte um (21) jovens afro-descendentes, porém a maior parte já está sendo feita.

Todas as informações utilizadas nesta pesquisa sobre o Projeto Geração XXI, documentos, fontes, regras e normas, planejamentos, critérios de seleção, me foram disponibilizadas pelos responsáveis pelo Projeto Geração XXI e Geledés – Instituto da Mulher Negra. Coloco aqui meu agradecimento a todos que colaboraram.

Muitas informações acima citadas estão praticamente colocadas literalmente, fato que pode parecer estranho, mas, para historicizar, discutir rever, ampliar e explicitar o projeto e os bons resultados conseguidos, essa “repetição” se faz necessária.

A minha pesquisa para a Dissertação de Mestrado teve por finalidade mostrar que quando os afro-descendentes são inseridos na sociedade através de ações geradoras de inclusão e igualdade, que visem a corrigir os mecanismos de discriminação, serão capazes de se transformar em modelos positivos para as próximas gerações e de formarem uma elite negra bastante distanciada da sua origem de exclusão.

O Projeto Geração XXI foi previsto para durar nove (09) anos e já decorreram mais de dois terços do prazo previsto, portanto, o Geledés e os grupos diretamente envolvidos iniciaram, no mês de setembro de 2005, uma avaliação geral da situação escolar, familiar e de trabalho dos vinte e um (21) jovens negros participantes deste projeto; são os nomeados Planos Individuais. Uma amostra desta avaliação se encontra acrescida à Dissertação.

Esses Planos Individuais são de uma enorme magnitude, necessitando do trabalho de um grande contingente de participantes da equipe que engloba todo o Projeto GXXI. Portanto, não sendo possível apresentá-lo na íntegra, coloco os pareceres já concluídos, que recebi em forma de entrevista no mês de março de 2006, de Rosângela (Janja) Costa Araújo, Coordenadora do GXXI.

A saber:

- os jovens agora não poderão mais trocar de curso ou de universidade, visto que o tempo de que dispõem para o término dos mesmos é de menos de três (03) anos

- a conclusão de todos os planos se dará no final do segundo semestre de 2007.

- o plano de ação de maior importância e o fortalecimento dos jovens para sua própria autonomia

- dar condições para que cada jovem, mesmo ainda não terminando a graduação, possa ingressar no mercado de trabalho, sem que isto o impeça de terminar o curso

- ampliar sua auto-confiança no que diz respeito o ingresso em funções relacionadas a sua escolha educacional

- mobilização e sensibilização do meio empresarial para a admissão desses jovens em seus quadros de funcionários, dando a eles o salário e a posição de acordo com os conhecimentos já adquiridos

- o Geledés visa a trabalhar as individualidades, com fortalecimento psicológico, dos jovens para o ingresso no mercado de trabalho. Esse trabalho já vem desde o ingresso no Projeto

- até a aceitação dos jovens na orientação para as carreiras, a maioria deles trabalhava em calcenters. Isto é, em telemarketing, longe dos olhos do público, visto que todos são negros e o mercado de trabalho está pouco preparado para inseri-los em trabalhos onde possam ser vistos e contatarem o público.

- todos os jovens são orientados para se prepararem para concorrerem às vagas do serviço público

- estarem inseridos no mercado de trabalho mostra a estes jovens a importância de sua trajetória dentro do projeto.

- maior divulgação do projeto através da participação deste no mercado de trabalho

- todos alcançarem a formatura e o sucesso profissional e por consequência, conquistar novos espaços.

É claro que nem tudo foram rosas no decorrer do Projeto, pois os jovens deixaram a escola pública, onde já estavam adaptados, e foram inseridos em escolas privadas, em um ambiente muito diverso do seu cotidiano.

Houve sobrecarga de responsabilidades para todos eles, como a distância das novas escolas, os cursos de suplementação, as atividades extra-classes, os passeios, as viagens.

Também o choque de culturas, quando da sua inserção nas escolas particulares, particularmente de línguas estrangeiras, sem esquecer a timidez, a insegurança e a falta de discernimento para a escolha da carreira.

Alguns desses jovens tiveram inúmeras dificuldades acadêmicas, trocaram mais de uma vez de curso universitário, foram reprovados em alguns semestres, constituíram família e novos relacionamentos. Visto que tinham entre quinze (15) e dezesseis (16) anos e no momento, têm em média vinte um (21) anos de idade.

Tiveram que aprender a se portar diante de situações de racismos explícitos a que foram expostos, principalmente nos passeios culturais. Sem deixar de citar as cobranças recebidas pelo fato de nenhum deles ter entrado em universidade pública.

E o problema do projeto não poder abranger todos os membros da família, quer dizer, nem todos os jovens da mesma casa tiveram oportunidade de participar do Projeto e isso provavelmente gerou sérios conflitos familiares.

Esse sucesso visível do Projeto Geração XXI vai repercutir no meio empresarial, nos órgãos governamentais e será replicável. Isto é, todos os jovens, em breve, estarão inseridos no mercado de trabalho, servirão de modelo para nova concepção de projetos que valorizam o afro-descendente; que merecem ser replicados indefinidamente, pois ele é viável e tem conotação altamente positiva.

E a experiência adquirida por todos os participantes no decorrer do Projeto estimulou a discussão de empresas visando a aplicação de iniciativas similares.

Construir com os parceiros uma proposta para a ampliação do debate sobre diversidade e cidadania nas escolas

A experiência do BankBoston permitirá que se mantenha entre empresas um termo de cooperação técnica, disseminando a implementação de políticas públicas para o afro-descendente. Servirá para romper com os preconceitos, arraigados desde sempre e despertar a consciência do brasileiro de que realmente há racismo no Brasil e que ele pode ser superado.

Pesquisando na Internet, encontrei a informação de que existem duzentas e trinta e quatro páginas em português acerca do Geledés, porém não existe até o momento nenhuma Dissertação ou Tese Universitária que tenha como prioridade historicizar o Projeto Geração XXI, do Geledés- Instituto da Mulher Negra.

A conclusão a que eu chego, no final desta pesquisa, é que o Impacto do Projeto Geração XXI na vida dos jovens, de suas famílias e dos grupos envolvidos, foi extremamente positivo e vem contribuindo para a ampliação do debate sobre a diversidade e cidadania nas escolas e na sociedade.

Estão se formando vinte um (21) sujeitos com responsabilidade social, capazes de realizar suas escolhas e preparados para iniciarem uma mudança na sociedade, partindo deles mesmos, onde o racismo, não será mais tolerado e os diferentes terão ascendido ao

desenvolvimento sustentável a que têm direito todos os habitantes do país. Liderança capaz de contribuir para a transformação da sociedade brasileira no que concerne às questões étnico-raciais. Com uma bagagem de conhecimento em assuntos gerais e diferentes culturas, capacitados para uma melhor comunicação entre as pessoas. Sem contar que estão bem informados sobre, a arte, a informática e a literatura.

Outras entidades da sociedade civil estão atuando em São Paulo e em diversas capitais brasileiras, com Projetos destinados à comunidade afro-descendente, com intuito de promovê-los, protegê-los e encaminhá-los à situações de pé de igualdade com a sociedade em geral . Sem pretenderem excluir o direito de outros grupos, essas entidades debatem criticamente as práticas racistas, buscando o estabelecimento de um lugar próprio para os afro-descendentes.

- Ong CEERT, foi criada em 1990, tem como objetivo a produção de conhecimento que colabore com a promoção da igualdade. Presta assistência jurídica, produz materiais educativos, entre outras atividades sociais. ([www.ceert.org.br](http://www.ceert.org.br))

- CONDEPE , é também uma Ong que atua na área da defesa dos direitos humanos, com crianças, adolescentes e afro-descendente, em São Paulo. ([www.justica.sp.gov.br/condepe/index.htm](http://www.justica.sp.gov.br/condepe/index.htm))

- Fala Preta-Organização de Mulheres Negras, fundada em 1997,tem como meta a defesa dos direitos humanos, embasada na igualdade, equidade e justiça. ([www.falapreta.org.br](http://www.falapreta.org.br))

Para se ter uma listagem mais atualizada dessas e outras entidades, acesse: [www.guiadh.org](http://www.guiadh.org)

Não sendo humanamente possível abarcar vários Projetos que trabalham com a promoção da igualdade, escolhi aquele que mais me tocou, que foi o Projeto Geração XXI

Finalizando, declaro o ineditismo desta minha Dissertação de Mestrado, enfocando o Projeto Geração XXI, do Geledés – Instituto da Mulher Negra.

“(...) o processo de registro histórico é parte integrante indispensável, sendo feito de forma concomitante e complementar à avaliação em processo.

O registro sistemático do Projeto Geração XXI terá por objetivos:

-subsidiar o processo de construção de identidade do Projeto, propiciando desenvolver e valorizar a memória histórica referente a ele, o que se mostra indispensável por se tratar de processo de longa duração. Tal memória tem significado social, institucional e pessoal, considerando todos os envolvidos e, em particular os 21 adolescentes, que ali entrelaçam sua vida, sua condição humana revalorizada pelo Projeto, seu ser.

- manter o registro das atividades desenvolvidas por cada um dos diferentes parceiros institucionais responsáveis pelo Projeto em diferentes momentos, propiciando a identificação de papéis desempenhados, o que é marcado de especial importância quanto se considera a longa duração do projeto e as mudanças pelas quais passam inevitavelmente as instituições, incluindo-se, aí, as mudanças referentes a pessoas ocupando postos específicos.

- documentar fidedignamente a experiência do Projeto desde seus primórdios, e em seus diferentes momentos, mantendo um acervo de documentos e informações que possam auxiliar tanto aqueles que pretendam valer-se da experiência como modelo, quanto daqueles que desejem dados para pesquisas acadêmicas (...)<sup>47</sup>

---

<sup>47</sup> Plano de Trabalho para Sistemática de Avaliação em Processo e de Registro-Projeto Geração XXI

## BIBLIOGRAFIA

- Andrade, Mario de. Macunaíma. Belo Horizonte, Editora Guarnier, 2000.
- Barbosa, Wilson do Nascimento. Cultura Negra e Dominação, São Leopoldo,RS,Editora Unisinos,2002.
- Bastide, Roger e Fernandes, Florestan (orgs.). Relações Raciais Entre Negros e Brancos em São Paulo. São Paulo, Anhembi, 1955.
- Bento, M. Aparecida Silva. Cidadania em branco e preto: discutindo as relações raciais. São Paulo, Editora Ática,1998.
- Bittencourt, Circe (Org.). O saber histórico a sala da aula. São Paulo, Editora Contexto, 1998.
- Carneiro, Maria Luiza Tucci. O Racismo na História do Brasil – Mito e Realidade. São Paulo, Ática, 1994.
- \_\_\_\_\_.Preconceito Racial no Brasil Colônia. São Paulo, Editora Brasiliense, 1983.
- Carvalho, José Jorge. Exclusão Racial na Universidade Brasileira: um caso de ação negativa. In: O negro na Universidade. Delcele Mascarenhas Queiroz (coord.), UFBA, Ed. Novos Toques, Salvador, 2002.
- Chiavenato, Júlio José. O Negro no Brasil – da Senzala à Guerra do Paraguai. São Paulo, Brasiliense, 1980.
- Constituição Federal de 1988 – Legislação Brasileira. São Paulo, Editora Juarez de Oliveira, 2001.
- Costa, Emília Viotti da. Da Senzala à Colônia. São Paulo, Unesp, 1998.
- Cunha Júnior, Henrique. Textos para o Movimento Negro. São Paulo, Edicon, 1992.
- Eco, Umberto. Como se faz uma tese. São Paulo, Editora Perspectiva S. A, 1995.
- D’Adesky, Jacques Edgard François. Pluralismo étnico e Multiculturalismo – Racismo e Anti-racismo no Brasil. Tese de Doutorado, FFLCH-USP, São Paulo, Editora Pallas, 1997.
- \_\_\_\_\_.Multiculturalismo e Educação. In: Cadernos PENESB – 4, Iolanda de Oliveira(org.), Ed. UFF, RJ, 2002.
- Dicionário da Língua Portuguesa.Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira S. A, 1988.
- Fernandes, Florestan. Significado do Protesto Negro – Polêmicas do Nosso Tempo. São Paulo, 1989.
- \_\_\_\_\_.Circuito Fechado. Quatro ensaios sobre o poder institucional.São Paulo, Editora

Hucitec, 1976.

\_\_\_\_A Integração do Negro na Sociedade de Classes. São Paulo, Ática, 1978.

Volume I e II.

Ferreira, Ricardo Franklin. Afro Descendente – Identidade em Construção. São Paulo, Fapesp educ, 2000.

\_\_\_\_O Negro no Mundo dos Brancos. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1972.

Freyre, Gilberto. Casa Grande e Senzala. Rio de Janeiro, Editora Record, 2001.

Furtado, Celso. O mito do desenvolvimento econômico. São Paulo, Editora Paz e Terra, 1996.

Gorender, Jacob. Brasil em Preto & Branco. São Paulo, Ed. Senac, 2000.

Guimarães. A. Sergio Alfredo. Racismo e anti-racismo no Brasil. Ed. 34, São Paulo, 1999.

\_\_\_\_Democracia Racial. In: Cadernos PENESB – 4. Iolanda de Oliveira (org.), UFF, RJ, 2002

Heringer, Rosana (org.). Sonhar o Futuro, Mudar o Presente. Diálogos contra o racismo, por uma estratégia de inclusão racial no Brasil. Ibase, Rj, 2002.

Machado, Ana Clara. Menina bonita do laço de fita. São Paulo, Editora Ática, 1997.

Mattoso, Kátia de Queirós. Ser escravo no Brasil. São Paulo, Editora Brasiliense, 1990.

Meihy, José Carlos Sebe B. (Org.). Re-introduzindo a História Oral no Brasil. Série Eventos, FFLCH-USP, São Paulo, 1996.

Moura, Clóvis. Sociologia do Negro Brasileiro. São Paulo, Ática, 1988.

\_\_\_\_Rebeliões da Senzala – (Coleção)A questão social no Brasil. São Paulo, Editora Ciências Humanas Ltda, 1981.

Munanga, Kabengele. Negritude – Usos e Costumes. São Paulo, Ática, 1988.

\_\_\_\_Rediscutindo a mestiçagem no Brasil. Identidade Nacional versus Identidade Negra. Petrópolis, Vozes, 1999.

\_\_\_\_ O anti-racismo no Brasil. In: Estratégias e Políticas de Combate à Discriminação Racial (org.).São Paulo, Edusp, 1996.

\_\_\_\_Construção da Identidade Negra no contexto da Globalização.In: Cadernos PENESB – 4, Iolanda de Oliveira (org.), Ed. UFF, RJ, 2002.

Neres, Julio Maria. Negro e Negritude. São Paulo, Ed. Loyola, 1997. (coord.) Iokoi, Zilda M. Grícoli.

Nogueira, Oracy. Preconceito racial de marca e preconceito racial de origem – Anais

do XXXI Congresso Internacional de Americanistas, São Paulo, 1954.

Perrot, Michelle. Os Excluídos da História – operários, mulheres, prisioneiros. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1988.

Portelli, Alessandro. Conferência: ética e História Oral – Edição comemorativa dos 25 anos do Programa de Estudos de Pós-Graduação da PUC-SP.

Reis, João José. Rebelião escrava no Brasil. São Paulo, Editora Brasiliense, 1986.

Prado Júnior Caio. Formação do Brasil Contemporâneo – Colônia. São Paulo, Brasiliense, 1942.

Rodrigues, André Figueiredo. Como Elaborar Citações e Notas de Rodapé. São Paulo, Editora Humanitas, 2004.

Rodrigues, Fernando. Racismo Cordial. Autores In: Turra, Cleusa; Venturini, Gustavo (Orgs). Racismo Cordial: a mais completa análise sobre preconceito de cor no Brasil. São Paulo, Editora Ática, 1995.

Rolnik, Raquel. Cidade & História – Modificação das Cidades Brasileiras nos séculos XIX e XIX. História Urbana: História na Cidade. Salvador, 1992.

\_\_\_\_\_. A cidade a lei – Legislação, política urbana e territórios na cidade de São Paulo. Fapesp, Editora Studio Nobel.

Sâmara, Eni de Mesquita. Racismo & Racistas: trajetória do pensamento racista no Brasil (org.), São Paulo, Edusp, 2001

Santos, Hélio. A Busca de um Caminho para o Brasil – A trilha do Círculo Vicioso. Senac, São Paulo, 2001.

Santos, Joel Rufino dos. O que é Racismo. São Paulo, Nova Cultural Ltda.

Schwarcz. Lilia M. Racismo no Brasil. São Paulo, PubliFolha, 2001.

\_\_\_\_\_(Org.). Raça e Diversidade. São Paulo, Editora Edusp, 1996.

\_\_\_\_\_. O espetáculo das raças. São Paulo, Editora Cia das Letras, 1993.

Severino, Antonio Joaquim. Metodologia do Trabalho Científico. São Paulo, Cortez Editora, 1993.

Silva, Ana Célia da. A discriminação do negro no livro didático. Salvador, Centro Editorial e Didático, 1995.

Silva, M. Aparecida da (Cidinha da Silva). Ações Afirmativas para o Povo Negro no Brasil. In: Racismo no Brasil. São Paulo, Ação Educativa – API, Anped. Apoio Fund. Ford, 2002.

\_\_\_\_\_(Org.) Ações Afirmativas em Educação - Experiências Brasileiras, São Paulo, Editora Summus, 2003.

\_\_\_\_\_A Experiência do Núcleo de Educação de Geledés em Capacitar Educadores/as para Combater o Racismo. In: Formação de Educadores/as Para o Combate ao Racismo: mais uma tarefa essencial. Brasil, Milão, Londres, 1997.

Silva, Sidney Pessoa Madruga da. Discriminação Positiva: Ações Afirmativas na Realidade Brasileira. Dissertação de Mestrado em Direito Publico, da UFB, Salvador, 2004.

Skidmore, Thomas E. Preto no Branco: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro. Ed. Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1976.

Slenes, Robert W. Na senzala uma flor. Esperanças e Recordações na Formação da Família Escrava – Brasil, sudeste, séc. XIX. Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 1999.

Sodré, Nelson Werneck. Síntese de História da Cultura Brasileira. São Paulo, Editora Civilização Brasileira S. A, 1994.

Souza, Marina de Mello e. Reis negros no Brasil escravista. História da festa de coroação de rei congo. Belo Horizonte, UFMG, 2002

Souza, Neusa Santos. Tornar-se Negro ou As Vicissitudes da Identidade do Negro Brasileiro em Ascensão Social. Rio de Janeiro, Editora Graal, 1983.

Teixeira, Valéria M. Borges. Abrindo as Cancelas da África. Rompendo as Barreiras do Conhecimento – A Experiência Educacional do Projeto Geração XXI. In: Silva, M. Aparecida da (Org.) Ações Afirmativas em Educação. São Paulo, Editora Summus, 2003.

Teodoro, Maria de Lourdes. Elementos Básicos das Políticas de Combate ao Racismo Brasileiro. In: Estratégias Políticas de Combate à Discriminação Racial. São Paulo, Edusp, 1996.

Todorov, Tzvetan. Nós e os Outros: A Reflexão francesa sobre a diversidade humana. Rio de Janeiro, Editora Jorge Zahar, 1993.

Tomazi, Nelson Dacio. Iniciação à Sociologia. São Paulo, Editora Atual, 2000.

Thompsn, Edward. A miséria da teoria – O termo ausente.

Thompson, Paul. A voz do passado – História oral. São Paulo, Editora Paz e Terra.

Valente, Ana Lúcia E. F. Ser Negro no Brasil Hoje. São Paulo, Moderna Ltda, 1987.

Vieira, M. do Pilar de Araújo; Peixoto, M. do Rosário da Cunha; Khoury, Yara Aun. A Pesquisa Em História. São Paulo, Editora Ática, 1998.

**ANEXOS**

D

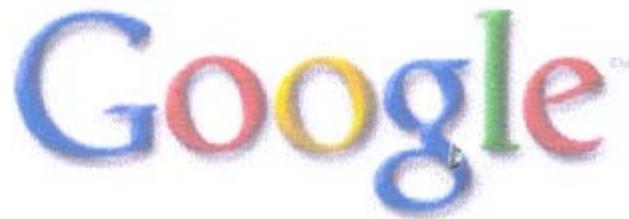


## Previsão de conclusão dos Cursos

Bolsista	1º sem 2005	2º sem 2005	1º sem 2006	2º sem 2006	1º sem 2007	2º sem 2007	1º sem 2008	2º sem 2008	1º sem 2009	2º sem 2009
Caroline										
Cristiane										
Daniela										
Danilo										
Dayane										
Débora										
Deyvison										
Gustavo										
João Marcelo										
Kilze										
Kleber										
Marcelo										
Neuma										
Paula										
Priscila										
Rafaela										
Raphael										
Richele										
Rode										
Rogério										
Willians										

Legenda:	
	Dentro da Previsão do Projeto
	Fora dessa Previsão
	Casos Críticos

geração XXI - Geledés - Pesquisa



Web [In](#)

geração

Pesquisa

**Web** Resultados 1 - 10 de aproxim

### [| GIFE | Grupo de Institutos Fu](#)

Certamente, desenvolver um projeto  
Projeto **Geração XXI** foi um marco in  
[www.gife.org.br/casos\\_noticias.php](http://www.gife.org.br/casos_noticias.php)

### [Fundação BankBoston](#)

Projeto **Geração XXI** Rua Abílio Soa  
geracaoxxi@uol.com.br · [www.geledes.org.br](http://www.geledes.org.br)  
[www.bankboston.com.br/fundacao/](http://www.bankboston.com.br/fundacao/)  
[Em cache](#) - [Páginas Semelhantes](#)

### [Untitled Document](#)

Portal - Suas atribuições como "Cidi  
**Geração XXI** e outras tantas funçõe  
[www.portalafro.com.br/geracaoXXI/c](http://www.portalafro.com.br/geracaoXXI/c)

**geledés**

## ***Projeto Geração XXI***

*Rua Abílio Soares, 568 - Paraíso - CEP. 04005-002 - São Paulo - SP*  
*Tel. (011) 3885-8291 - Telefax (011) 3885-4629 - E-mail: geracaoxxi@uol.com.br*

---

2.6 - O que poderia fortalecê-lo(a) na busca de alternativas na profissão que você escolheu?

2.7 - Como e quais são os contatos com os profissionais de sua área? Há algum profissional que o inspire em sua vida acadêmica?

2.8 - O que você considera importante para compatibilizar compromissos de estudo com compromissos profissionais (que venham a existir ou já existam)?



## Reportagem do Jornal da Usp de 12 a 18 de dezembro de 2005, com a Reitora Suely Vilela

Jornal da USP — No seu programa de candidata a reitora a senhora defendeu ações afirmativas de inclusão, adaptando a vocação acadêmica da Universidade às novas demandas sociais. Que ações serão essas?

*Suely Vilela* — Os números que temos indicam baixa população de negros na Universidade, e há também a questão socioeconômica. Portanto, a inclusão é étnica e econômica e a USP precisa avançar nisso. Apesar do aumento do número de vagas — e com a USP Leste aumentamos a inclusão tanto étnica quanto socioeconômica —, o atendimento pleno ainda está aquém das possibilidades. Nossa meta é investir significativamente nessa direção. Como fazer? Melhorando a qualidade do ensino médio e fundamental. Vamos criar cursos, tanto pró-universitários como pré-universitários, atuando diretamente com o aluno, dando aulas, reforçando e qualificando professores. Já temos experiência nesse campo, mas queremos fazer em dimensão maior. E aí são necessários recursos extra-orçamentários e parcerias. Nosso modelo de inclusão são ações afirmativas como essas. São exemplos disso a isenção de taxa de inscrições no vestibular, que este ano foi significativa, a inclusão de portadores de deficiência física e a adequação dos espaços para lhes facilitar o acesso.

JUSP — A senhora se referiu a “cota com mérito”. O que é cota com mérito?

*Suely* — Cota no sentido tradicional é reservar vagas e simplesmente colocar a pessoa aí. Nós não entendemos assim. Cota com mérito é, por exemplo, você dar peso diferente para quem veio da escola pública. Então, vai haver um processo seletivo no vestibular, depois poderá haver pontuações para determinadas classes. Isto é, você atribui peso diferenciado para determinados segmentos. Cota terá critérios de avaliação.